

A FALA SAGRADA

As Belas Palavras: assim os índios guarani denominam as palavras que lhes servem para se dirigir a seus deuses. Bela linguagem, fala sagrada, agradável ao ouvido dos divinos, que as consideram dignas de si.

Linguagem de um desejo de supra-humanidade, desejo de uma linguagem próxima da dos deuses: os sábios guarani souberam inventar o esplendor solar das palavras dignas de serem dirigidas somente aos divinos.

Belas Palavras — lugar de um saber esotérico que descreve sucessivamente, em uma linguagem de encantamento, a gênese dos deuses, do mundo e dos homens. Textos de essência religiosa dos quais encontraremos aqui a maior parte dos que traçam os momentos principais da cosmogênese guarani.

Pierre Clastres



P A P I R U S E D I T O R A

ISBN 85-308-0120-2

PAPIRUS

A FALA SAGRADA — Mitos e cantos sagrados dos índios guarani

PIERRE CLASTRES

P I E R R E C L A S T R E S



A FALA SAGRADA

MITOS E CANTOS
SAGRADOS
DOS ÍNDIOS
GUARANI



P A P I R U S E D I T O R A

PIERRE CLASTRES

Tradução
Nícia Adan Bonatti

A Fala Sagrada
MITOS E CANTOS SAGRADOS
DOS ÍNDIOS GUARANI



Travessa do Ouvidor, 11-A
Centro • RJ • Tel.: 242-5344

Título original em francês: *Le grand parler - Mythes et chants sacrés des Indiens Guarani*

© Editions du Seuil, 1974

Tradução: Nícia Adan Bonatti

Capa: Francis Rodrigues

Equipe Editorial

Coordenação: Beatriz Marchesini

Copidesque: Niuza M. Gonçalves

Revisão: Josiane Pio Romera

Regina Maria Seco

Vera Luciana Morandim

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Clastres, Pierre, 1934-1977.

A fala sagrada : mitos e cantos sagrados dos índios Guarani /
Pierre Clastres ; tradução Nícia Adan Bonatti. — Campinas, SP :
Papyrus, 1990.

Bibliografia.

1. Índios da América do Sul — Religião e mitologia 2. Índios Guarani — Lendas 3. Índios Guarani — Religião e mitologia 4. Índios Guarani — Ritos e cerimônias I. Título. II. Título: Mitos e cantos sagrados dos índios Guarani.

CDD—390.098

—299.8

—980 3

90-1026

Índices para catálogo sistemático:

1. América do Sul : Índios : Mitologia 299 8
2. Guarani : Índios : América do Sul 980.3
3. Guarani : Índios : Lendas 390.098
4. Guarani : Índios : Mitologia 299.8
5. Guarani : Índios : Ritos e cerimônias 299.8
6. Índios : Brasil : Religiões 299.8

ISBN 85-308-0120-2

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© M. R. Cornacchia & Cia. Ltda.

 **papyrus EDITORA**

Fone: (0192) 32-7268 - Cx. Postal 736

13001 - Campinas - SP - Brasil

proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida ou modificada, em língua portuguesa ou qualquer outro idioma.

*Ñamandu pai verdadeiro primeiro!
é sobre sua terra que Ñamandu Grande Coração,
divino espelho do saber das coisas,
se anima.
Você que faz com que se animem
aqueles que você proveu do arco,
eis: de novo nós nos animamos.
As coisas sendo assim: quanto às Palavras indestrutíveis,
as quais nada, jamais, enfraquecerá,
nós,
os pouco numerosos órfãos das coisas divinas,
nós as repetiremos, animando-nos.
Que possamos então nos animar
e nos animar uma vez mais,
Ñamandu pai verdadeiro primeiro!*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
------------------	---

1

O TEMPO DA ETERNIDADE

I Aparecimento de Ñamandu: os divinos	20
II Fundamento da Palavra: os humanos	26
III Criação da primeira terra	34
IV Fim da idade de ouro: o dilúvio	46

2

O LUGAR DA INFELICIDADE

V <i>Ywy Pyau</i> : a terra nova	57
VI As aventuras dos Gêmeos - Versões	60
VII A origem do fogo - Versões	102

OS ÚLTIMOS DAQUELES QUE FORAM
OS PRIMEIROS ADORNADOS

VIII Os belamente adornados	111
IX Todas as coisas são uma	125
X Existo de maneira imperfeita	140
 BIBLIOGRAFIA	 144

INTRODUÇÃO

As Belas Palavras: assim os índios guarani denominam as palavras que lhes servem para se dirigir a seus deuses. Bela linguagem, fala sagrada, agradável ao ouvido dos divinos, que as consideram dignas de si. Rigor de sua beleza na boca dos sacerdotes inspirados que as pronunciam; embriaguez de sua grandeza no coração dos homens e das mulheres que os escutam. Essas *ñe'ë porä*, essas Belas Palavras, ecoam ainda nos lugares mais secretos da floresta que, desde sempre, abriga aqueles que, autonomeando-se, *Ava*, os Homens, se afirmam assim depositários absolutos do humano. Homens verdadeiros portanto e, exacerbados por um orgulho heróico, eleitos dos deuses, marcados pelo sinal do divino, esses que se dizem igualmente os *Jegua-kava*, os Adornados. As plumas das coroas que ornaram suas cabeças murmuram ao ritmo da dança celebrada em homenagem aos deuses. A coroa reproduz a chamejante cabeleira do grande deus *Ñamandu*.

Quem são os guarani? Da grande nação cujas tribos, na aurora do século XVI, contavam seus membros às centenas de milhares, só subsistem ruínas hoje em dia: talvez cinco ou seis mil índios, dispersos em minúsculas comunidades que tentam sobreviver à margem do mundo branco. Estranha existência a deles. Agricultores de queimada, a mandioca e o milho de suas plantações asseguram-lhes, bem ou mal, sua subsistência. E, quando precisam de dinheiro, alugam seus braços aos ricos exploradores madeireiros da região. Uma vez decorrido o

tempo necessário à aquisição da soma desejada, voltam silenciosamente às estreitas trilhas que se perdem no fundo da floresta. Pois a verdadeira vida dos índios guarani desenrola-se não às margens do mundo branco mas muito mais longe, onde continuam a reinar os antigos deuses, onde nenhum olhar profanador do estrangeiro de boca grande corre o risco de alterar a majestade dos ritos.

Poucos povos testemunham uma religiosidade tão intensamente vivida, vínculos tão profundos aos cultos tradicionais, vontade tão férrea de manter em segredo a parte sagrada de seu ser. Às investidas ora mal-sucedidas, ora brutais dos missionários opõem sempre uma recusa arrogante: "Guardem seu Deus! Temos os nossos!" E tão potente era seu zelo em proteger de toda conspurcação seu universo religioso, fonte e fim de sua força de viver, que até em data recente o mundo branco permanecia na total ignorância desse mundo dito selvagem, desse pensamento do qual não se sabe o que o torna mais admirável, se sua profundidade propriamente metafísica ou a suntuosa beleza da linguagem que o exprime. Para que os guarani consentissem em abrir uma brecha nesse formidável muro de silêncio com o qual envolvem o edifício de suas crenças e que o zelo obstinado dos missionários jamais conseguiu abalar, foi preciso que um branco soubesse merecer deles uma confiança sem restrições, foi preciso a descoberta e a conquista de uma grande amizade, a que nasceu do encontro dos índios e do paraguaio León Cadogan, amizade que o decorrer dos anos jamais enfraqueceu e que só cessou no ano passado, com a morte daquele que os guarani chamavam de "nosso verdadeiro companheiro, que tem seu lugar em nossos lares".

A benevolência amigável com que nos honrava este homem de tão rara generosidade intelectual permitiu-nos o acesso aos sábios guarani. A garantia do nome de León Cadogan, aliás, nem sempre era suficiente para romper sua recusa em falar. Às vezes nos foi necessário abandonar uma aldeia indígena ao fim de vários dias de espera vã; aparentemente indiferentes à nossa presença, os guarani preparavam ao nosso redor uma zona de silêncio que nada os levaria a quebrar. León Cadogan morreu: é provável que agora os guarani não permitam que tão cedo um outro branco escute suas Belas Palavras.

A substância da sociedade guarani é seu mundo religioso. Se o seu ancoradouro nesse mundo se perder, então a sociedade se desmorrará. A relação dos guarani com seus deuses é o que os mantém

como Eu coletivo, o que os reúne em uma comunidade de crentes. Essa comunidade não sobreviveria um só instante à perda da crença. Os índios sabem disso. E é porque, obrigados a pactuar com o mundo branco em um trabalho episódico com vistas a arrumar um dinheiro às vezes necessário, continuam intransigentes diante de tudo o que possa ameaçar o espaço de sua fé, espaço em que se encontra integralmente restrito todo o *ethos* da tribo. O fato de serem impermeáveis às investidas dos missionários confere a esses índios um lugar particular no horizonte etnocida que definiu, como sabemos, o destino dos indígenas americanos. É porque uma mesma fé os reúne que os guarani continuam como tribo; somente sua religiosidade anima seu espírito de resistência. Mas de onde vem a potência dessa ligação com os deuses tradicionais? Onde se enraíza essa diferença que tanto distingue os guarani dos outros índios?

Quando, no início do século XVI, os primeiros europeus puseram os pés na América do Sul, os portugueses e franceses entre os tupi, os espanhóis entre os guarani, encontraram essas sociedades, culturalmente homogêneas, profundamente impregnadas por uma surda inquietação. De tribos em tribos, de aldeias em aldeias, erravam homens denominados *karai* pelos índios, que não cessavam de proclamar a necessidade de abandonar esse mundo que reputavam mau, a fim de ganhar a pátria das coisas não-mortais, lugar dos deuses, Terra sem Mal. Trata-se do fenômeno das migrações religiosas que lançavam milhares de índios na esteira dos *karai*, em uma busca apaixonada do paraíso terrestre, freqüentemente do oeste para o leste, na direção do sol nascente, e às vezes no sentido inverso, na direção do sol poente.

Não podemos nos deter aqui sobre a razão de ser desse profetismo tupi-guarani, de aparição bem anterior à chegada dos ocidentais. Indiquemos simplesmente que ele traduzia, no plano religioso, uma profunda crise da sociedade e que essa mesma crise estava certamente muito ligada à lenta mas segura emergência de potências de dominação territorial. Em outros termos, a sociedade tupi-guarani como sociedade primitiva, sociedade sem Estado, via surgir de seu seio essa coisa absolutamente nova, um poder político separado que, como tal, ameaçava deslocar a antiga ordem social e transformar radicalmente a relação entre os homens. Não se saberia explicar a aparição dos *karai*, os profetas, sem articular com essa outra aparição, a dos grandes *mburuvicha*, os chefes. E a facilidade, o fervor com que os índios

respondiam aos apelos dos primeiros, revela bem a profundidade da desordem em que os mergulhava a inquietante figura dos chefes; os profetas de modo algum pregavam no deserto.

Esse profetismo selvagem envolvia assim uma significação política em sua essência. Mas é sua expressão religiosa e a linguagem do profeta que devem deter nossa atenção. A pregação dos *karai*, nos séculos XV e XVI, pode condensar-se em duas afirmações: o mundo tornou-se ruim demais para que se fique nele mais tempo; devemos abandoná-lo para nos instalarmos na terra onde o mal está ausente. Ora, se compararmos o conteúdo desse antigo discurso profético com a pregação dos sábios guarani contemporâneos, percebemos que eles dizem exatamente a mesma coisa e que as Belas Palavras de agora repetem a mensagem de antigamente, com uma diferença: por não poder doravante realizar o sonho de atingir *ywy mara eý*, a Terra Sem Mal, através da migração religiosa, os índios atuais esperam que os deuses Ihes falem, que os deuses Ihes anunciem a vinda dos tempos das coisas não-mortais, da completeza acabada, desse estado de perfeição no e através do qual os homens transcendem sua condição. Se eles não se colocam mais em marcha, permanecem à escuta dos deuses e sem repouso fazem ouvir as Belas Palavras que interrogam os divinos.

Esse desejo de abandonar um mundo imperfeito jamais deixou os guarani. Através de quatro séculos de dolorosa história, ele não cessou de inspirar os índios. Muito mais: tornou-se quase que o único eixo em torno do qual se organizam a vida e o pensamento da sociedade, a ponto de ela determinar-se claramente como comunidade religiosa. A chegada dos europeus na América, a brutalidade da Conquista, o esmagamento das rebeliões indígenas, toda essa violência conjugada abreviou o livre desenvolvimento da transformação social consecutiva ao movimento profético. A migração religiosa maciça, como efeito concreto do discurso dos *karai*, tornou-se impossível. Fechado, conseqüentemente, do lado da práxis, o desejo de eternidade dos guarani procurou seu encaminhamento no aprofundamento da Palavra e extravasou-se do lado do *logos*. O discurso dos *karai* atuais permanece seguramente na linha direta do discurso profético pré-colombiano, mas toda a força do desejo que animava esses últimos voltou-se agora para a meditação. Houve, no limite, um movimento do ativismo migratório para o pensamento questionante, passagem da exterioridade do gesto concreto — da gesta religiosa — à interioridade constante-

mente explorada de uma sabedoria contemplativa. O desejo guarani de transcender a condição humana ultrapassou por sua vez a história e, conservando intacta sua força através do tempo, investiu totalmente no esforço do pensamento e de sua expressão falada.

Linguagem de um desejo de supra-humanidade, desejo de uma linguagem próxima da dos deuses: os sábios guarani souberam inventar o esplendor solar das palavras dignas de serem dirigidas somente aos divinos. E que ninguém se engane: o lirismo das Belas Palavras designa ao mesmo tempo a eclosão de um pensamento no sentido ocidental do termo. Se compararmos o *corpus* mitológico dos guarani com o das outras populações indígenas da América do Sul, ficaremos surpresos pela sua relativa pobreza. Ele se compõe essencialmente do grande mito dos Gêmeos, do mito da origem do fogo e do mito do dilúvio universal. Ficamos bem distantes da alegre exuberância que marca a capacidade de invenção mitológica dos povos selvagens. Devemos então atribuir aos guarani uma imaginação poética menos fértil, um dom menor de criação? Não acreditamos nisso. Pensamos antes que essa diferença mitológica entre os guarani e seus vizinhos mede exatamente a distância que separa do mito o pensamento reflexivo. Pensamos, em outros termos, que, pobres em mitos, os guarani são ricos em pensamento, que sua pobreza em mitos resulta de uma perda consecutiva ao nascimento de seu pensamento. Desabrochado no rico solo da mitologia antiga, esse pensamento desdobra-se por si próprio, livra-se de sua terra natal, a metafísica substitui o mitológico. Se os guarani têm menos mitos para nos contar, é porque dominam mais pensamento para nos opor.

Que pensa o pensamento guarani? Pensa o mundo e a infelicidade do mundo, coloca a questão das causas: por que os homens são humanos demais? Ele tenta uma arqueologia do mal, quer fazer uma genealogia da infelicidade. Por que nós, belos adornados, os eleitos dos divinos, somos expostos a uma existência doente de imperfeição, de inacabamento, incompleta¹? Amargura da evidência que se impõe aos pensadores guarani: nós, que nos sabemos dignos de viver a vida dos que estão no alto, vemo-nos reduzidos a viver aquela dos animais doentes. Queremos ser deuses e só somos homens. Objeto de nosso desejo: *ywy mara eý*, a Terra Sem Mal; espaço de nossa condição: *ywy mba'e megua*, a terra má. Como isso é possível? Como poderemos

1. Quer dizer, separado do divino.

reinvestir nossa verdadeira natureza, recobrar a saúde de um corpo aéreo, reconquistar nossa pátria perdida? Que nossa voz se impregne de potência, e as palavras que ela pronuncia, de beleza, a fim de que possa atingir os sete firmamentos sobre os quais reina nosso pai², Ñamandu!

Essa busca perseverante às vezes conduz os sábios guarani por estranhos caminhos. Estranhos para nós, espectadores do Ocidente, que ficamos perturbados com o eco familiar demais de tal declaração, ouvida ao acaso, que condensa a virulência de um aforismo. Um desses sábios nos contava um dia sua versão da aventura dos Gêmeos. Inicialmente incomodado com a presença do gravador, pouco a pouco cessou de considerar a máquina. Sua voz tornava-se mais forte, o fluxo de sua narrativa, mais acutilado. E nos demos conta de que, por uma vertente muito natural entre esses pensadores indígenas, ele deixava progressivamente o terreno do mito para se abandonar a uma reflexão sobre o mito, a uma interrogação a propósito de seu sentido, a um verdadeiro trabalho de interpretação através do qual tentava responder à questão que se colocam, até a obsessão, os guarani: Onde está o mal, de onde vem a infelicidade? E eis o que profere, em uma fresca noite de inverno, na sua floresta do Paraguai, junto a uma fogueira que atiçava pensativamente de vez em quando: "As coisas em sua totalidade são uma. E, para nós, que não havíamos desejado isso, elas são más³". Ele reunia assim o mal desse mundo ruim e a razão desse mal; a infelicidade da condição dos habitantes desse mundo e a origem de sua infelicidade. É porque a totalidade das coisas que compõem o mundo pode se dizer segundo o Um e não segundo o múltiplo que o mal está inscrito na superfície do mundo⁴. E quanto a nós, os adornados, não é esse mundo que desejávamos, não somos culpados, sofremos o destino do peso do Um: o mal é o Um; nossa existência está doente, *achy*, por se desenrolar sob o signo do Um.

2. Expressão corrente de respeito, dos jovens aos mais velhos.

3. Cf. a seguir, pp. 134 e 135.

4. Desse aspecto, o modo de existência do Um é o transitório, o passageiro, o efêmero. O que nasce, cresce e se desenvolve somente com vistas a perecer é chamado Um. Condenado do lado do corruptível, o Um torna-se signo do Acabado. É porque, em compensação, um habitante da Terra Sem Mal é um homem, claro, mas também o outro do homem, um deus. O Bem não é o múltiplo, é o *dois*, simultaneamente o um e seu outro, o *dois* que designa verdadeiramente os seres completos.

Vêm então os tempos felizes dos longos sóis eternos, a morada calma onde o ser não se diz mais segundo o Um, o espaço indivisível dos seres dos quais se pode dizer que são ao mesmo tempo homens e deuses.

Eco familiar demais, dizíamos, que faz ressoar em nossos ouvidos tal pensamento. Não reconhecemos aí, com efeito, quase até na precisão dos termos, o pensamento metafísico que desde sua mais longínqua origem grega anima a história do Ocidente? Em um caso e outro, pensamento do Um e do não-Um, pensamento do Bem e do Mal. Mas os sábios pré-socráticos diziam que o Bem é o Um, enquanto que os pensadores guarani afirmam que o Um é o Mal.

Os textos indígenas reunidos nesta coletânea são de natureza diversa.

Podem-se ler, é claro, várias versões dos principais mitos que os guarani contam: as aventuras de Sol e Lua, os Gêmeos, o dilúvio universal que destruiu a primeira terra, a origem do fogo.

Se os índios consentem muito facilmente em contar a um branco seus mitos, eles recusam, em contrapartida, da maneira mais firme, senão agressiva, como tivemos experiência pessoal, deixar entre ouvir o menor fragmento do que chama de Belas Palavras, lugar de um saber esotérico que descreve sucessivamente, em uma linguagem de encantamento, a gênese dos deuses, do mundo e dos homens. Textos de essência religiosa dos quais encontraremos aqui a maior parte dos que retraçam os momentos principais da cosmogênese guarani.

Retivemos, enfim, quando não eram obscuros demais, um certo número de textos enigmáticos, que pertenciam ao que gostaríamos de chamar de nível metafísico do pensamento indígena: reflexões críticas sobre os mitos, comentários livres, brilhos de uma luz sem traços.

Sabe-se que quase todos os guarani conhecem e sabem contar os mitos da tribo. Mas só uma minoria de homens sabe falar com os deuses e receber suas mensagens: os sábios são os senhores exclusivos das Belas Palavras, detentores respeitados do *arandu porã*, o belo saber. Fortemente codificado, esse saber só permite fracas variações de forma de um pensador a outro. É por isso que não reproduzimos a totalidade dos textos disponíveis: eles se pareciam demais. Inversamente, no nível dos textos que dizemos metafísicos, o pensamento joga com a mais

inteira liberdade, a potência de uma criação pessoal do pensador desdobra-se sem entraves, a ponto de, como observamos, uma embriaguez verbal tomar conta do orador, de quem se pode dizer então que, literalmente, não é ele que fala mas, através dele, os deuses. Linguagem da qual nos comprazemos em imaginar o eco longínquo do discurso dos antigos profetas, sobre quem os índios diziam que eram *ñe'è jara*, os mestres das palavras...

Três fontes alimentam esta antologia. De Curt Unkel Nimuendaju, traduzimos as versões do mito dos Gêmeos e do mito do dilúvio, recolhidos no início do século entre os índios apapokuva-guarani que habitavam o sul do Mato Grosso brasileiro. Sabemos que esse grande pesquisador de origem alemã obteve nacionalidade brasileira sob o nome que lhe atribuíram os sábios apapokuva: Nimuendaju, palavra esplêndida que significa "aquele que dispõe seu próprio espaço eterno". Com exceção desses dois mitos apapokuva e da versão dos Gêmeos que André Thevet anotou em meados do século XVI entre os tupinambá do litoral brasileiro, todos os outros textos concernem aos guarani do Paraguai e foram recolhidos por León Cadogan e por nós. O paciente e minucioso trabalho de Cadogan frutificou no livro que ele publicou em 1959, *Ayvu Rapyta*: o fundamento da linguagem humana. É nesse conjunto de textos míticos dos mbya-guarani que escolhemos os extratos que figuram em nosso trabalho. Nós mesmos estivemos em aldeias guarani durante vários meses, no decorrer de uma pesquisa, em 1965, tanto entre os mbya quanto entre seus vizinhos bem próximos, os chiripa. Todos os nossos textos foram gravados em guarani, pois os índios só falam sua própria língua. Reproduzimos aqui todos os que oferecem, em relação aos de León Cadogan, uma originalidade suficiente. Além de variantes dos mitos principais, podem-se ler esses textos às vezes um pouco delirantes que Cadogan jamais ouviu da boca dos índios e que pertencem ao campo que chamamos metafísico.

E quanto à nossa tradução? Indicamos inicialmente que dispomos da versão indígena para a totalidade dos textos aqui apresentados (salvo o de Thevet). León Cadogan, em seu *Ayvu Rapyta*, forneceu o texto guarani e sua versão espanhola. Nimuendaju transcreveu igualmente na língua dos apapokuva os mitos que eles lhe contaram. Em 1944, um letrado paraguaio, J. F. Recalde, traduziu em espanhol o texto alemão de Nimuendaju. Ele chegou mesmo a traduzir para o guarani do Paraguai o guarani dos apapokuva, o que permite, de

passagem, notar que são tênues as diferenças lingüísticas entre esses dois dialetos. E quanto aos nossos próprios textos, eles foram traduzidos, com a ajuda insubstituível de Cadogan, do original guarani. Pudemos então, em cada caso, referir-nos à versão indígena.

Tentamos traduzir todos esses textos a partir do guarani, com o qual nos familiarizamos um pouco durante várias estadas no Paraguai, mas constantemente nos reportamos, é claro, à tradução espanhola, beneficiando-nos da luz de inúmeros comentários e notas com os quais Cadogan enriqueceu os textos propriamente ditos. Traduzir é, seguramente, tentar fazer passar para um universo cultural e lingüístico determinado a palavra e o espírito de textos saídos de um sistema cultural diferente, produzidos por um pensamento próprio. Quando, como nos mitos, o texto é uma narrativa de aventuras, a tradução não coloca problemas. O espírito cola-se, se assim podemos dizer, à palavra, o enigma é relativamente excluído na narração. Mais árduo, e por isso mesmo mais apaixonante, foi o trabalho de tradução dos textos religiosos. De maneira nenhuma por causa do uso constante que as Belas Palavras fazem da metáfora: basta saber que, quando o texto fala do "esqueleto da bruma", ele nomeia o cachimbo de barro onde os sábios fumam seu tabaco; que a "flor do arco" designa a flecha; que o nascimento de uma criança se diz "uma palavra se provê de um assento"; o embaraço do tradutor provém mais da dificuldade de dominar o espírito que corre secretamente sob a tranqüilidade da palavra, de captar a embriaguez desse espírito que marca com seu selo todo discurso enigmático.

León Cadogan, incomparável conhecedor da língua e do pensamento guarani, soube, no decorrer de várias entrevistas com seus amigos indígenas, chegar o mais perto possível das Belas Palavras. Isso equivale dizer que seu trabalho é exemplar. Em alguns pontos, na verdade raríssimos, nossa tradução difere da dele. Quando, por exemplo, a versão espanhola do texto que descreve a aparição do deus Ñamandu diz *en el curso de su evolución*, no decorrer de sua evolução, ela traduz o termo guarani *oguera-jera*, que nós traduzimos por "desdobrando-se a si mesmo em seu próprio desdobramento". Assim como Cadogan indica claramente em suas notas lexicológicas, o verbo *jera* exprime, com efeito, a idéia de desdobramento, o auxiliar *oguera* indica a forma pronominal: descreveremos dessa maneira o movimento de uma asa de pássaro se abrindo, o movimento de uma flor que desabrocha. E é tal o modo de emergência do deus: semelhante à flor

já completa em todas as suas partes, surge das trevas primordiais, sob o efeito da luz da qual ele mesmo é o portador. Não há, nesse movimento, precisamente uma evolução, mas a subtração progressiva à noite das partes acabadas que compõem o corpo divino. É por isso que, atendo-nos ao explícito do texto, preferimos dizer em francês que *Ñamandu se déploie lui-même en son propre déploiement*. Divergência de fraco alcance, pois só altera um pouquinho o sentido geral do texto. Convinha, apesar disso, fazer notar essa “injeção” no pensamento guarani de uma categoria que dele está ausente: a da evolução, idéia tipicamente ocidental. É precisamente o que levou Cadogan a escolher essa tradução, que lhe permitia dizer aos céticos e aos racistas: “Em nome de que desprezam os índios, que sabem pensar como nós?” Intenção das mais louváveis, claro, mas que, ocidentalizando o texto indígena, podia levar a acreditar — erradamente — em uma influência cristã que sabemos sofrerem os mbya-guarani.

Decisão deliberada então a nossa: preocupados em nos distanciarmos o menos possível da palavra do texto, tentamos por isso mesmo restituir o espírito, estimando, para parafrasear uma famosa afirmação, que traduzir os guarani é traduzi-los *em guarani*. Conseqüentemente, tradução quase sempre literal: é assim que dizemos, para *pindovy*, pindo azul, pois esse é o sentido literal, e não pindo eterno, se bem que *ovy*, o azul, conota a idéia de eternidade no espírito dos índios. Fidelidade à palavra em vista de conservar o espírito e, talvez, para alguns fragmentos, uma aparência de obscuridade. O comentário que, nesse caso, faz seqüência à tradução ou a precede, contribuirá, esperamos, para torná-la mais clara. Eis aqui hinos e cantos, preces e mitos, textos e reflexões sobre os textos, eis aqui as obras de um pensamento muito antigo que talvez deva a seu essencial pessimismo o ter sabido, até o presente, afastar sua morte. Pensamento selvagem, pensamento inelutavelmente condenado, pois, ao longo do tempo, os profetas calar-se-ão por falta de adornados a quem fazer ouvir a linguagem das Belas Palavras.

Que ao menos elas sobrevivam aqui, recolhidas e transcritas com respeito igual ao dos sábios que as proferiram. Os últimos dos que foram os primeiros adornados: sem ilusão sobre seu destino mas decididos a permanecer até o fim os eleitos dos deuses. Sentimo-nos gratos por termos podido, através deste trabalho, tornar perceptível ao leitor tudo o que encerra de poesia e de profundidade o pensamento dos índios guarani.

O TEMPO DA ETERNIDADE

I

APARECIMENTO DE ÑAMANDU: OS DIVINOS

Nosso pai, o último, nosso pai, o primeiro,
fez com que seu próprio corpo surgisse
da noite originária.

A divina planta dos pés,
o pequeno traseiro redondo:
no coração da noite originária
ele os desdobra, desdobrando-se.

Divino espelho do saber das coisas,
compreensão divina de toda coisa,
divinas palmas das mãos,
palmas divinas de ramagens floridas:
ele os desdobra, desdobrando a si mesmo, Ñamandu,
no coração da noite originária.

No cimo da cabeça divina
as flores, as plumas que a coroam,
são gotas de orvalho.
Entre as flores, entre as plumas da coroa divina,
o pássaro originário, Maino, o colibri,
esvoaça, adeja.

Nosso pai primeiro,
seu corpo divino, ele o desdobra

No coração de um Nada tenebroso percorrido pelos ventos, surgiu, sem ser gerado, o deus gerador das coisas em sua totalidade, Ñamandu. As palavras que descrevem a emergência dessa figura central do panteão guarani, pai dos primeiros deuses, pai dos últimos homens, dizem o momento inaugural da história do mundo, afirmam divinos a origem e o destino dos seres destinados à humanidade, compõem o texto fundador do pensamento mais orgulhoso. Promessa de êxtase para quem as ouve: não é sem estremecimentos que os índios guarani põem-se à escuta de seus sábios, quando as Belas Palavras lembram uma vez mais aos mortais que eles são os eleitos dos divinos.

No início é o deus. Ele aparece e dilata-se, desdobra-se como uma flor que se abre à luz do sol. Mas Ñamandu é para si mesmo seu próprio sol, é ao mesmo tempo o sol e a flor. As metáforas que designam certas partes de seu corpo indicam claramente a referência vegetal: mãos cujos dedos são ramagens floridas, cabeça como o cimo de uma árvore em plena floração.

em seu próprio desdobramento,
no coração do vento originário.
A futura morada terrena,
ele não a sabe ainda por si mesmo;
a futura estada celeste, a terra futura,
elas que foram desde a origem,
ele não as sabe ainda por si mesmo:
Maino faz então com que sua boca seja fresca,
Maino, alimentador divino de Ñamandu.

Nosso pai primeiro, Ñamandu,
ainda não fez com que se desdobre,
em seu próprio desdobramento,
sua futura morada celeste:
a noite, então, ele não a vê,
e todavia o sol não existe.
Pois é em seu coração luminoso que ele se desdobra,
em seu próprio desdobramento;
do divino saber das coisas,
Ñamandu faz um sol.

Ñamandu, pai verdadeiro primeiro,
habita o coração do vento originário;
e, aí onde ela repousa,
Urukure'a, a coruja, faz com que existam as trevas:
ela faz com que já se pressinta o espaço tenebroso.

Ñamandu, pai verdadeiro primeiro,
ainda não fez com que se desdobre,
em seu próprio desdobramento,
em seu próprio desdobramento,
sua futura morada celeste;
ele ainda não fez com que se desdobre,
em seu próprio desdobramento,
a terra primeira:
ele habita o coração do vento originário.

A ordem de aparecimento das partes do corpo não deixa, por um lado, a menor dúvida quanto à divindade dessa geração: desdobramento que derruba exatamente a sucessão de momentos em que se reparte um nascimento humano. Inicialmente nomeada, a planta dos pés, como dupla raiz apta, de saída, a sustentar a majestade de uma coluna que dissimula ainda a noite. Em seguida, o pequeno traseiro redondo. O termo *apyka* designa, com efeito, um pequeno banco de madeira, geralmente zoomorfo: é irreconhecível, porque interdita, a figuração do jaguar. Esse *apyka*, destinado ao repouso dos sacerdotes e dos sábios, ocupa, não mais como objeto, mas como metáfora, um lugar decisivo no universo religioso dos guarani. Não se diz "uma criança nasce", mas "alguém se provê de um assento". No caso presente, o *apyka* como banco nomeia de forma metonímica a parte do corpo que nele toma lugar: o que a obstetrícia chama, com efeito, de assento. Desdobrando-se pouco a pouco na noite, deixam-se ver as palmas das mãos e, enfim, a cabeça.

Nascimento de deus, nascimento não-humano. Ñamandu, desde o primeiro instante, desdobra-se em posição ereta: ele está "de pé". Não se trata de forma alguma — hipótese divertida — de uma constatação de diferença entre a humanidade e a animalidade, o homem sendo um animal que anda ereto. É, ao contrário, questão da diferença entre o humano e o divino, diferença a que os índios guarani aspiram loucamente suprimir. Seus hinos, cantos e preces repetem até a monotonia esse pedido dirigido aos deuses: façam-nos semelhantes a vós, ajudem-nos a ficarmos eretos. Quando um humano fala de seu desejo de ficar ereto, à imagem de um divino, proclama seu desejo de abolir sua condição de humano, a qual já se inscreve no momento do nascimento. Os guarani não querem nascer, querem ser deuses. Há séculos, sua energia, jamais desencorajada, encaminha-se no esforço de igualarem-se aos divinos.

Com efeito, não há vida a não ser a dos deuses. O bem-viver é viver sob seu olhar, em sua vizinhança. Toda outra vida é má, é uma não-vida. Ñamandu é a vida: é o que afirma, com a obscura clareza própria a toda fala sagrada, o último parágrafo do texto. Com Ñamandu, com efeito, chega o *novo tempo*: tempo dos longos sóis, dos ventos mornos e quentes da primavera e do verão, tempos felizes

O vento originário no coração do qual nosso pai
de novo se deixa unir cada vez que volta
o tempo originário,
cada vez que volta o tempo originário.
Terminado o tempo originário, quando a árvore *tajy* está
florida,
então o vento se converte em tempo novo:
ei-los aqui já os ventos novos, o tempo novo,
o tempo novo de coisas não-mortais.

que anunciam a volta do não-mortal, a volta do divino. Antes de
Ñamandu existe o vento originário: vento gelado do sul, vento da
dobra e não do desdobramento. Ñamandu, o divino, Ñamandu, o vivo,
afasta o vento originário, que é *o sopro da morte*. O novo tempo, calor
e luz do meio-dia imóvel, é o tempo da eternidade, onde só as coisas
não-mortais encontram estada. Não há vida falsa e vida verdadeira.
Só existe a morte e a vida divina. Eis porque, como Ñamandu desdo-
brando-se, os índios guarani aspiram a ficar eretos. Que consigam:
então cessará de soprar sobre eles o vento originário que enregela os
humanos demais.

II

FUNDAMENTO DA PALAVRA: OS HUMANOS

I

Ñamandu, pai verdadeiro primeiro,
de sua divindade que é uma,
de seu saber divino das coisas,
saber que desdobra as coisas,
faz com que a chama, faz com que a bruma
se engendrem.

II

Ele ergueu-se:
de seu saber divino das coisas,
saber que desdobra as coisas,
o fundamento da Palavra, ele o sabe por si mesmo.
De seu saber divino das coisas,
saber que desdobra as coisas,
o fundamento da Palavra,
ele o desdobra desdobrando-se,
ele faz disso sua própria divindade, nosso pai.
A terra ainda não existe, reina a noite originária,
não há saber das coisas:
o fundamento da Palavra futura, ele o desdobra então,
ele faz disso sua própria divindade,
Ñamandu, pai verdadeiro primeiro.

Este texto, de importância capital para a compreensão do pensamento guarani, é ao mesmo tempo o discurso de sua origem e a citação de seu destino. Se o texto precedente descreve o aparecimento do deus, este enumera de certa forma os trabalhos de Ñamandu, os diferentes elementos de sua pedra filosofal, raiz e modelo de toda imagem futura. Depois da teogênese, a antropogênese. Não vendo os humanos como coisas do mundo mas humanos como parte do divino. Ñamandu faz ser o que, constituindo os guarani como eleitos dos deuses — a Palavra — lhes garantirá ao mesmo tempo, no interior da existência doente que será a deles na morada terrena, a certeza de voltar a ser um dia o que são antecipadamente: divinos. Uma lógica rigorosa impõe ao movimento do texto o lugar exato de cada uma das seqüências que o compõem.

I. O deus se desdobra. Ele é o começo e o fim, seu saber sobre as coisas precede as próprias coisas, elas são inscritas no saber que ele tem. Produtor do novo tempo, isto é, do eterno calor vital. Ñamandu faz existir as imagens desse tempo, a chama como calor e luz, a bruma como signo da chama. Haverá nesse mundo uma dupla cópia dessa bruma: de uma parte a neblina que os primeiros longos sóis fazem surgir acima das florestas no fim do inverno; de outra parte, a fumaça do tabaco que fumam em seus cachimbos os sacerdotes e os pensadores indígenas. A fumaça de tabaco repete a bruma original e traça, elevando-se do cachimbo, o caminho que conduz o espírito para a morada dos deuses.

II. Advém a Palavra, *ayvu*. Na língua dos mbya esse termo designa expressamente a linguagem humana. Que a Palavra, como signo e substância do humano, seja de saída situada no coração da divindade do deus, determine por si mesma a natureza e a história do humano. Os homens definem-se como tais somente na relação que, através da mediação da Palavra, mantêm com os deuses. *Ayvu* é a substância ao mesmo tempo do divino e do humano. Os homens só podem, por conseguinte, existir segundo sua própria substância, conformando-se incessantemente à relação original que os liga aos deuses. A história dos guarani será o esforço repetido com vistas a desdobrar sua própria natureza. Efeito concreto dessa metafísica: as grandes migrações religiosas dos antigos tupi-guarani, as tentativas ainda atuais dos guarani do Paraguai para obter *aguyje*, esse estado de graça que lhes permitiria aceder à *ywy mara eý*, a Terra Sem Mal, onde moram os deuses.

III. Determinada como lugar da Palavra, a humanidade dos homens encontra-se então em relação imediatamente possível com a divindade dos deuses. Mas essa relação não recai sobre a relação de cada um

III

Conhecido o fundamento da Palavra futura,
em seu divino saber das coisas,
saber que desdobra as coisas,
ele sabe então por si mesmo
a fonte do que está destinado a reunir.
A terra não existe ainda,
reina a noite originária,
não há saber das coisas:
do saber que desdobra as coisas,
ele sabe então por si mesmo
a fonte do que está destinado a reunir.

com os deuses, não se trata de uma relação pessoal, privada, de cada humano com o mundo divino. É, ao contrário, como ser coletivo que os homens — os índios guarani — afirmam e vivem a parte de divindade que contribui para constituí-los. Entre o Eu do indivíduo e o Eu dos deuses *existe a tribo*. Os guarani são os eleitos dos deuses. Mas a comunidade não se reduz à simples adição dos indivíduos escolhidos pelos deuses. Eles são eleitos como membros da tribo, a qual descobre o fundamento da “socialidade” na consciência que tem de si mesma como lugar da Palavra saída dos deuses. Na origem do tribalismo guarani encontra-se a divindade da *ayvu*: o ser social da tribo enraíza-se no divino.

O terceiro verso do texto marca com clareza a idéia de socialidade. Tentamos, na tradução, mostrar essa idéia através da expressão: “o que está destinado a reunir”, sendo a palavra em guarani *mborayu*, que León Cadogan, por sua vez, traduz como *amor al projimo* (amor ao próximo). Tratando-se de tão profundo conhecedor da língua guarani, foi-nos preciso explicar nossa própria tradução.

No guarani vernacular, *mborayu* significa, com efeito, amor: amor profano dos homens e das mulheres por Deus (o deus cristão) ou de Deus pelos homens. Excluindo qualquer eco cristão desses textos indígenas, pensamos que o sentido original, pré-cristão ou pré-colombiano de *mborayu* não pode ser amor. Qual é então o verdadeiro significado dessa palavra? Se consultarmos o primeiro e certamente o melhor dicionário guarani, o *Tesoro de la lengua guarani*, redigido por Ruiz de Montoya, fundador das primeiras missões jesuítas do Paraguai, na primeira metade do século XVII, percebemos que ele atribui ao termo *mborayu* exatamente o sentido atual: amor de Deus por suas criaturas, amor das criaturas por Deus. Esse evidentemente não é o sentido que envolvia essa palavra para os guarani pagãos. Os missionários adotaram o termo *mborayu* para exprimir a idéia cristã de amor, como tomaram o nome de Tupã, senhor da tempestade e do trovão, para dizer o nome de Deus. Tudo isso não nos esclarece a respeito do antigo sentido de *mborayu* mas nos deixa tranqüilamente adivinhar que esse termo pertencia à linguagem religiosa, metafísica, dos guarani, linguagem totalmente ausente do *Tesoro* de Montoya, ou porque os índios o esconderam dos jesuítas, ou, com mais verossimilhança, que estes o tenham banido voluntariamente de seu dicionário, como linguagem do Diabo que tinham vindo combater.

Dito isso, podemos admitir a hipótese de que a decisão missionária de traduzir para os índios a idéia do amor cristão por *mborayu*

IV

Desdobrando o fundamento da Palavra futura,
conhecido Um, o que reúne,
do divino saber das coisas,
saber que desdobra as coisas,
ele faz brotar, única,
a fonte do canto sagrado.
A terra não existe ainda,
reina a noite originária,
não há saber das coisas:
ele faz brotar, única,
a fonte do canto sagrado.

V

Desdobrando o fundamento da Palavra futura,
conhecido Um, o que reúne,
aberta Uma, a fonte do canto sagrado,
então, com força, seu olhar procura
quem será encarregado do fundamento da Palavra,
do Um que reúne,
de redizer o canto sagrado.
Com força, seu olhar procura:
do divino saber das coisas,
saber que desdobra as coisas,
ele fez com que surgisse o divino companheiro futuro.

fundava-se em um sentido mais ou menos vizinho desse termo, sentido que os índios mantiveram escondido. Se, conseqüentemente, *mborayu* pôde significar "amai-vos uns aos outros", é porque a palavra já exprimia a idéia de "solidariedade tribal". É por isso que a história da palavra e a lógica interna do texto em questão conduzem-nos a descartar a tradução de León Cadogan: ela não é falsa mas imprópria, por causa do eco cristão que faz ressoar.

IV. Esse canto, como linguagem dos homens dirigindo-se aos deuses, é sagrado. Ele define, exprime e realiza a relação entre os homens como comunidade de eleitos e a esfera do divino. O canto sagrado assegura a comunicação entre a tribo dos excelentes e o mundo dos deuses. Ele é, sobretudo, Palavra cujo movimento conduz do mesmo ao mesmo, dos homens enquanto região do divino ao divino em si. O canto sagrado não é um ato de fé, não é o suspiro angustiada da comunidade de crentes. Nele, os homens antes afirmam o saber intransigente de sua própria divindade.

V. Os versos que seguem descrevem o aparecimento dos deuses e deusas. Ñamandu não quer ficar só, a religião dos guarani não é monoteísta. Ela desdobra-se em um panteão: Coração Grande⁵, Karai, Jakaira, Tupã⁶ e seus homólogos femininos que podem ser ditos no singular ou no plural.

Se Ñamandu, o deus principal, surge em primeiro lugar na ordem genealógica do mundo, como é normal, as outras figuras da divindade só aparecem, em contrapartida, depois dos humanos, não como realidade, pois a terra ainda não existe, mas como possibilidade à qual só falta a realidade. São então sucessivamente estabelecidas a Palavra, como essência do humano; a sociedade dos eleitos, como lugar de desdobramento dessa Palavra; o canto sagrado, como presença da Palavra; enfim, os deuses e deusas, pais e mães verdadeiros da Palavra-habitante, *ñe'ë*. Parcela da *ayvu*, esse termo significa palavra, mas também, em nossa linguagem, alma, espírito. *Ñe'ë* é o que constitui um humano como pessoa, o que, saído dos deuses, vem habitar o corpo destinado a ser sua moradia. No termo do encadeamento genealógico encontramos: o indivíduo, determinado enquanto tal por *ñe'ë*, princípio de individualização que fixa ao mesmo tempo a pertença da pessoa à comunidade dos que são reunidos pela *ayvu*.

5. Epíteto que se refere a uma das normas: a perseverança no esforço para chegar ao estado de perfeição absoluta.

6. Veremos posteriormente aparecer os atributos das diferentes divindades.

VI

Com força, seu olhar procura:
do divino saber das coisas,
saber que desdobra as coisas,
fez com que surgisse Ñamandu Grande Coração,
que ao mesmo tempo se ergue o espelho
do saber das coisas.

A terra ainda não existe,
reina a noite originária:
ele fez com que surgisse então Ñamandu Grande Coração.
Pai verdadeiro das numerosas crianças que estão por vir:
a isso ele destina Ñamandu Grande Coração.

VII

Prosseguindo,
do divino saber das coisas,
saber que desdobra as coisas,
quanto a Karai, futuro pai verdadeiro,
e Jakaira, futuro pai verdadeiro,
e Tupã, futuro pai verdadeiro,
ele faz com que se saibam divinos.
Pais verdadeiros de seus numerosos filhos que estão por vir,
verdadeiros pais da Palavra que habitará
os numerosos filhos que estão por vir:
ele faz com que se saibam divinos.

VIII

Prosseguindo,
Ñamandu, pai verdadeiro,

a fim de que tome lugar
em face de seu coração,
faz com que se saiba divina
a futura mãe dos Ñamandu.
Karai, pai verdadeiro,
a fim de que tome lugar
em face de seu coração,
faz com que se saiba divina
a futura mãe dos Karai.
Jakaira, pai verdadeiro, do mesmo modo,
a fim de que tome lugar
em face de seu coração,
faz com que se saiba divina
a futura mãe dos Tupã.

IX

Encarregados do divino saber das coisas,
do pai primeiro;
encarregados do fundamento da Palavra futura;
encarregados da fonte daquilo que reúne;
encarregados de dizer o canto sagrado;
unidos à fonte
do saber que desdobra as coisas:
são assim
aqueles que igualmente chamamos
eminentes pais verdadeiros da Palavra habitante,
eminentes mães verdadeiras da Palavra habitante.

III CRIAÇÃO DA PRIMEIRA TERRA

I

Ñamandu, pai verdadeiro primeiro,
já conhece sua futura moradia terrena:
do divino saber das coisas,
saber que desdobra as coisas,
ele faz com que da ponta de seu bastão-insígnia
a terra se vá desdobrando.
A palmeira azul, ele a faz surgir
no futuro centro da terra;
uma outra ainda, na morada de Karai;
uma palmeira azul na morada de Tupã;
no lugar natal dos ventos bons,
ele faz surgir uma palmeira azul.
No lugar natal do tempo originário,
ele faz surgir uma palmeira azul.
É no número dos dedos de uma mão
que ele faz surgir as palmeiras azuis:
nas palmeiras azuis
retém-se o leito da terra.

II

Sete é o número do firmamento;
o firmamento repousa sobre sete colunas:
as colunas são bastões-insígnias.

I. Cinco palmeiras sustentam a terra. Uma ocupa o centro, e as outras encontram-se nos quatro pontos cardeais: Karai = leste; Tupã = oeste; ventos bons = norte; tempo originário = sul. Trata-se de palmeiras pindo, nas quais se pode subir, dado que seu tronco não tem espinhos. Elas revestem-se de grande importância econômica para os índios; na madeira são talhados os arcos; as folhas recobrem as casas; das fibras fazem-se as cordas dos arcos; o gomo terminal das árvores jovens é consumido. Essas palmeiras são azuis, *ovy*. São chamadas de azuis todas as coisas e todos os seres não-mortais que povoam o território celeste do divino (por exemplo, o jaguar azul que provoca os eclipses da lua e do sol, tentando devorá-los).

II. É sem dúvida contra o vento originário, o vento do sul, que Ñamandu deve manter os apoios dos firmamentos.

O firmamento que transborda os ventos,
nosso pai o empurra para seu lugar.
Sobre três colunas, ele o firmou inicialmente,
mas o firmamento ainda se move:
também ele o apóia sobre quatro bastões-insígnias.
Ele encontra então seu lugar
e pára de mover-se.

III

- 1 A primeira a sujar o leito da terra foi a serpente originária;
agora só existe sua imagem sobre nossa terra.
A verdadeira serpente mora no limite do firmamento de
nossa terra.
- 2 Aquele que inicialmente cantou sobre o leito da terra de
nosso pai primeiro,
aquele que foi o primeiro a fazer ouvir sua lamentação foi
yrypa, a cigarra, a pequena cigarra vermelha.
No limite do firmamento de nosso pai mora a cigarra
originária:
agora só subsiste sua imagem sobre o leito da terra.
- 3 *Yamai*, o girino, é o senhor das águas, aquele que faz as
águas.
Aquele que existe sobre nossa terra não é mais o
verdadeiro: no limite do firmamento de nosso pai
mora o verdadeiro.
Agora só subsiste sua imagem sobre nossa terra.
- 4 Quando nosso pai fez a terra, por todos os lados estendia-
se a floresta: savanas não existiam de modo algum.
É porque, com vistas a abrir o espaço das savanas, ele
enviou *tuku* de grito agudo, o gafanhoto verde.
E em todos os lugares onde ele plantava seu dardo,
desabrochavam os espaços de relva:

III. O deus confere à terra seu rosto definitivo.

III. 1. A serpente originária é uma serpente real muito perigosa
(*Leimadophis almadensis*). O fato de ser o primeiro nomeado pode
ser um eco do mito cristão da serpente. Lembremo-nos, todavia, de
que a serpente ocupa na mitologia indígena o lugar análogo do perigo
e da morte, da sujeira.

III. 2. O primeiro habitante da terra.

III. 3. Criação do mundo aquático.

III. 4. Criação das savanas (a floresta já estando lá, ou existindo
em primeiro lugar).

III. 5. O primeiro habitante das savanas.

III. 6. Criação do mundo subterrâneo (o tatu perfura profundas
tocas).

III. 7. Aparecimento da noite.

III. 8. Aparecimento de seu correlato: o dia.

então somente se estenderam as savanas.
E *tuku* celebrava-as com seu grito agudo.
No limite do firmamento de nosso pai mora o verdadeiro *tuku*:
agora só subsiste sua imagem.

- 5 Quando as savanas se deixaram ver,
o primeiro a deixar ouvir seu canto,
o primeiro a mostrar seu contentamento foi *inambu*, a
perdiz vermelha.
Ela, que foi a primeira a fazer ouvir seu canto sobre as
savanas,
mora agora no limite do firmamento de nosso pai:
a que vive sobre o leito da terra
é somente sua imagem.
- 6 O primeiro a ferir o leito da terra de nosso pai foi o tatu.
Ele não é o tatu verdadeiro,
o que agora mora sobre nossa terra:
ele é só a imagem.
- 7 Senhora das trevas: a coruja.
- 8 E, quanto ao nosso pai, o Sol,
ele é o senhor da aurora.

IV

- 1 Nosso pai primeiro está em vias de aprofundar-se em sua
morada celeste: tal foi então sua Palavra:
"Só você, *Karai*, pai verdadeiro,
quanto às chamas sempre renascentes,
aquelas que jamais nada atingirá,
aquelas que fazem com que eu me levante,
quanto a elas, você fará com que seu filho seja guardião,
Karai Grande Coração.
Assim, faça que ele tenha nome: *Karai*, senhor das
chamas.

IV. Uma vez desenhada a figura da primeira terra, *Ñamandu* define as funções dos deuses precedentes gerados. Mais próximos dos humanos do que ele, assegurarão a permanência das representações terrestres do divino, da vida sobre a primeira terra como imagem da divindade.

IV. 1. *Karai*: chama, fogo solar, calor, renascimento regular do divino como natureza. Seu eterno retorno garante aos guarani que os deuses não estão mortos.

Diga-lhe.

Ele será o guardião das chamas destinadas a crescer.

Faça que a cada novo tempo

elevem-se um pouco as chamas sempre renascentes:

a fim de que estejam sempre à escuta de seu murmúrio

aqueles que quisemos adornar,

aquelas que quisemos adornar”.

2 Prosseguindo, a Jakaira, pai verdadeiro:

“Veja! Quanto a você, será guardião da bruma onde nascem as Belas Palavras.

E disso, que conheci por mim mesmo,

faça com que seu filho seja guardião, Jakaira Grande Coração.

Faça com que ele tenha nome: Senhor da bruma das Belas Palavras.

Diga-o”.

3 Prosseguindo, a Tupã, pai verdadeiro, assim falou:

“Quanto a você, será guardião do Grande Mar, das ramagens do Grande Mar em sua totalidade.

Erguendo-me, farei que para você o firmamento seja fresco.

Em conseqüência, graças aos seus inúmeros filhos, Tupã Grande Coração,

essa coisa fonte de frescor,

você a enviará e tornará a enviar ainda sobre o leito da terra,

em favor de nossos filhos, os bem-adornados,

em de favor de nossas filhas, as bem adornadas”.

V

1 Sobre o leito da terra,

em favor daqueles cuja cabeça está adornada,

em favor daquelas cuja cabeça está adornada,

IV. 2. *Jakaira*: a bruma é companheira da chama, assim como a fumaça do cachimbo é companheira do tabaco consumido. A bruma de *Jakaira* reúne em si a substância divina do humano, as Belas Palavras. A bruma dos sacerdotes e dos profetas (a fumaça de seu cachimbo) permite-lhes ter acesso à bruma originária, faz com que ouçam os deuses.

IV. 3. *Tupã*: ao inverso de *Karai*, reina sobre o mundo aquático e suas diversas manifestações, a água corrente e suas ramificações, o mar e sua coroa de riachos e rios. *Tupã* oferece o frescor à terra, sem o qual o calor excessivo de *Karai* arriscaria consumir os homens, dado que eles não são deuses. O frescor de *Tupã* torna assim a terra humana e permite aos seus habitantes evitar o abandono a tudo o que, tal como a cólera, encontra-se ao lado do quente, do excesso, da desordem.

V. Tendo doravante todas as coisas dispostas, os homens podem aparecer: o belo-saber pode tornar-se terreno, o divino pode tornar-se humano.

V. 1. É pelo alto da cabeça que o divino infiltra-se no humano. A bruma — a Palavra — permite aos homens viver em conformidade à sua natureza.

Ñamandu, pai verdadeiro primeiro,
está prestes a fazer terreno o belo-saber.
A Jakaira, pai verdadeiro, ele dirige-se assim:
“Faça inicialmente com que a bruma coroe a cabeça de
meus filhos,
a cabeça de minhas filhas.
Faça com que a cada retorno do novo tempo
teu filho Jakaira Grande Coração
espalhe a bruma sobre o leito da terra.
Graças a isso somente, haverá para nossos filhos,
haverá para nossas filhas
o bem-viver”.

2 Prosseguindo:

“E você também, Karai, pai verdadeiro,
fará com que belas chamam
habitem nossos filhos favorecidos, nossas filhas
favorecidas”.

- 3 “É porque você, meu filho Tupã, pai verdadeiro,
quanto a essa coisa que eu quis fonte de frescor,
você fará com que ela habite
o coração do coração dos meus filhos.
Assim somente
os inúmeros destinados a se levantarem sobre o leito da
terra,
desejariam mesmo distanciar-se daquilo que reúne,
permanecerão naquilo que reúne.
Graças somente ao que é fonte de frescor,
as normas futuras daquilo que reúne
não permitirão que haja calor excessivo
para nossos futuros filhos favorecidos,
para nossas futuras filhas favorecidas.”

V. 2. A chama — a exaltação religiosa — segue o mesmo caminho
que a bruma.

V. 3. O frescor aparece no lugar mais passível de se aquecer: o
peito, o coração. A função do frescor como barragem à desordem é
explicitamente enunciada aqui: graças a esse frescor, aquilo que reúne
permanece. Em outras palavras, a moderação, a paciência e a calma
no desejo — o que se encontra designado como as normas⁷ — impe-
dem a desordem social, evitando que seja atingida a solidariedade
tribal, *mborayu*.

7. O pensamento guarani não ignora a abstração. O termo “norma” traduz
exatamente a palavra guarani *rekoa*: as regras que ordenam a existência.

VI

Ñamandu, pai verdadeiro primeiro,
deu seu nome aos pais verdadeiros
de seus futuros filhos, aos pais verdadeiros
da Palavra destinada a habitar seus filhos:
a cada um deles em sua morada, disse então:
“Essas coisas são feitas.

Agora que lhes dei seus nomes,
vocês, cada um em sua futura morada,
quanto às normas futuras dos terrenos adornados,
quanto às normas futuras das terrenas adornadas,
as normas, vocês as sabem”.

VII

Depois disso, ele fez murmurar o ornamento
para os pais verdadeiros primeiros de seus filhos,
fez murmurar o ornamento
para as mães verdadeiras primeiras de suas filhas:
com vistas ao bem-viver
numerosos destinados a elevar-se sobre a terra.

VI. As normas de vida dos homens não lhes são exteriores, dado que definem o modo de existência dos humanos como comunidade de eleitos: os guarani guardam em si próprios, por natureza, as regras de vida. O apelo de Ñamandu para que saibam essas normas equivale a uma advertência: não se esqueçam delas.

IV

FIM DA IDADE DE OURO: O DILÚVIO

A primeira terra abriga uma humanidade que, constituída por e na Palavra, permanece na proximidade do divino. Os homens vivem sua idade de ouro sob o olhar benevolente dos que estão no alto, como humanos-divinos. Esse estatuto ontológico implica a obrigação essencial de permanecerem conformes às normas enunciadas pelos deuses, isto é, existir de acordo com sua própria natureza de humanos-divinos. O frescor que Tupã produz deve ajudá-los a evitar toda transgressão dessa natureza. Mas, selvagem (humana), a violência do desejo pode revelar-se mais forte que a calma da lei, que a moderação apreciada pelos deuses. O desejo humano contém em si uma potência suficiente para ofender a calma dos deuses.

O estado de *aguyje*, de totalidade acabada, não está portanto adquirido definitivamente. Para manter-se nele, é preciso esforço, é preciso, à semelhança dos deuses, *erguer-se*, sob pena de cair em outra totalidade: a diferença absoluta da forma animal, na qual a transgressão condena os culpados a se metamorfosearem. Do divino ao animal: esta é a viagem dos homens.

O fim da primeira terra é a disjunção do humano e do divino, a ruptura de sua boa vizinhança, a explosão do Um, que, dividido, reparte-se desde então, de um lado e de outro, em uma fronteira além da qual permanecem os deuses. Imagem simbólica da separação, ao mesmo tempo obstáculo real do retorno em direção ao não-separado: a grande água, o mar, cujas margens opostas obrigam doravante de um lado a Terra Sem Mal, morada divina da vida eterna, e de outro a terra feia, morada terrestre demais dos que ainda se querem eleitos. No âmago de seu coração, o sentimento doloroso da perda toma o lugar da serenidade refrescante de outrora. O imediatismo experimentado do bem-viver é substituído pela nostalgia e pela esperança. O fim da primeira terra é a certidão de nascimento da humanidade.

Para executar a disjunção daquilo que foi originalmente unido, era preciso uma grande transgressão de efeitos irreversíveis: o incesto como conjunção do mesmo e do mesmo, o incesto como uma dor sobre si próprio do humano, como desafio e negação do divino. O fluxo do desejo que toma conta de Karai Jeupié e a irmã de seu pai desencadeia o dilúvio universal, e a primeira terra desaparece sob a água.

Ora, os dois únicos sobreviventes são os dois culpados, a mulher e seu sobrinho, filho de seu irmão. E não somente Karai Jeupié escapou à cólera dos deuses como também ganha para si mesmo o estatuto de humano divino, dado que se torna um Karai. Convém, nesse caso, admitir uma ambigüidade na violação do interdito maior: ela condena os homens a só serem homens, permite ao mesmo tempo que o culpado tome lugar junto aos deuses. O incesto é então, simultaneamente, a mediação na direção do humano e o caminho na direção do divino. Dizer que o incesto não se opõe ao divino é reconhecer que as regras são feitas para os homens e não para os deuses. Karai Jeupié comete incesto; por esse fato mesmo recusa a regra, quebra a condição humana, iguala-se aos deuses, que, ignorando a proibição, situam-se além da culpabilidade. A esse discurso mítico articula-se com precisão a palavra profética dos Karai de antigamente, quando conclamavam os índios para que abandonassem tudo, saindo em busca da Terra Sem Mal, para tornarem-se semelhantes aos deuses. Essa busca, efetuada na prática contínua do jejum e da dança, implicava também e sobretudo o abandono radical da regra social por excelência, a que proíbe o incesto: "Dêem suas mulheres a quem quiserem!" clamavam os profetas.

Vejam os três versões do mito do dilúvio. León Cadogan recolheu a primeira, publicada no capítulo VI de seu *Ayvu Rapyta*. Solemne em seu estilo, elimina quase que totalmente os detalhes propriamente mitológicos, em benefício de referências ético-metafísicas. Coletamos a segunda versão entre os mesmos mbya-guarani. Ela contém menos metafísica e mais mitologia. Quanto à terceira, é a que foi contada a Curt Nimuendaju pelos apapokuva-guarani, no início do século. Se bem talvez possamos farejar nela uma longínqua influência do mito cristão da arca de Noé, ao mesmo tempo ela reproduz o que sabemos do antigo discurso dos profetas tupi-guarani: "Dancem, pois tudo irá muito mal sobre a terra!... Agora, vocês não devem mais trabalhar!"

O dilúvio

Houve, por todos aqueles da primeira terra,
acesso ao que não é destinado à imperfeição.
Aqueles que pronunciaram as belas preces,
aqueles que foram mestres do saber,
aqueles para quem, belamente, houve totalidade acabada:
aqueles todos encaminham-se para sua futura morada.
Eles fazem seguramente com que se desdobre
sua futura morada de terra eterna
no coração da pátria dos Tupã pequenos⁸.

Aqueles para quem não houve o domínio do saber,
aqueles que se uniram à fonte do mau saber;
aqueles que se puseram distantes dos que permanecem
acima de nós:

eles todos encaminham-se mal,
há para eles totalidade desigual.

Existem os que foram transformados em pássaros,
e em rãs, e em escaravelhos;
quanto à mulher ladra, é em cabra
que a transformou nosso pai.

Nossos pais benevolentes deixaram antigamente para nós
as normas futuras:
somente através delas haverá para nós o bem-viver.

Karai Jeupié, senhor do mau amor,
colocou-se à distância de nossos pais primeiros:
casou-se com a irmã de seu pai.

Aqui estão as águas quase chegando:
o senhor do mau amor faz ouvir sua prece,
canta seu canto, dança sua dança.
Eis as águas chegadas:

8. Divinos de categoria inferior.

o senhor do mau amor não se ergue
até a totalidade acabada.

Ele nada, o senhor do mau amor,
junto da mulher, eles nadam;
no coração das águas dançam sua dança,
fazem ouvir sua prece, cantam seu canto.
Eles se provêm de força:
passam duas luas, eles possuem a força.

Há para eles totalidade acabada.
De duas folhas, fazem surgir a palmeira eterna:
no coração das folhas repousam,
com vistas a ganhar sua morada,
com vistas a coisas não-mortais.

Senhor do mau amor, senhor da funesta união:
ele mesmo fez desdobrar-se sua futura morada de terra
eterna

na pátria dos Tupã pequenos.

Vejam: o senhor do mau amor tornou-se
nosso pai e senhor Tapari.

Ele tornou-se o pai verdadeiro dos Tupã pequenos.

O dilúvio

Papari, nosso pai primeiro-último, tinha realizado seu
desejo de desposar a irmã de seu pai. Foi por isso que a
terra se pôs a tremer. É porque Papari havia faltado com
o respeito às normas que a terra foi amaldiçoada. Ela tremia
por vários anos, quando o pássaro *kuchiu*⁹ ouviu a primei-
ra coisa:

— Ei, vocês! Ouviram o que eu ouvi?

— Vamos! O que você ouviu foi o barulho de suas
próprias orelhas. Um burburinho em sua cabeça! — respon-

9. *Kuchiu*: um pássaro que canta quando vai chover.

deram o futuro abutre, a futura rã, o futuro sapo, o futuro *chapiro*.

A terra continuava a tremer, e *kuchiu* não parava de lamentar-se, pois não parava de ouvir. Esse barulho já era audível.

— Vocês ouvem o que eu ouço?

Mas os outros não acreditavam em nada. Também responderam:

— Mas é o burburinho em sua cabeça! É só o burburinho de suas orelhas que você ouve!

Assim, ele decidiu não dizer mais nada.

Foi então que se ouviu verdadeiramente que a terra tremia já por vários anos. Nesse momento, *kuchiu* voou, pois a água chegava. Os abutres também levantaram vôo. O que falava como seu chefe era *uruvuchi*, o abutre branco. Os outros eram *uruvu apua*, os abutres redondos. Quanto aos *chapiro*, eram os abutres inferiores. Todos voaram.

Quanto à mulher, transformou-se em rã. Fazia barulho sacudindo seu bastão de dança. Quando a água chegou, o futuro Papari penetrou no meio da correnteza.

— Faça com que novamente surja uma pequena palmeira pindo azul, ó, meu Pai primeiro!

Seu pai teve piedade e não se enganou, pois seu filho teve uma coragem enorme e enfrentou as águas com bravura. Foi por isso que surgiu, no meio das águas, a pequena pindo azul, a fim de que pudesse agarrar-se nela. Tendo a pindo sido colocada em seu lugar, seu pai disse:

— Agora sim, meu filho Papari, você possui o saber das coisas. Seu coração é grande, e isso é bom! Se as coisas se arranjam um dia, você, do alto, enviará palavras aos seus companheiros!

É ele que é chamado Karai Jeupié, o senhor incestuoso.

O fim da primeira terra

I

Nosso pai, o grande, desceu sobre a terra e disse a Guyraypoty:

— Dancem! Pois tudo irá mal sobre a terra!

Eles dançaram cerca de três anos antes de ouvir o ruído das coisas más. A terra estava prestes a cair, e balançava do lado do sol poente. Guyraypoty disse então aos seus filhos:

— Vamos! O ruído das coisas más nos assombra!

II

Puseram-se então em marcha, para o lado de nosso rosto, para a beira-mar. É para esse lado que se foram. E os filhos de Guyraypoty lhe perguntavam:

— A coisa má chegará até aqui?

— Não! Somente no final de um inverno chegará a coisa má.

Então os filhos puseram-se a trabalhar.

III

Passado o inverno, o ruído da coisa má novamente fez-se ouvir. Eles puseram-se novamente em marcha. A terra tremia mais frequentemente. E os filhos de Guyraypoty lhe perguntaram:

— A coisa má atingirá em breve este lugar?

— Agora vai ser pior! Agora vocês não devem mais trabalhar!

Eis o que disse nosso pai, o grande, a Guyraypoty, que o retransmitiu a seus filhos.

IV

Assim, os filhos de Guyraypoty pararam de trabalhar. Eles perguntaram:

— E como vamos sobreviver?

— Eu farei aparecer nossa futura alimentação!

E eles puseram-se em marcha, na mesma direção.

V

— Vocês já estão com fome?

— As crianças que brincam já têm um pouco de fome.

— Desdobrem-me um tecido!

Ele afastou-se, sacudiu seu corpo e fez cair milho, batatas doces e bolachas de mandioca. Deu tudo isso a seus filhos. Em seguida, puseram-se em marcha, na mesma direção.

VI

— Vocês estão acostumados a comer *vapurü*?

— Sim!

Ele andou sobre uma árvore: apareceu o *vapurü*, que foi comido por seus filhos.

— Deixem um galho, para que os que vêm depois de nós tenham também o que comer.

Entretanto a terra ardia cada vez mais. Eles retomaram o caminho e novamente questionaram Guyraypoty:

— Este lugar resistirá?

Assim respondeu ele aos seus filhos:

— Este lugar, dizem, é a montanha que detém o mar.

Ela é, dizem, destinada a subsistir.

Então, instalaram-se nela.

VII

— É chegado o tempo de que construam nossa morada: é preciso que a façam de madeira! Senão, dizem, ela desaparecerá nas águas. Eis o que me disse nosso pai, o grande.

VIII

Disse então Guyraypoty a Jyparu:

— Ajude meus filhos!

— Nenhuma ajuda! Vou fabricar piroga!

Ao pato:

— Ajude um pouco meus filhos a construírem sua casa!

— Também não posso, não ajudo. Se for preciso, posso voar!

— Bem, disse ao pássaro *suruva*, você também não ajudará meus filhos na casa?

— Não! Eu também não!

— Muito bem! Fique! Veremos, quando a água chegar, o que vai lhe acontecer!

IX

Começaram então a construir uma casa de madeira, terminaram-na e novamente puseram-se a dançar.

— Não tenham medo da chegada da água! É, dizem, para refrescar o apoio da terra que a água virá!

E depois:

— Dancem durante três invernos!

E, ao termo desse tempo, a água chegou.

— Não tenham medo!

X

A água chegava e se espalhava. Então Jyparu disse:
— Tragam-me o machado de pedra! Vou talhar uma piroga, para descer a correnteza!

Ele ainda gritava quando a água espumou em turbilhões por cima de sua cabeça. O pato quis voar, mas os habitantes da água o devoraram. O pássaro *suruva* também gritava:

— Olhem a água chegando!

E, como falava, a água encheu sua boca: sua alma-palavra transformou-se em pássaro.

XI

A filha de Guyraypoty tinha levado consigo um tatu. E a água recobriu a casa. Então a mulher de Guyraypoty lhe disse:

— Suba na vertente da casa!

Guyraypoty pôs-se então a chorar, e sua mulher lhe disse:

— Não tenha medo, meu velho! Mostre seus braços aos pássaros. Se os pássaros favoráveis vierem pousar sobre seus braços, erga-os acima de nós!

Em seguida, ela faz ressoar várias vezes seu bastão de dança nas vigas da casa.

XII

Então, Guyraypoty entoou o canto *ñeengaray*. E a casa parou de tremer, saindo das águas; eles elevavam-se, eles se iam. Chegaram à porta do céu, e a água, seguindo seus traços, também chegava.

V

YWY PYAU: A TERRA NOVA

Seria estranho ver os deuses tomados pelo desencorajamento. Obrigados, por causa dos primeiros humanos, a afundar a primeira terra sob as águas, não deixaram que esse revés lhes quebrasse o ímpeto de sua vontade criadora. O fim da idade de ouro, idade de uma terra cujos habitantes, fabulosamente indistinguíveis — formas animais que envolvem a beleza sagrada da Palavra — habitavam na proximidade dos deuses, esse fim chama um recomeço, a criação de uma nova terra. Ora, *ywy pyau*, a terra nova, não saberia repetir a primeira, pois não é uma segunda versão da idade de ouro, não pode existir senão no modo de imperfeição: terra dos homens e não mais dos deuses, terra de onde será banida a totalidade acabada, terra do mal e da infelicidade.

Mas de onde provém a estranha obstinação dos deuses, os superiores, em produzir deliberadamente os inferiores? É simultaneamente uma questão de psicologia divina — por que os deuses fazem o que fazem? — e de conhecimento humano — que sabem os índios guarani sobre seus deuses? Talvez exista no desejo de Ñamandu uma intenção de malevolência ou talvez mesmo uma maquinação perversa. Ele vai criar uma nova terra e *a priori* a quer má. Ele está pronto para instalar os humanos no espaço da imperfeição, para lançá-los no caminho perigoso da terra feia. Os deuses, de certa maneira, brincam com os humanos, usam-nos; os homens são os brinquedos dos deuses. Um texto que leremos adiante nos mostra Tupã afirmando sua intenção de enganar os habitantes da nova terra.

Os guarani não mantêm com seus deuses uma relação simples de pura piedade, não são vítimas do jogo dos deuses, mas querem quebrar as regras desse jogo. Sua fé não passa nem pela humilhação, nem pela resignação. Sua religiosidade exclui a espera passiva da

criatura sem liberdade. “Brinquemos com os pequenos seres que correm sobre essa terra feia!” — dizem os deuses. “Restituam-nos — respondem os homens — nossa verdadeira natureza de seres destinados à totalidade acabada do bem-viver no coração eterno da morada divina! Vocês nos devem isso!” Os guarani lembram sem cessar a seus deuses a dívida que contraíram em relação a eles, na origem de um mundo para o qual não foram feitos. Eles não suplicam um favor, reivindicam um direito. Desejo de imortalidade na escuta dos deuses: é justamente o contrário da culpabilidade. E, se há pecado (no sentido cristão) na ética dos guarani, é somente o do orgulho: à obstinação perversa dos deuses faz eco a constância paranóica dos homens. Vocês são divinos e bem sabem que somos seus semelhantes!

Encontramos simultaneamente, no texto que se segue, a beleza do gesto inaugural e o trágico de um destino decidido. Constataremos igualmente que a intenção de Ñamandu de criar a nova terra como território do perecível não tem o respaldo dos deuses. Depois da recusa de Karai, Ñamandu faz quase que comicamente uma pesquisa entre os deuses: “Quem vai encarregar-se desse trabalho desagradável?” “Eu não!” “Eu quero!” A nova terra será má, claro, mas todavia habitável, vivível graças à chama e à bruma, graças ao fogo e à fumaça do tabaco que traçarão ao redor dos habitantes da floresta uma fronteira de proteção. Eis então os humanos com o chefe adornado de coroas: saber de um futuro destinado à infelicidade, memória de um antigo passado de divinos.

A nova terra

Ñamandu, pai verdadeiro, a seu mensageiro:

“Bem, vá, meu filho!

A Karai, pai verdadeiro, pergunte se estabelecerá em seu lugar verdadeiro sua futura morada terrena”.

Karai, pai verdadeiro, ao mensageiro:

“Não estabelecerei, quanto a mim, em seu lugar verdadeiro, nada que é destinado a não durar.

Farei, quanto a mim, abater minha cólera sobre essa terra”.

Ñamandu, pai verdadeiro:

“Bem, as coisas sendo assim, vá e pergunte a Jakaira, pai verdadeiro, se sua futura morada terrena será instalada em seu verdadeiro lugar”.

Jakaira, pai verdadeiro:

“Desejo, quanto a mim, estabelecer em seu lugar minha futura morada terrena.

Vejam que minha terra já anuncia a infelicidade da ferida

para nossos filhos e para os últimos de nossos filhos.

Ora, apesar disso, farei com que se espalhe a bruma.

As chamas, a bruma, seguramente farei com que se espalhem sobre os seres destinados aos caminhos que percorrem a pátria da má vida.

Quanto ao tabaco, quanto ao esqueleto da bruma, farei com que existam, a fim de que atrás dela possam abrigar-se nossos filhos.

Espalharei docemente, quanto a mim, sobre todos os seres da floresta a luz dos meus raios silenciosos”.

Nosso pai primeiro-último, o pequeno, estabeleceu em seu lugar esta terra.

Sobre o leito de sua terra, ele fez que aparecessem os adornados cujas coroas de plumas murmuram.

Para acompanhar sobre sua terra esses cujas coroas de plumas murmuram:

os adornados de murmurantes ornamentos de plumas.

VI

AS AVENTURAS DOS GÊMEOS

VERSÕES

Eis então a terra nova criada. Os primeiros habitantes são nosso irmão mais velho e nosso irmão caçula, tanto um quanto outro filhos da esposa do grande deus nosso pai, o grande. Mais tarde, os meninos transformar-se-ão: o primeiro no Sol, e o segundo na Lua. É imprópriamente que os chamam de Gêmeos. Eles têm, com efeito, pais diferentes, diferença essa tanto mais pertinente quando se sabe que os guarani são patrilineares, onde a criança pertence à linhagem paterna. O pai de Futuro Sol é o deus Ñanderuvusu. O da Futura Lua é uma outra figura divina um pouco estranha, Ñanderu Mbaekuaa, Nosso Pai que sabe as coisas. Ele aparece desde o início do mito, o tempo suficiente para engravidar de novo a mulher já grávida de seu marido, e depois desaparece completamente. Quando a mulher, irritada com seu marido, conta-lhe o infortúnio do qual é vítima, ele decide deixar a esposa infiel e abandonar a nova terra à sua própria sorte. A ruptura entre o divino e o humano está desde então definitivamente consumada, a história dos homens encontra nela seu verdadeiro ponto de partida e começa, se assim podemos dizer, mal. O espaço do divino, *ywy mara ey*, a Terra Sem Mal, e o espaço do humano, *ywy mbaemegua*, a terra imperfeita, estão doravante radicalmente separados, situados um no exterior do outro. E todo o esforço dos homens consistirá em tentar abolir essa separação, em tentar transpor esse espaço infinito que os mantém afastados dos deuses: migrações religiosas, jejuns, danças, preces, meditação, em resumo, tudo o que constitui a prática e o pensamento do mundo religioso guarani.

O mito dos Gêmeos conta, em sua versão mais completa, a longa seqüência das aventuras dos dois meninos. Lançados em aventuras ora trágicas, ora cômicas, acabam sempre por dominar o adversário,

apesar das falhas e da leviandade obstinada de Lua, o caçula. E, na saída de sua odisséia, os dois irmãos, convertidos em astros que percorrem o firmamento, conseguem reencontrar seu pai e habitam por toda a eternidade em seu firmamento. Talvez seja preciso ver na longa série das provas a que são submetidos o modelo e mesmo o arquétipo do destino ao qual são votados os homens: a infelicidade de sua existência na terra má é a repetição da infelicidade inaugural na qual encontram-se imersos Sol e Lua. A história segundo o pensamento guarani é, poderíamos dizer, um eterno recomeço, o retorno eterno do mesmo. Concepção pessimista, claro, mas que todavia não desencoraja os guarani. Pois, podem dizer a si mesmos, se nosso irmão mais velho e nosso irmão caçula conseguiram transpor vitoriosamente os obstáculos que os separavam de seu pai, por que nós, através da incansável vontade de realizar o mesmo desejo, não o conseguiríamos? O teste das crianças-deuses prefigura o dos homens, mas seu sucesso final dá aos índios a confiança de ouvir um dia o chamado dos divinos. Teste, dizíamos, que é necessário enfrentar para conseguir chegar à luz: não se trataria, em sua versão selvagem, dessa pesquisa que assombra outras culturas, uma busca iniciática?...

Apresentamos quatro versões do mito dos Gêmeos. A primeira, coletada entre os mbya por León Cadogan, constitui o capítulo VII de seu *Ayvu Rapyta*. Obtivemos a segunda em um grupo diferente da mesma tribo. Ela só se distancia da primeira em detalhes. Quanto à terceira, é a de Nimuendaju, anotada entre os apapokuva. Ela contém diversos episódios que não figuram nas duas primeiras e que entre os guarani que conhecemos são objeto de mitos curtos separados ou de contos. A essas três versões quase que contemporâneas, julgamos útil adicionar uma quarta, afastada no espaço e, mais ainda, no tempo, dado que foi coletada por Thevet entre os tupinambá do lado brasileiro, no decorrer da viagem que fez na "França antártica", em meados do século XVI. A crônica de Thevet constitui a única e preciosa fonte quanto à mitologia dos antigos tupi que, como sabemos, desapareceram totalmente a partir do início do século XVIII. Análoga em sua organização aos mitos guarani, o mito tupinambá apresenta, como veremos, diferenças consideráveis. Uma comparação mais profunda entre essa versão antiga e "marítima", de um lado, e as versões recentes e "terrestres", de outro, deveria incitar a uma análise do tipo estruturalista, tal como ilustraram as pesquisas de Claude Lévi-Strauss e que não seria caso de implementar, por que só foi esboçada aqui.

Pa'i de corpo solar

A futura mãe de nosso Pai Pa'i era das que já tinham tido fluxo. Ela fazia armadilhas para pegar perdizes *chororo*. Mas em uma delas capturou uma coruja. Aquela que já tinha tido fluxo amarrou-a para torná-la seu animal doméstico. Em seguida, quis alimentá-la com grilos, mas o pássaro não comia; com borboletas também não, pois ela não as queria. Comia somente bolachas de milho.

Cada noite, ela fazia seu animal doméstico dormir perto de sua cabeça. Com sua asa, o animal acariciava delicadamente a cabeça de sua dona. Dessa forma, ela ficou grávida.

Foi então que a coruja adquiriu um corpo: era nosso pai primeiro-último, o pequeno. Nosso pai forneceu o modelo de nossa futura conduta ¹⁰.

As coisas estando assim, ele quis abandonar sua terra: "Vamos à minha casa!" — disse à sua esposa.

— Não quero ir lá. Perversa será sua esposa, a verdadeira mãe de seus filhos, a que habita a morada do alto ¹¹.

Ela falou e ficou.

— Mesmo se for mais tarde — disse ele — traga-me meus filhos.

Nosso pai se foi. E, quanto à sua esposa, a mãe de Pa'i, ficou sobre a terra. Mais tarde, ela partiu nos rastros de seu esposo. Levava sua criança no ventre. E ela o questionava a propósito do caminho que havia tomado seu pai.

Fonte que brota: assim tem nome a morada originária de nossa avó. Centro da terra é esse lugar, centro verdadeiro da terra, verdadeiro centro da terra de nosso pai pri-

meiro-último. Aí encontra-se uma palmeira azul. Na primeira floração da palmeira azul, o pássaro *piriyiki* foi o primeiro a pilhá-la.

Os traços, os inúmeros traços de nossa avó, subsistiram até agora. Nenhum deles, até agora, foi destinado a apagar-se. Na verdade, é preciso que nos mantenhamos, apesar dos pesares, juntos; que belamente se façam ouvir nossos hinos; então, todas essas coisas seguramente serão novamente vistas por nós.

Pa'i viu uma flor de íris: "Colha-a, a fim de que eu me alegre com ela quando chegarmos no limite da morada de meu pai".

Mais tarde, viu uma outra: "Colha também esta, a fim de que eu me alegre com ela quando chegarmos no limite da morada celeste de Primeiro-último".

Mal sua mãe colheu a flor, um zangão picou-a. Furiosa, gritou: "É somente depois de se ter elevado ¹² que se pode exigir brinquedos, que se deseja diversão!"

A mulher o questiona a propósito dos rastros do pai, mas ele não responde. É por isso que ela toma o caminho mais belo e chega na morada dos seres originários ¹³.

Lá, a avó dos seres originários lhe fala assim: "Volte sobre seus passos, minha filha! Enganadores são todos os netos!"

Mas, apesar do que tinha acabado de dizer, ela não voltou. Então a avó recobriu-a com uma grande urna. Enquanto isso, seus netos chegaram da floresta:

— Oh! Nossa avó tem caça! — gritaram.

Ouvindo isso, a avó lhes diz:

— Pobre de mim! Como querem que eu tenha trazido caça, se vocês mesmos, que correram as matas, não caçaram nada?

10. Se os homens usam de astúcia para seduzir as mulheres, é porque o deus deu o exemplo primeiro.

11. A mãe de Pa'i é, então, a mulher debaixo.

12. Isto é, somente depois do nascimento: Pa'i ainda está no ventre de sua mãe.

13. Trata-se dos jaguares, primeiros ocupantes da terra.

Nisso chega um irmão caçula dotado de um olfato melhor. Ele levanta a borda da urna: aí se encontra efetivamente a mãe de Pa'i. Ele a mata na hora. Limpando-a, percebe que estava grávida. Também diz à sua avó:

— Avó! Ela está grávida!

— Nesse caso asse-o¹⁴, que eu como!

Ele quis assá-lo, mas não conseguiu enfiar o espeto.

— Bom, vou comê-lo grelhado na brasa! disse.

Mas de novo não conseguem cozinhá-lo, de novo lhes falta o poder de fazê-lo assar.

— Leve-o para o pilão e bata bem! — disse ela.

Mas foi impossível moê-lo.

— Leve-o e estenda-o ao sol, para que seque. Ele será meu animal doméstico! — falou.

Assim que secou, ele procurou o que seria seu arco.

— Amarre uma corda a meu arco! — disse ele à avó dos seres originários.

Ela amarrou uma corda. Ele flechava borboletas e trazia uma quantidade enorme à sua avó. Mais tarde, já crescido e chegado à idade da razão, pôs-se a procurar pequenos pássaros para sua avó; e matava inúmeros deles.

Em seguida, como companheiro futuro, fez para si um irmão caçula; ele próprio, dado que era um não-mortal, fez de uma folha de árvore *kurupike'y*, surgir Futura Lua.

Eles já sabiam quase tudo sobre a floresta, quando sua avó lhes disse:

— Não entrem nessa floresta azul!

Mas o caçula, muito vivo, perguntou:

— Por que minha avó não quer nos mandar para essa floresta azul?

— Se você tem vontde, vamos. Sim, vamos! — disse Pa'i.

14. O bebê, evidentemente.

E assim, um ao lado do outro, entraram na floresta. Mataram muitos pássaros pequenos. O caçula viu então um papagaio. Atirou uma flecha sem dizer nada ao irmão mais velho. Mas errou o alvo, e o papagaio se pôs a falar.

— Mal errei o alvo e o papagaio se pôs a falar! — disse ao irmão.

Este aproximou-se:

— Atire mais uma vez! — disse.

Novamente errou seu alvo, e o papagaio voltou a falar.

— Vocês são os fornecedores dos que se alimentaram de sua mãe! — disse-lhes.

Ao ouvirem isso, nosso pai Pa'i, apoiando-se em seu arco, começou a chorar. Liberou os pequenos pássaros que haviam capturado; quanto ao cordão de casca de *guembepi*, que aprisionava os pássaros, deu-a para o irmão chupar: disso nasceu o pássaro *jayru*. Voltaram com as mãos completamente vazias. Não traziam nada para a avó.

Nosso pai Pa'i sabia então quem eram os que haviam se alimentado de sua mãe: os seres originários. Ele fez uma armadilha. Veio um dos irmãos mais velhos dos seres originários:

— Que está fazendo? — perguntou.

— Estou fazendo uma grande armadilha.

— Certamente eu não morreria aí dentro! — disse o ser originário.

— Bom! Então entre aí!

Ele entrou e morreu. Foi assim que Pa'i exterminou aqueles que tinham se alimentado de sua mãe, foi assim que exterminou o mal. Foi depois desses acontecimentos que nosso pai Pa'i fez a árvore de frutos dos seres originários. Ele queria, enganando-as, levar as mulheres dos seres originários a comer esses frutos, elas que haviam se alimentado de sua mãe. Ele levou à sua avó alguns frutos caídos da

árvore. Como ela insistisse em comer ainda mais, Pa'i lhe disse:

— Vamos então para perto da árvore! Lá comeremos até a saciedade.

Foi por isso que nosso pai Pa'i fez um riacho sobre o qual lançou uma ponte e jogou cascas de árvore na água. Daí nasceram os habitantes da água: as serpentes, as grandes lontras, as pequenas lontras, os boas-jaguares, todos os animais destinados a devorar os Seres originários, as mulheres.

Mandou Lua atravessar o riacho, para que guardasse a extremidade da ponte.

— Quando elas estiverem todas no meio da ponte, vire-a. Franzirei o nariz quando for o momento: nesse instante, vire-a! — disse ao caçula.

Ora, antes mesmo que estivessem no meio da ponte, puramente por diversão, nosso pai Pa'i franziu seu nariz, e o caçula virou a ponte cedo demais. Uma das mulheres, grávida, pôde saltar, alcançando o barranco sã e salva.

Nosso pai Pa'i proclamou então:

— Eis aqui um ser espantoso! Fuja e mergulhe no sono! Os cursos d'água, a margem dos cursos d'água, você os torna espantosos! Fuja e mergulhe no sono!

Apesar disso, sua criança foi um macho. Foi por isso que ele cometeu incesto com sua mãe. Procriaram com abundância, e sua raça povoou toda a terra.

Nosso pai Pa'i foi tomado de furor ao constatar que aquela que se alimentou de sua mãe elevou-se novamente, sã e salva, em cima do barranco abrupto do rio. Transformou-a no ser que torna hostis as margens dos cursos d'água. Se não tivesse agido assim, não haveria jaguares¹⁵.

15. O mito não diz jaguar mas raposa. Os guarani efetivamente não nomeiam o jaguar, sob pena de provocar seu aparecimento.

Depois desses acontecimentos, contou como havia enganado os Seres originários com o fruto doce. Mas não permitiu que continuasse a ser alimento dos belamente adornados: deixou somente sua imagem sobre a terra, aquela que subsiste sob o nome de "alimento dos jacarés".

Tendo agido assim, reuniu os ossos de sua mãe. Depois disse ao caçula:

— Vá assustar uma perdiz!

Ele foi e amedrontou uma perdiz. A mãe de Pa'i disse então:

— Estute! O pequeno está assustando as perdizes!

E este gritou:

— Ah! Mãezinha! Ah! Mãezinha!

Tentou mamar nela, e os ossos de sua mãe caíram. Vendo isso, Pa'i disse:

— Vá agora mais longe e amedronte uma perdiz!

Então:

— Escute. O pequeno ainda está assustando as perdizes! — falou novamente a mãe.

— Ah! Mãezinha! Ah! Mãezinha! — gritou novamente o caçula.

E novamente tentou mamar em sua mãe, cujo corpo novamente se decompôs.

Foi por isso que, vendo que era impossível juntar os ossos de sua mãe, Pa'i dispersou-os na floresta, proclamando: "Ser semelhante a minha mãe! Fuja e mergulhe no sono!" E ele a transformou em *jaicho*, em paca. Desde esses eventos, e até o presente, quando uma paca cai em uma armadilha, Sol não se levanta rapidamente, de dor ao lembrar de sua mãe.

Pa'i de corpo de sol e Futura Lua andavam ao longo do rio, cada um em uma margem. Lua divisou uma árvore *guavira*:

— Que planta é essa? — perguntou.

— Qual é a forma do fruto? — disse Sol.

— É vermelho, com uma casca dura na base.

— Então é *guavira*. Não coma, pois lhe daria vermes. Para consumir os frutos maduros de *guavira*, é preciso soprar fumaça por cima deles.

Mais tarde, Lua viu frutos da palmeira pindo.

— E essa árvore, que é? — perguntou. — Seus frutos também são vermelhos e duros.

— São frutos de pindo! Você pode mordê-los.

Ele foi comendo, e chegaram a um lugar onde cresciam árvores *guaviju*.

— Meu irmão mais velho, que gênero de frutos é esse? — questionou.

— Esses são *guaviju*. Não os coma! É preciso soprar fumaça neles para que se possa comê-los!

Continuaram a seguir as margens do rio. Lua chegou a um lugar onde cresciam *aguai*.

— Que fruto é esse? — perguntou ao mais velho.

— Qual é sua forma?

— Os frutos são longos e amarelos.

— Nesse caso são *aguai*. Acenda uma fogueira e asse-os. Não se deve comê-los crus! Recolha as sementes daquelas que vai comer. Jogue-as no fogo e aperte-as com seu arco.

Ele jogou as sementes de *aguai* no fogo e apertou-as com seu arco. Levantou-se e ficou em pé, junto ao fogo. Então, as sementes jogadas no fogo explodiram. Lua teve um medo enorme e deu um pulo, indo parar na outra margem do rio, onde estava seu irmão.

Chegaram ao lugar onde Charia¹⁶ pescava peixes. Sol mergulhou na água e puxou o anzol. Charia perdeu o peixe. Sol recomeçou três vezes, e três vezes Charia caiu de costas.

16. Personagem não-humano e maléfico.

— Agora é minha vez! — disse Lua.

Deslizou também na água e mergulhou. Puxou o anzol: Charia tirou-o da água e bateu-lhe na cabeça com um porrete. Levou seu “peixe” para a mãe de seus filhos.

Estavam quase cozinhando-o, quando Sol chegou nesse lugar.

— Você quer um peixe? — perguntou Charia.

— Não quero comer isso! — respondeu Sol. — Deixe-m. somente um pouco de caldo de milho. Quanto aos espinhos, não os jogue, pois quero recolhê-los.

Tendo recolhido os ossos, levou-os e recompôs o corpo do caçula. Fez com que uma palavra viesse habitá-lo e, com o caldo do milho, fez-lhe um cérebro.

Se até agora a lua desaparece às vezes, é simplesmente porque Charia devorou-a. E, se até o presente a lua reaparece a cada vez, é porque seu irmão mais velho o fez ressuscitar. Da mesma forma, quando a lua “se cobre”, é porque Charia tenta devorá-la: então, Lua recobre-se com seu próprio sangue.

Lua introduziu-se tateando junto à irmã de seu pai. Ela quis saber quem é que se aproximava dessa forma e untou os dedos com resina. Durante a noite, enquanto Lua se aproximava tateando, ela lambuzou-lhe o rosto com a resina. No dia seguinte, Lua foi lavar o rosto para retirar a resina, mas ela não desapareceu completamente, pelo contrário, lambuzou-se ainda mais com ela.

É para que sua face fique, até hoje, manchada, que todas essas coisas se produziram. Dessa maneira, existe para nós o modelo de nossa conduta futura.

Sol disse ao caçula.

— Atire uma flecha no coração da morada do alto!

Ele atirou e atingiu o alvo.

— Atire uma flecha no entalhe da primeira! Isso!

Ele atirou, e efetivamente a flecha encaixou-se no entalhe. Dessa forma, as flechas acabaram por chegar à terra.

— Bom! Agora, suba pelas suas flechas!

Lua pôs-se a subir. Sol arrancou a primeira flecha, e pelo buraco Lua penetrou no céu. E ficou lá.

Quanto ao seu arco, continua existindo; esse arco eterno que chamamos arco da lua¹⁷ foi deixado tendo em vista nossos arcos futuros.

Depois, Lua fez chover. Até hoje, para tirar as manchas de resina que a irmã deixou em seu rosto, Lua faz chover. É dessa forma que, até o presente, a lua nova lava o rosto.

Charia encontrou quatis e matou-os. Nesse meio tempo, nosso pai tinha subido em uma árvore *guavira*. Foi lá que Charia atirou nele com seu arco. Sol se fez de morto e defecou. Charia embrulhou seus excrementos em folhas de íris. Quanto ao cadáver, colocou-o dentro de seu cesto, com os excrementos, sob os quatis.

Charia foi pescar peixes e colocou seu cesto longe da água. Então Sol escapou, depois de ter colocado uma pedra em seu lugar, sob os quatis. Charia foi embora e chegou em sua casa. Suas filhas olhavam.

— Bem! É Nakarachicha que está aqui! E sua merda também! — disseram. As filhas levantaram os quatis.

— Este é um quati órfão! — disseram.

Mas queriam dizer: “Vejam um quati verdadeiro^{18!}”

— E isto é . . . uma pedra! — gritaram, descobrindo a pedra sob os quatis.

Charia subiu em uma árvore que tinha frutos.

— Que gênero de frutos é esse? — perguntou.

— É um *añangapiry* — respondeu Sol.

17. Nome religioso da árvore em cuja madeira os guarani talham seus arcos.

18. Jogo de palavras destinado a ironizar o palavreado pesado dos Seres primitivos.

— Ai! Nosso pai faz que escorra água de minha pele!
— gritou Charia¹⁹.

E caiu.

Nosso pai caiu sobre um cedro carregado de frutos.

Quatis! Durmam imeditamente! — disse.

— Os quatis passaram a existir desde então e fugiram em galope. É a partir desses acontecimentos que, até agora, os quatis sobem nas árvores e, logo após, deixam-se escorregar para a terra.

Nosso pai Pa'i já tinha crianças. Fez que um de seus filhos lavasse os pés quando queria comer peixe: ele lavava os pés e, dessa forma, todos os peixes morriam. Então, ele os recolhia e os comia²⁰. Charia não demorou a vir.

— Emprésteme seu filho! — disse. — Eu também quero comer peixes.

Ele levou-o para a floresta. Aí chegando, golpeou-o na cabeça e, arrastando-o, levou-o até o rio. Golpeou-lhe o corpo todo, como se faz com o cipó *timbo*. Deu o modelo do que se faria mais tarde com o cipó e matou o filho de nosso pai. Nosso pai Pa'i ficou furioso: eles lutaram e rolaram pelo chão. Charia não pôde vencê-lo, e foi Sol quem levantou-se. Eis porque existem, até hoje, eclipses do sol.

Depois disso, nosso pai Pa'i fez de um cesto sua filha. Deu-a a Charia, que levou-a e fez amor com ela no caminho. Mas dilacerou o pênis. Assim, Charia bateu na mulher que, sem cerimônia, voltou a ser cesto.

19. *Añangapiry*: significa literalmente “água da pele de Añä”, outro nome de Charia.

20. Mito da origem do veneno de pescar, o *timbó*.

Um dia, o jaguar descobriu o arco de nosso pai Pa'i em seu caminho. Pô-se a manipulá-lo e recebeu um pesado golpe no rosto. Do arco surgiu a árvore *genipa*. Eis porque, até agora, quando devemos dormir em lugar deserto, saímos do caminho até encontrarmos um *genipa*. Pois o jaguar, amedrontado, afasta-se dessa árvore. Se, quando montarmos uma armadilha, pusermos suportes de madeira de *genipa*, o jaguar não se aproximará dela.

Depois de todos esses acontecimentos, nosso pai Pa'i fabricou um cocar de plumas: ele era feito de fogo. Depois, deu-o de presente a Charia.

Pa'i passeava em uma planície, quando farejou um cheiro de queimado: era o cocar de Charia que queimava. Este entrou em um pântano e saiu, mas as plumas continuavam a queimar. Correu para jogar-se em um rio, mas o cocar não se apagou. Então, pôs-se a correr pela planície, consumindo-se completamente. Quando ele se apagou, nosso pai Pa'i soprou as cinzas, que se transformaram em moscas, pulgões, mosquitos e botucas.

As entranhas de Charia explodiram, fazendo: *chororo, ro, ro*. Um pedaço de intestino voou pelos ares e caiu no mato, transformando-se na perdiz *chororo*, que é a senhora do fogo.

Quanto à alma-palavra de Charia, nosso pai fez dela o pai verdadeiro dos Tupã-Rekoe, dos Tupã destruidores da vida.

Uma filha de Pa'i quis ver.

— Não olhe!

Ela olhou, todavia, e morreu. Foi a primeira a ser morta por Mbogua. Sol enterrou-a, não lhe devolvendo a vida: era o modelo de nosso futuro destino ²¹.

21. Mbogua é a morte: desde esse acontecimento, os homens são mortais.

Os gêmeos

A esposa de nosso pai, o grande, tinha duas crianças em seu ventre, e não faltavam motivos de discórdia entre ela e seu marido. Ñanderuvusu tinha preparado sua plantação. Percorreu o lugar que havia queimado, mas sem semear. Todavia, as plantas germinaram. Ele voltou então para casa.

Sua mulher estava em avançado estado de gestação, e ele quis admirar o fruto de seu ventre, seus próprios filhos: considerava os dois como suas próprias crianças. Mas não era assim, pois que em sua ausência um outro tinha vindo e engravidado sua mulher.

Não estamos destinados a saber que a mulher é mais esperta que nós. Por isso, Ñanderuvusu ignorava que as crianças não eram suas. Ele voltou então da plantação, fatigado e suando. Com a palma da mão, tocou o ventre da mulher, que exclamou:

— Por que você está irritado? Este não é o fruto do seu amor. Eles não são frutos de seu amor. São frutos do amor de Ñanderu Mbaekuaa, nosso pai que sabe as coisas!

Ñanderuvusu deitou-se então em sua rede de fibras de urtiga. Pôs-se a refletir na maneira pela qual se retiraria. Que iria levar consigo lá para cima? Deitou-se e dormiu. E sonhou com a maneira como deveria ir embora. Depois levantou-se e disse:

— Pronto! É assim que irei: dançando!

E dançando levantou-se; depois rezou e em seguida destacou o enfeite de plumas do bastão-insígnia, colocando-o na sua cabaça. Colocou também nessa cabaça os rabos de arara, de papagaio e de *marakana*: para si mesmo e para seu filho, no caso de ele nascer. Pegou sua rede e levou-a também. Tendo aberto um pequeno caminho, foi-se por ele. O caminho reto era o usado pelos seres perigosos. Na en-

trada do caminho que tomou, plantou um rabo de papagaio, para deixar um sinal para seus filhos, no caso de eles o seguirem na direção do céu. E, quando encontrou o caminho de Ñanderu Mbaekuaa, fechou-o com um rabo de arara, para que soubesse qual o caminho que ele, Ñanderuvusu, tinha tomado.

A mulher tinha-se deitado, irritada e sempre grávida das duas crianças. Levantou-se e levou sua própria rede, que era de sua propriedade e na qual ela descansava na sombra da casa, quando não queria deitar-se ao lado de Ñanderuvusu. Levantou-se e partiu.

Seguia os rastros de seu marido. Depois de algum tempo, chegou à plantação. Notou uma flor de *mburukuja*, de passiflora, e a criança que ela tinha no ventre, nosso irmão mais velho, pediu-a para si. A mãe colheu todas as flores e com elas encheu sua cabaça, à guisa de ornamento de plumas. Prosseguindo sua marcha, chegou ao sinal do rabo de arara: ela não sabia que caminho tomar. Então perguntou à criança em seu ventre:

— Por onde foi seu pai?

— Por ali!

— Então vamos, vamos por ali!

Depois de algum tempo de marcha, chegou a uma plantação abandonada. Aí também havia flores de passiflora, e nosso irmão mais velho tornou a pedi-las. Nessa época já existiam vespas. Dentro de uma flor ainda não aberta, havia uma vespa *mamanga*: ela tinha penetrado antes que a flor se desenvolvesse. A mulher colheu essa flor, e a vespa picou-lhe o dedo. Por isso, bateu em seu próprio ventre dos dois lados, com a palma das mãos.

Avançou um pouco e viu outro rabo de arara: ela ignorava que caminho havia tomado seu marido. Interrogou novamente as crianças, mas nenhum dos dois respondeu; estavam completamente silenciosos em seu ventre. Pergun-

tou cinco ou seis vezes; eles não queriam mais falar. O mais velho falou então com o caçula, dentro do ventre de sua mãe:

— Agora é a sua vez de falar, de indicar para nossa mãe onde deve levar-nos, para que ela nos carregue até o lugar onde se encontra nosso pai.

A mãe renunciou a questionar seus filhos. Viu um caminho bonito: era o caminho de Mbaekuaa.

— Vamos por lá, crianças! Não me falem mais! Iremos por aqui. Aconteça o que acontecer, iremos por aqui! Vamos seguir os rastros de seu pai: vamos pelo único caminho de Ñanderu Mbaekuaa.

Continuando a avançar, atingiu o lugar onde a avó dos jaguares estava fazendo fumaça. Esta lhe disse:

— Tenho muitos netos! Por isso, vou escondê-la: talvez não notem seus rastros.

E cobriu-a com uma grande panela de barro.

Quando o sol ultrapassou o zênite, os jaguares chegaram. O *aguara'i* chegou primeiro e resmungou para a avó:

— Avó! Esta tarde exala um forte odor de carne!

— Como você quer que haja um forte odor de carne, dado que fiquei aqui em sua ausência! Eu estava fazendo fumaça com os ossos do que foi nossa comida. Como você quer que em sua ausência eu busque comida?

Uns após outros, todos os felinos chegaram e, por último, o jaguar. Chegou e, sem dizer absolutamente nada à sua avó, virou a grande panela de barro e lá encontrou o que comer. Com suas presas, romperam o útero onde estavam as crianças, para oferecê-las à avó.

— Aqui está sua comida, avó! Nós vamos comer aquilo, e você, isto aqui.

Ela pôs as crianças para cozinhar em uma panela. Quando jogou as crianças com o cordão umbilical na água quente, esta resfriou. As duas crianças tiveram sorte, para

nossa própria sorte e para nosso destino. Em seguida, jogou-as no fogo, e o fogo apagou-se. Pensou então em conservá-las como animais domésticos.

Foi desta forma que existiram o futuro sol e a futura lua. Sua mãe não soube quem eram. Um era nosso futuro irmão mais velho, e outro, nosso futuro irmão caçula. Foi assim que as coisas começaram. Tudo produziu-se depois que os jaguares destruíram a mãe. Essas coisas não acontecem mais. Se esses acontecimentos se produzissem ainda uma vez, não existiríamos agora. O que chamamos *emboi* foi para que as coisas em sua totalidade começassem, como por exemplo a obscuridade, cuja presença vemos bem. Agora não sofremos mais, pois temos a luz do fogo. Quando é noite e não vemos mais as coisas, vamos dormir: “Vamos deitar e dormir!” e invocamos nosso pai Pa’i — o sol — para ver se, quando dormimos, ele toma conta de nosso sono. É, para nós, a única maneira de acordar bem. De outro modo, acordaríamos um pouco doentes, e nesse caso usaríamos os remédios que conhecemos.

O mais velho disse ao caçula:

— Agora conhecemos nossa mãe. Dizíamos, a respeito da avó dos jaguares: “nossa avó”. Mas ela não era nossa verdadeira avó. E, quanto ao nosso avô, também não era alguém muito bom, mas aquele que queria comer-nos. E dizíamos: “meu avô!” Mas, com efeito, não era de forma alguma o caso: eles eram aqueles que se alimentaram de nossa mãe.

Para eles, agora, meu irmão, vamos montar uma armadilha, uma grande armadilha. Nela colocaremos uma espiga de milho, para prender e matar todos aqueles que se alimentaram de nossa mãe. Vamos nos vingar de todos. Você já é um pouco forte, caçula?

— Sim, já sou suficientemente forte.

— Nesse caso, faça um buraco aqui.

Ele fez um buraco profundo e colocou uma grande armadilha na entrada. Passaram a tarde espionando, à espera dos jaguares. Primeiramente pegaram *aguara’i*. O último a chegar foi o chefe dos jaguares. Quiseram capturá-lo, mas Caçula não teve força suficiente. Foi por este motivo que nem todos os jaguares foram mortos, e que uma fêmea grávida pôde escapar. A isto se deve que até hoje existam jaguares. Se a fêmea tivesse tido outra fêmea, os jaguares não se teriam reproduzido. Mas tiveram sorte, pois ela pariu um macho, que copulou com sua mãe e procriaram. E agora existem muitos jaguares. Tudo isso porque Guyrapepo, o caçula, não teve força suficiente para fazê-la cair no buraco.

Os outros, que chegavam, aproximavam-se e diziam:

— Por que fez isso?

— Para afastar os ratos.

— Não cairão nesse tipo de armadilha!

— Então entre, para experimentá-la!

E todos os que entravam morriam.

O mais velho zangou-se com o caçula.

— Como você, meu irmão mais velho, vai zangar-se comigo! Ainda sou fraco, não tive força suficiente para jogá-la no buraco. Ela surpreendeu-me, essa fêmea de barriga grande!

Quanto aos jaguares que cresceram depois, não se podia mais destruí-los. Eles distribuíram-se perto das águas, das fontes, para transformá-las em lugares assombrados.

— Vão e tornem assombradas as fontes e as florestas! Lá encontrarão comida!

Assim falou Sol.

Esse foi o começo das coisas. Os dois irmãos tiveram medo e disseram.

— Vamos ver Tupã, a fim de que nos dite as normas para nos conduzirmos na vida. Se ele ditar as normas para

nossa vida, abandonaremos esta terra que já está perigosa. É impossível matar todos os jaguares. A fêmea prenhe escapou. Ela vai ter filhotes e, com sorte, terá um macho, e os jaguares se multiplicarão. Já não temos mais poderes sobre eles, e vão alimentar-se de nossos corpos. Comerão todo tipo de animais, mas quando alguns se tornarem ariscos demais, os jaguares se alimentarão de nossos corpos. Vale a pena sairmos correndo para nos afastarmos deles. Mas não vamos para um lugar qualquer! Previnamos Tupã, a fim de que ele nos dê uma terra onde seja possível viver.

Sol e Lua se foram. Subiram ao firmamento e suplicaram a Tupã, para fugir da terra e escapar dos jaguares. Tupã lhes disse:

— Vou dar-lhes uma terra onde possam viver. Quanto a ele, que fique na obscuridade, já transformado em jaguar!

Chamamos os jaguares de *pytüjary*, senhores das trevas. E isso transforma as trevas em uma coisa terrível.

Aqui, onde dormimos, devemos nos proteger; para dormir, é preciso uma casa sólida, para que os jaguares não entrem nela. Poderiam pegar-nos por uma perna, pela cabeça, para levar-nos; e não é possível vingar-se deles.

Sol e Lua abandonaram esta terra e se foram. O que aconteceu em seguida foi em sua ausência. Lá em cima, Sol vigia tudo. É ele que toma conta de nós. Ele foi gerado da palavra de Tupã. Tupã é a raiz.

*

Vários informantes nos contaram o mito dos Gêmeos. Suas versões, comparadas com as que publicamos aqui, são relativamente mal contadas. Extraímos dois curtos fragmentos delas. Um completa o episódio da travessia do rio pelo caçula; parece-nos interessante guardá-lo pelo papel que o riso desempenha nele. Quanto ao segundo, poderíamos simplesmente ver nele o papel da origem da mulher, que Sol cria a partir de um cesto. Os guarani enunciam assim no plano do mito o que seus vizinhos guayaki vivem no cotidiano: o cesto de

carregar é para eles a metonímia da mulher; e todo contato entre um homem e um cesto o condenaria ao azar, e ele deixaria de ser um caçador²².

*

— Acenda uma fogueira e jogue nela as sementes. Que elas se consumam! Elas vão crepitar na hora. E, assim que começarem a crepitar, ponha-se a rir: hi, hi, hi!

Nosso irmão caçula joga as sementes na fogueira, onde elas se põem a crepitar. Então ele fez: hi, hi, hi! e encontrou-se do outro lado do rio. Tinha atravessado, mas não estava contente.

Para brincar, Sol pulou na armadilha: Añã²³ ia chegar. Sol debateu-se para sair da armadilha, mas não pôde quebrá-la. Añã chegou decidido a matá-lo. Sol disse então:

— Vou dar-lhe meu arco eterno!

Ele não quis.

— Vou dar-lhe minha flecha eterna!

Ele recusou-a — estava decidido a matar Sol. Este disse então:

— Vou dar-lhe minha irmã eterna!

Añã tirou-o então da armadilha. Sol afastou-se e começou a fabricar um cesto. Desse cesto, fez uma mulher. A mulher é um antigo cesto. Añã foi à casa de Sol. Encontrou a mulher moendo milho. Sol ofereceu-lhe sua irmã.

Añã tinha o hábito de lavar-se. Sol recomendou-lhe:

— Não a leve muito à água!

Añã estava muito contente e, no mesmo dia, durante a tarde, levou a mulher consigo ao banho. Ela jogou-se na água e não voltou mais. Mas, um pouco abaixo, emergiu na superfície da água o que era só um cesto.

22. Cf. Pierre Clastres, *Chronique des indiens guayaki*, Paris, Plon, 1972.

23. Outro nome de Charia.

Añä, chorando, olhava para a água. Na água se vê nosso reflexo: ele tentava pegar seu reflexo. Mas a mulher já tinha desaparecido. Voltou então na casa de Sol para tornar a pedir-lhe sua irmã.

— Dei-lhe minha única irmã, não tenho mais nenhuma!

Añä foi embora.

O começo

I

Ñanderuvusu, nosso pai, o grande, veio só e deixou-se ver no coração das trevas. Os morcegos originários já existiam e defrontaram-se com ele no coração das trevas. Ñanderuvusu arvorava o sol sobre seu peito. Trouxe a madeira cruzada originária, colocou-a na direção “do lado do nosso rosto”²⁴, andou sobre ela e começou a fazer a terra. Até hoje, a madeira cruzada é o sustentáculo da terra. Se tirar esse apoio, a terra cairá. Em seguida, trouxe a água.

II

Mais tarde, Ñanderuvusu encontrou a seu lado Ñanderu Mbaekuaa, nosso pai que sabe as coisas. Ñanderuvusu disse a Mbaekuaa:

— Encontremos a mulher!

Então falou Ñanderu Mbaekuaa:

— Como poderemos encontrar uma mulher?

— Nós a encontraremos na panela.

Fez uma panela de barro e cobriu-a. Um momento após, disse a Mbaekuaa:

— Vá então ver a mulher na panela!

Mbaekuaa foi olhar: a mulher realmente estava lá. Levou-a consigo.

24. Quer dizer do lado do sol nascente, do leste.

III

Em seguida, Ñanderuvusu construiu sua casa no coração do sustentáculo da terra. Disse a Mbaekuaa:

— Vá experimentar a mulher!

Mbaekuaa partiu e experimentou a mulher. Não queria misturar seu sêmen ao de Ñanderuvusu; assim, depositou-o à parte. E de uma só mãe formou-se o filho de Ñanderuvusu e o de Mbaekuaa, no ventre de sua mãe. Ñanderuvusu foi embora.

IV

Ñanderuvusu preparou então sua plantação. À medida que a preparava, ela enchia-se de espigas de milho verdejantes. Em seguida, voltou para casa, para comer. Disse à sua mulher:

— Vá a nossa plantação e traga milho macio para comermos!

Mas ela retrucou:

— Você foi trabalhar há pouquíssimo tempo e já volta me dizendo “Vá buscar milho!” Não é seu filho que trago no ventre mas sim o de Mbaekuaa!

E a mulher de Mbaekuaa, pegando seu cesto, foi para a plantação.

V

Ñanderuvusu pegou então seu boldrié de plumas, sua maraca de dança e também a madeira cruzada. A coroa de plumas colocou-a na cabeça. Saiu, deu uma volta em torno da casa e se foi. Chegado ao caminho dos jaguares originários, enfiou a madeira cruzada na terra, a fim de desviar assim seus próprios rastros.

VI

Sua esposa, de volta da plantação, chegou em casa. Ñanderuvusu não estava mais. A mulher pegou a cabaça de água, muniu-se de seu bastão de dança, saiu, deu uma volta em torno da casa e partiu no rastro de seu marido.

VII

Ela tinha caminhado um pouco quando sua criança pediu-lhe uma flor. Ela colheu-a para sua criança e prosseguiu em seu caminho. Mais tarde, bateu na morada de seu filho e perguntou-lhe:

— Por onde foi seu pai?

— Por ali.

Andou um pouco mais, e a criança tornou a pedir-lhe uma flor. Colheu-a, mas uma vespa picou-a. Ela disse ao seu filho:

— Por que você, que ainda nem é desse mundo, deseja uma flor e me faz ser picada por uma vespa?

A criança ficou furiosa.

VIII

Ela retomou a marcha e chegou no lugar onde estava a madeira cruzada. Perguntou novamente à criança:

— Por onde foi seu pai?

— Por ali.

E indicou o caminho dos jaguares originários.

Andando por ele, chegou à morada dos jaguares. A avó deles lhe disse:

— Por aqui! É preciso que eu a esconda das minhas crianças. Normalmente elas são muito desobedientes!

E cobriu-a com uma grande panela.

IX

No final da tarde as crianças chegaram. Traziam grandes pedaços de porco selvagem para sua avó. Os retardatários não haviam caçado nada. Chegaram.

— Você tem muita sorte, mãe-avó!

E, pulando sobre a panela, quebraram-na. Ato contínuo, mataram a esposa de Ñanderuvusu. A avó jaguar lhes disse então:

— Há muito tempo que não tenho dentes, meus netos! Tragam-me então os dois bebês! Tirem-nos para mim e ponham-nos na água quente! Vou comê-los.

X

Eles pegaram os bebês e mergulharam-nos na água quente. Depois puseram a mão na água e constataram que ela havia esfriado. Em seguida:

— Peguem-nos e soquem no pilão!

Pegaram-nos e socaram-nos.

— Coloquem-nos sobre as brasas!

E eles colocaram. Mais tarde, tatearam as brasas: elas estavam frias.

XI

Nosso irmão mais velho já abria um pouco os olhos. Então a avó dos jaguares disse:

— Eles serão meus animais domésticos, meus netos! Peguem-nos e coloquem-nos na peneira, no sol, meninos!

Colocaram-nos ao sol, sobre a peneira. Não se tinha passado muito tempo, quando nosso irmão mais velho começou a levantar-se, e o caçula pôs-se a engatinhar. No crepúsculo, o mais velho quase já conseguia manter-se em pé. Pediu então o necessário para matar pequenos pássaros:

— Tio, faça-nos uma flecha para pássaros.
O jaguar faz-lhe a flecha. O garoto ia nos arredores da casa, matando pequenas borboletas.

XII

Quando ficou mais forte, ele pôde ir nos velhos jardins, com seu irmão caçula, para matar pequenos pássaros. A avó jaguar lhes disse:

— Não vão desse lado! Mas por ali vocês podem divertir-se, meus netos!

— Por que a avó jaguar nos disse: “Não brinquem desse lado”? Vamos lá, para ver.

E foram.

XIII

Encontraram um pássaro *jacu*. Ele flechou-o; o pássaro caiu e disse:

— Por que você me flechou? Para fornecer caça àquela que matou sua mãe? Chupe a ferida de sua flecha.

Ele chupou o ferimento, e o *jacu* recuperou a saúde. Ele e o caçula foram embora.

XIV

Enquanto isso, veio um papagaio e disse:

— Essa avó, foi ela quem matou sua mãe!

O caçula pôs-se a chorar:

— Perdemos nossa mãe ao nascermos!

XV

Nosso irmão mais velho e o caçula prosseguiram seu caminho. Desceram às margens de um pequeno lago:

— Vamos lavar o rosto, senão a avó jaguar perceberá que choramos.

Lavaram-se. Quando terminaram, as margens do lago não paravam de afastar-se. Disse ao caçula:

— Já lavamos demais! Vamos embora daqui!

XVI

Mais tarde, o caçula teve desejo de mamar. Descobriram o esqueleto de sua mãe. Ele refez a mãe, e Caçula quis mamar nela: no mesmo momento, a mãe se decompôs.

É por isso que os seios das mulheres não permanecem intactos.

XVII

Voltaram então à casa da avó jaguar.

— Por que estão com os olhos tão inchados, meus netos?

— Não é nada. Foram as vespas que nos picaram!

— Vocês viram? Bem que eu lhes disse para não irem desse lado!

XVIII

Voltaram a caçar pequenos pássaros. Voltaram ao mesmo lugar. Caçula queria mamar:

— Não podemos mais refazer a mãe, meu irmão! Vou fazer frutas para você!

Ele andou então sobre uma árvore e assim fazendo fabricou frutos *yvapura*. Caçula experimentou e disse a seu irmão mais velho:

— Há um caroço grande!

XIX

Ele continuou e novamente andou sobre uma árvore: fez *guaviraete*. Caçula experimentou:

— Este sim, meu irmão, é bastante carnudo!

Andou sobre outra e fez *guaviraju*. Caçula experimentou:

— Ah! Este me parece bem doce!

XX

Retomaram o caminho, levando *guaviraete* e *guaviraju*. Esconderam o *guaviraju* da avó jaguar. Quanto ao *guaviraete*, ofereceram a ela.

XXI

Eles voltavam freqüentemente ao antigo jardim. Montaram nele uma pequena armadilha, com uma espiga de milho à guisa de isca. Chegou um jaguar:

— Que estão fazendo?

— Fabricamos uma armadilha, meu tio.

— Essa coisa não serve para nada! Nada cairá nela!

E jogou a armadilha fora. Mais tarde, nosso irmão mais velho pegou-a e montou-a no mesmo lugar. Um outro jaguar perguntou:

— Que fazem?

— Estou brincando com meu irmão caçula.

— Isso não serve para nada! Nada cairá nela!

E, por sua vez, jogou a armadilha. Mas nosso irmão mais velho pegou-a uma vez mais e montou-a no mesmo lugar.

XXII

— Quando anoitecer, ficaremos ao lado de nossa armadilha!

Acenderam uma fogueira perto da armadilha e vela-ram. Na aurora, uma grande tocha desceu na armadilha. Ele disse ao seu irmão:

— Alguma coisa desceu na nossa armadilha!

Foram examinar e tatearam a corda: estava bem tesa. E também se deixava ver o abismo originário.

XXIII

Na aurora, o jaguar voltou:

— Não caiu nada em sua armadilha, meu neto?

— Não. Não caiu nada.

— Ela é muito feia, e ninguém cai nela.

— Já que é assim, entre aí e experimente nossa armadilha!

O jaguar entrou e caiu na armadilha. Nosso irmão mais velho pegou-o e jogou-o no abismo. Veio outro jaguar:

— Será que caiu algum rato em sua armadilha?

— Não caiu nada.

— Está muito mal feita, não vai cair nada nela!

— Se acha isso, entre nela e experimente-a!

Ele entrou e caiu também. Na seqüência, os que chegavam nos rastros dos primeiros perceberam o odor fétido de seus excrementos. Nosso irmão mais velho tirou-os e jogou-os no abismo. Eles se foram.

XXIV

— Vamos adiante, meu caçula!

Levaram *guaviraete* para a avó jaguar.

— De onde trouxeram isso, meus netos?

— Do outro lado do pântano.

— Trouxeram bastante?
— Sim, trouxemos.
— Amanhã voltaremos lá e colheremos mais.
Então uma mulher jaguar que estava grávida disse:
— Se não fosse noite, iria agora mesmo! Iremos amanhã cedo.

XXV

Ao romper da aurora, todos foram, e ele disse a seu irmão:

— Não vá se impressionar e virar a ponte, meu caçula!

Os jaguares chegavam e lançaram-se à água. Ele se pôs a gritar:

— Vamos, meu caçula. Não se preocupe comigo, meu caçula!

Ele tornou as águas cada vez mais agitadas. Caçula teve medo por seu irmão e virou a ponte. Os vorazes habitantes das águas comeram os jaguares. Só um conseguiu atravessar: a fêmea grávida. Ela pôde saltar para a terra no momento em que os habitantes da água lhe mordiam os calcanhares. Mais tarde nasceram seus filhos.

Depois desses acontecimentos, voltaram para casa. A avó jaguar também havia caído na armadilha.

— Por que teve tanta pressa de virar a ponte, meu caçula? Se não tivesse feito isso, teríamos acabado com os que mataram nossa mãe.

XXVI

Mais tarde:

— Vamos descobrir o fogo! Vou encher-me de fedentina, para ver se conseguimos descobrir o fogo.

Nosso irmão mais velho criou o sapo, destinado a engolir o fogo. Em seguida, deitou-se e tornou-se fedorento.

XXVII

Os corvos reuniram-se e acenderam o fogo. O corvo *karakara*, pousado em uma árvore originária, olhava. Nosso irmão mais velho deu uma olhada, e *karakara* notou-o:

— Aquele que vocês dizem que vão devorar está nos espionando!

Mas os corvos responderam:

— Não é isso, de forma alguma! Ele não está mais olhando! Tragam-no para a fogueira, coloquem-no dentro dela: vamos comê-lo!

XXVIII

Pegaram-no por uma perna, pela cabeça e jogaram-no no fogo. Então, nosso irmão mais velho sacudiu-se, espalhando as brasas. Os corvos tiveram medo. O chefe dos corvos gritou:

— Cuidado com o fogo!

Nosso irmão mais velho perguntou então ao sapo:

— Você não engoliu o fogo?

— Não. Não engoli.

— Nem mesmo um pouquinho?

— Engoli só um pouquinho, mas agora ele deve ter-se apagado.

— Vomite-o! Veremos se ainda há algum!

O sapo vomitou. Ele olhou: ainda havia um pouco. Então, ele acendeu o fogo.

XXIX

Em seguida, fez uma serpente a partir de uma tocha. Fez-se picar por ela. Caçula partiu em busca de remédio, trouxe-o e cuidou de seu irmão mais velho: este recobrou

a saúde. Em seguida criou as vespas e também se fez picar por elas; mas não ficou muito doente por isso. Tendo sido mordido por outra serpente, morreu. Caçula soprou então o topo da cabeça de seu irmão mais velho e fê-lo reviver.

XXX

Então disse:

— Vamos para esse lado!

Partiram para muito longe. Caçula perguntava ao irmão:

— Realmente não existe gente como nós nesta terra, meu irmão mais velho?

— Sim, existe. Nesse caso, é preciso que eu faça quatis, para fazê-los vir!

Andou sobre um cedro carregado de frutos e fez quatis:

— Agora suba em uma árvore, meu caçula!

E se pôs a gritar:

— É preciso matar esses da cauda estriada, meu tio, irmão de minha mãe! Fiz esses da cauda estriada para que você os mate!

Então chegou Añay²⁵ e perguntou:

— Que está gritando, meu sobrinho, filho de minha irmã?

— Não é isso! Estou gritando a propósito desses de cauda estriada para que você os mate, meu tio!

XXXI

Añay disse:

— Suba e faça-o descer para mim!

Ele subiu, empurrou os quatis e acabou com eles. Nosso irmão mais velho gritou então:

25. Outro nome de Charia.

— Não vá matar-me, tio!

— Impossível! É claro que não matarei você! Pode descer!

Ele desceu para a terra. Mas Añay também golpeou-o, deixando-o cair, morto. Então, o que tinha acabado de morrer defecou.

XXXII

Añay colheu folhas de *peguaho* e embrulhou os excrementos. Depois apanhou os quatis, jogou nosso irmão mais velho no fundo do cesto e por cima os quatis. Abriu um caminho para poder ir embora. Quando voltou, quis levantar o cesto: não conseguiu, pois nosso irmão mais velho tinha ficado pesado. Finalmente, conseguiu erguer sua carga. Levou-a para longe, colocou-a por terra e tornou a abrir caminho.

XXXIII

Nisso chegou Caçula. Tirou os quatis que estavam sobre seu irmão, soprou o topo de sua cabeça e fê-lo reviver. Colocou uma pedra sob os quatis. Depois disso, subiram em uma árvore, Añay, de volta, carregou seu cesto e levou-o. Eles ficaram lá.

XXXIV

Añay chegou a sua casa. Tinha duas filhas:

— Que você matou, pai?

— Não olhem de forma alguma! Trago uma cabeça negra!

As filhas foram olhar. Tiraram todos os quatis:

— Aqui não tem nada de cabeça negra, produto de sua caça, pai!

— Será que ele fugiu? Vou verificar pessoalmente!
Olhou:

— Sim, fugiu! Vou voltar. Vou encontrá-lo, minha
artiu.

XXXV

Os-que-eram-dois fizeram, com um pedaço de cedro seco, um cabrito ao pé da árvore. Como Añay voltasse, o cabrito endireitou-se e afastou-se. Añay perseguiu-o e trouxe-o de volta ao pé da árvore para matá-lo. Quebrou um galho de árvore em seu focinho:

— Tome! Por ter farejado minha presença! Miserável!

Os dois desceram do alto da árvore; fizeram o cabrito reviver. Durante esse tempo, Añay voltava para casa.

XXXVI

Os dois:

— Vamos para casa!

Dirigiram-se para casa. Então, disse a seu caçula:

— Sobre-me o topo da cabeça!

Ele soprou; no topo da cabeça de nosso irmão mais velho flores abriram-se. Então este soprou também a cabeça de seu caçula, fazendo surgir flores. Depois puseram-se em marcha e chegaram à morada de Añay.

XXXVII

— Meus irmãos estão chegando! — disse a filha de Añay.

E ela perguntou:

— Como obtiveram essa aparência, meus irmãos?

— Passando *urucu* e pimenta em nossas cabeças.

— É preciso fazer a mesma coisa com meu pai!

— Mas seu pai não poderá suportar!

— Por quê? Como vocês fazem?

— Tiramos a pele de nossas cabeças.

— Azar o dele! Quero que meu pai tenha o mesmo aspecto!

— Nesse caso, vá buscar pimenta, meu caçula!

Ele trouxe pimenta e uma faca de bambu, com a qual escalpelou Añay. Em seguida, esfregou-lhe pimenta e *urucu* no crânio.

— Vá para o sol!

Ele foi.

— Tente agüentar, meu pai!

Ele sentou-se. Depois de um curto instante, quis levantar-se.

— Você vê! Bem que eu falei que ele não ia suportar!

Añay retirou-se apressadamente, urrando:

— Piry! Piry! Piry!

Ele corria e, logo depois, seu crânio explodiu. Seu cérebro transformou-se em mosquitos e em motucas.

XXXVIII

— Vamos casar com essas moças, meu caçula!

Casaram-se com elas e possuíram-nos. Caçula consumou o casamento com a sua e teve dor de estômago o resto da noite. No despontar da aurora, o mais velho veio perguntar-lhe:

— Que aconteceu, meu caçula?

— Possuí minha esposa!

E depois:

— Não o fiz pessoalmente! A possuí com minha flecha de pássaros!

XXXIX

— Vamos colocar fogo na planície! E vamos levar também nossas esposas!

Partiram.

— Vamos fazer a planície virar uma só brasa! Corram, mulheres!

Colocaram fogo e repetiram para as mulheres:

— Corram!

As irmãs correram para as margens do rio e, quando estavam chegando, seus cabelos pegaram fogo e seus crânios explodiram. E assim foram feitos os mosquitos e motucas.

XL

Veio um outro Añay. Construíram então um abrigo de caça perto de um lugar onde os pássaros se banhavam. Añay, chegando, assustou os pássaros.

— Vá procurar pimenta, meu caçula!

Trazida a pimenta, esmagou-a entre as mãos e jogou-a na água. Um momento depois, de volta, Añay destacou seu pênis e jogou-o na água para lavá-lo. Tirou-o em seguida e embrulhou-o, mas não se sentia de forma alguma aliviado. Destacou-o novamente e tornou a colocá-la na água: a pimenta queimava-lhe o pênis. Pôs-se a correr, gritando: “Piry! Piry! Piry!” e caiu também no abismo.

XLI

Na seqüência, o mais velho criou a planta *mandasaia*. O tempo passava, e Caçula tornava-se cada vez mais vigoroso. O mais velho, algum tempo depois, perfurou uma cabaça para fazer com ela seu chocalho de dança. Queria seguir os passos de seu pai. Morando perto de Añay, este o ensinou a dançar. Foi por isso que, ao termo de quatro luas, chegou seu pai, que vinha procurar seu filho, nosso irmão mais velho. Estavam em marcha, quando nosso irmão

mais velho zangou-se com o pai. Quanto a Caçula, só pensava em mamar. Nosso irmão mais velho pediu suas insígnias ao pai. Ele as deu ao filho e desapareceu de sua vista, para impedir as coisas más. Pois freqüentemente o jaguar azul rosnava.

XLII

Nosso irmão mais velho existe acima de nós. Agora, ele ocupa-se da terra; é ele que mantém o apoio da terra. Se soltá-lo, a terra afundará. Agora ela é velha, essa terra! Nossos netos não prosperam mais nela! Iremos rever todos aqueles que morreram. Ao cair da noite, o morcego descerá para acabar com todos os habitantes desta terra. E o jaguar azul desce entre as trevas, desce para devorar-nos!

XLIII

Os jaguares mataram nossa mãe, e Ñanderuvusu veio para levar consigo sua alma-palavra. Agora ela vive novamente; ele a fez forte outra vez.

Em seguida, Ñanderuvusu fez o futuro Tupã. Quando nossa mãe precisa dele, manda chamá-lo em sua casa, e Tupã vem: ele embarca em sua piroga, e dois pássaros, mestres do bastão-insígnia, instalam-se nos lados da piroga. Quando ele chega à morada de nossa mãe, não faz mais ouvir seu trovão. Ele vira a piroga e a faz descer em face de nossa mãe. Aí conversam. E desde então seus lábios não cessam de lançar raios silenciosos.

XLIV

Dança-se durante o ano inteiro, de um frio a outro. Então, a via manifesta-se ao Ñanderu²⁶: se alguém mereceu, o caminho revela-se a ele. E nós nos colocamos em marcha, neste caminho, “do lado do nosso rosto”. Atingimos

26. Nanderu, ou seja, nosso pai: é o nome do dirigente espiritual da tribo, o profeta.

a água original. Ñanderu atingiu-a saltando por cima. Quanto a nós, seus inúmeros filhos, atravessamos no seco, pois as águas se afastam.

XLV

Atravessamos e chegamos à plantação de *vapurü*. Perto da morada de nossa mãe existe um grande pomar, um bananeiral. Ultrapassando-o, penetramos na floresta. Nossas bocas ressecam-se e tomamos mel. Prosseguindo nosso caminho, atingimos a plantação *yvapore*. Mesmo que nossas bocas estejam secas, não comemos isso. Continuando, chegamos à água bonita e bebemos dela.

XLVI

De lá nos dirigimos para a morada de nosso pai. Estamos perto, quando chega a arara e nos pergunta:

— Que vão comer minhas crianças? — disse nossa mãe.

Nós lhe respondemos:

— Vamos comer pão de milho e bananas maduras.

Continuamos a andar e o pássaro *avia* veio ao nosso encontro e perguntou:

— Que vão comer minhas crianças?

Nós lhe respondemos:

— Vamos comer mingau de milho!

E ela voltou para dizer isso a nossa mãe. Quando chegamos, nossa mãe começou a chorar e disse:

— Vocês vão morrer sobre a terra! Nunca mais voltem para lá. Agora, fiquem aqui!

*Os gêmeos**

... A esse Maire, que foi para o céu com seu pai Caroubsoz, sucedeu seu filho, chamado Maire Atá, que

* No original, este texto encontra-se em francês arcaico. (N.T.)

tomou uma mulher de seu país; e, estando ela grávida, deu-lhe vontade de ir para terras distantes; por isso, tomando sua mulher, pôs-se a caminho. Ela, que estava pesada devido à gravidez, não podendo ir no mesmo ritmo de seu marido, repousou; ele, que queria colocá-la à prova, deixou-a só. Vejam, peço-lhes, como essa boa gente prossegue suas histórias. O fruto que ela tinha no ventre falava com ela e a confortava, ensinando-lhe o caminho que seu pai havia seguido. Ao ouvir isso, vocês diriam que essa criança era mais perfeita que o Profeta inglês Merlin, que dizem ter sido o filho de um Demônio Súcubo, pois falou, e tinha razão, estando ainda no ventre de sua mãe, e Merlin estando nos braços de sua mãe, ainda lactente. Ora, esse filho do caraíba começou a se debater e a discutir com sua mãe, porque esta recusou-se a dar-lhe alguns legumes que viu pelo caminho; por isso, parou de ensinar-lhe o caminho, o que foi a causa da perda do caminho; de tal forma se perdeu, que, tomando um caminho pelo outro, veio parar em um jardim onde se encontrava um homem chamado Sarrigóys, que a recebeu e, vendo-a cansada, convidou-a para repousar em sua casa, esperando tirar proveito dela. Ela, que tinha necessidade de repouso, obedeceu-lhe e deitou-se; mas o homem, vendo-a adormecida, veio deitar-se com ela e teve seu corpo, como bem lhe aprouve, de tal forma que engravidou-a de um outro filho, que veio fazer companhia ao primeiro que lá se encontrava. Vejam se esses grosseiros são bons naturalistas, ao pensar que uma mulher grávida (seu fruto estando quase pronto) recebe outro e concebe. Esse enganador perverso não deixou de receber o pagamento de sua loucura, pois, a partir do momento em que teve prazer com a mulher do Profeta, foi transformado em uma besta, que tem por nome o nome do homem mutado, a saber, Sarrigóys, que tem a pele muito fedorenta. Mas a infelicidade dessa mulher foi ainda maior, pois, chegando em outro vila-

rejo, foi presa pelo chefe mais considerado do lugar, que se chamava Iarnare. Esse homem era muito cruel e mostrou bem isso, matando a mulher e comendo-a, rasgando-a em pedaços e oferecendo-a a seus vizinhos, pois tinham o costume de banquetear-se com gente que massacravam. Mas as duas crianças que estavam no ventre foram jogadas como excrementos onde se joga o lixo da casa. No dia seguinte, uma mulher que tinha ido pedir raízes viu-os brincando juntos; tendo sido tomada de piedade, levou-os para sua casa; em pouco tempo cresceram, contra a expectativa e fé dessa mulher, à qual eram de grande proveito, de tal forma que enquanto os teve em sua companhia, jamais sentiu necessidade de coisa alguma, e cresciam sempre em beleza e força maiores que todos os outros humanos. Ora, tendo chegado a estação em que se colhe o fruto chamado *iuaia*, que estava em sua maturidade, então a dita mulher envia as crianças caraibitas para os campos, para pegarem os ditos frutos, a fim de comê-los. Estado fora, as crianças lembraram-se do massacre do qual sua mãe tinha sido vítima. Então, sedentos de vingança, voltaram com poucos frutos e, para se desculparem com aquela que os alimentava, disseram-lhe: “Estivemos no lugar mais bonito do mundo, no qual há tamanha abundância de *iuaia*, que é impossível pensar que haja outro igual. Por isso viemos avisá-la, a fim de que amanhã venha conosco, e também todos os do vilarejo, para comer e para fornecer o quanto queiram, e para saciar sua gente, que pode ser levada toda conosco”. A mulher, que jamais havia pensado na malícia e na intenção dessas crianças, que pretendiam arruinar todo o vilarejo, disse para todos os habitantes, que não se mostraram arredios à idéia, e vieram todos, grandes e pequenos, homens e mulheres, sem que Iarnare se negasse. Ora, o lugar em que estavam esses frutos era uma ilha grande, e era preciso atravessar um braço de mar para atingi-la. Os meninos espertos, a fim de melhor

enganar o pessoal, fizeram com que esperassem que eles aprontassem suas canoas para passar Assim feito, como todos os selvagens que tinham comido de sua mãe estivessem no meio da travessia, as crianças, como sucessores do Caraíba sobre a força das transmutações, fizeram que o mar se inchasse com tal impetuosidade e tempestade, que todos os que passavam ficaram submersos e em seguida transformaram-se em diversas formas horripilantes e figuras de diversos animais terrestres, tais como lobos, cães e gatos selvagens, que em sua língua são chamados de *Iarnare* e existem vários tipos, como *iarnare-este*, *iarnarhouten*, *pau*, *apiroupsou*, *iaona tonapech*, *marga ionacsou*, *margata*, *miry*, *cirat*, e muitas outras espécies de bestas que se vêem na dita terra. Dessa forma vingaram-se as crianças de todos aqueles que tinham tão cruelmente feito morrer sua mãe. E, vendo-se sós e que não havia restado ninguém para freqüentar nem mulher para ser tomada em casamento, fizeram um pacto de empenharem-se em encontrar Maire Ata, seu pai, que, assim como leram antes, escondeu-se de sua mulher grávida, para colocá-la à prova, quando esta se encontrava cansada pelos caminhos. Essas crianças tanto correram pelos países e regiões estranhas, sem ouvir nenhuma notícia do que queriam, que no fim chegaram a um vilarejo construído sobre o Cabo de Frie, onde ouviram falar de um grande Caraíba ou Pajé que fazia coisas maravilhosas e fornecia as respostas Houiousira, que é o espírito, através do qual adivinham o que está por vir. Isso assegurou-lhes que era quem procuravam. Por isso, foram até onde se encontrava esse Profeta e souberam que ele tinha entrado em sua choça para descansar. Ora, ninguém era tão corajoso assim para colocar os pés em sua choça sem sua licença e, ainda assim, com muito medo e reverência, devido ao respeito às maravilhas que este homem fazia; mas as crianças entraram sem dar mostras nem de medo, nem de reverência. O velho Pajé,

vendo esses jovens levarem-no em tão pouca consideração. pôs-se a olhá-los furiosamente e com despeito e depois falou-lhes rigorosamente assim: *Mara peico*, isto é: “Que os traz aqui?” Ao que o mais velho respondeu: “Procuramos nosso pai Mairemonan Ata, e tendo ouvido falar que era você, viemos visitá-lo, para servi-lo como pai”. E contaram-lhe tudo o que havia acontecido com sua mãe, salvo a condição de bastardo do segundo filho, e como haviam vingado rigorosamente a mãe defunta e massacrada. Maire Ata, apesar de alegre por encontrar seus filhos, não quis levemente dar fé as suas palavras e propôs-lhes várias coisas estranhas e difíceis, antes de dar-se por satisfeito. Em primeiro lugar, quis que atirassem com o arco diante dele: o que fizeram, e suas flechas mantiveram-se penduradas no ar. Este sinal começou a assegurar-lhe que eram seus filhos. Entretanto não contentou-se com essa prova e assim mandou-os passar e repassar três vezes através de uma grande rocha fendida, a qual abria e fechava continuamente, de tal modo que nada podia passar por ela sem ser esmagado; e essa rocha é chamada em sua língua de *Itha-Irápi*. A isto obedeceram rapidamente as crianças e, quando chegaram perto da rocha, o mais velho disse ao caçula: “Já que você não é filho de Maire, mas somente de minha mãe, passe primeiro, pois, se a rocha esmagá-lo, eu posso reunir os pedaços e fazê-lo novamente inteiro”. O bastardo obedeceu e, mal tinha chegado em frente à rocha, foi quebrado e esmagado em pedaços tão pequenos quanto uma pedra moída e só foi possível (como contam os selvagens) a um filho do Caraíba pegá-los, em um instante reuni-los e recolocá-los em sua forma primeira, assim como havia prometido, e o fez passar uma segunda e uma terceira vez, sem que corresse nenhum perigo; em seguida, passou o filho legítimo do Profeta. Tendo feito o teste, voltaram ao Maire Ata, a quem disseram que deveria reconhecê-los como filhos, pois haviam passado ilesos

pela terrível fenda da rocha, e o mais velho omitiu o que tinha acontecido com o caçula, filho de Sarigóys. O pai já estava seguro de que eram de seu sangue e que eram verdadeiramente da raça escolhida dos caraíbas, como antigamente eram escolhidos aqueles que partiam para a conquista do Santo Graal, na Grã-Bretanha. Todavia quis fazer um terceiro grande teste: mandou que fossem para um lugar chamado *Agnen pinaiticane*, que é onde dizem que os mortos queimam e fazem secar o peixe chamado Alain; recomendou que lhe trouxessem a isca com a qual Agnen (que é, em sua língua, o espírito maligno que freqüentemente os atormenta) pega o peixe Alain. Aqui também o mais velho usou para com o caçula fidelidade igual à que teve na rocha *Itha-Irápi* e fê-lo ir primeiro ao fundo d'água, para pegar a isca. Mas ele foi tomado pelo espírito Agnen, que o fez em vários pedaços; todavia o legítimo reuniu o conjunto e refê-lo tão bem, que o bastardo foi recolocado em sua forma e beleza primeiras, sem que tivesse nenhum sinal de ferimento. Curado, mergulharam na água e foram até o fundo, pegando o que buscavam: a isca de Agnen, com a qual este pegava o peixe Alain, e tirando o anzol e todo o resto do dito espírito Agnen, levaram-no a seu pai, o qual reconheceu como sendo verdadeiro que tinham descido aos profundos abismos da água, dado que essa isca era a verdadeira comida do dito peixe, a saber, um pedaço de uma besta que chamam de *tapirousou*, que é uma espécie de asno selvagem, do tamanho de um touro, feroz e horrível e difícil de ser atacado. O que fez com que Maire Ata os reconhecesse como filhos, acolhendo-os e recebendo-os em sua casa; não que todos os dias não os assaltasse com pedidos aborrecedores, a fim de adestrá-los na feitiçaria; sobre essas coisas fico em silêncio, já tendo contado demais...

VII
A ORIGEM DO FOGO
VERSÕES

Os habitantes da nova terra vêm sua natureza definida, por assim dizer, segundo o alto e segundo o baixo: dimensão duplamente passiva do corpo, primeiramente designado pelos do alto como a morada desse fragmento da Palavra, *ayvu*, que é a *ñe'ë*; em seguida, determinado como lugar de uma vida animal, que é preciso manter, alimentando-a. Sobrenatureza e natureza, distância em relação a essas duas fronteiras entre as quais situa-se a humanidade. A destruição da primeira terra, na seqüência do dilúvio consecutivo ao incesto cometido por Karai Jeupié, excluiu os humanos da esfera do divino; eles habitam a terra imperfeita, mas como eleitos dos deuses. Isso quer dizer que não saberiam levar na nova terra uma existência puramente animal; rejeitados da Terra Sem Mal, nem por isso foram jogados sobre o plano exclusivo da natureza. Haverá, portanto, para eles, uma distância em relação a essa natureza marcada pela posse do fogo, que assegurará aos homens uma alimentação cozida. A oposição cru/cozido parece assim corresponder ao seu simétrico inverso, a oposição divino/humano. E é por isso que Jakaira, criador, a pedido de Ñamandu, da nova terra, nomeia seus futuros habitantes como "os adornados cujas coroas de plumas murmuram" e ao mesmo tempo lhes promete o fogo: "As chamas, a bruma, seguramente farei com que se espalhem sobre os seres destinados aos caminhos que percorrem a pátria da vida má". Para que as Belas Palavras sejam audíveis, é preciso que haja fogo: dupla chama, dupla luz, duplo sinal.

Das três versões do mito originário do fogo que se seguem, a primeira, coletada por León Cadogan, figura no capítulo VII de seu livro. Anotamos as duas outras. As três são estruturalmente idênticas. Os mestres do fogo são os corvos. É preciso roubá-lo deles, a fim de

que os futuros habitantes da nova terra possam dispor dele. Personagens que pertencem ao mundo divino encarregam-se de cometer o roubo: heróis culturais, ou semideuses, ou mesmo Sol. Um deles finge-se de morto; os corvos chegam para cozinhá-lo e comê-lo. O falso morto chacoalha-se e espalha as brasas, e o sapo consegue engolir uma pequena quantidade delas que, uma vez vomitada, é colocada no interior de algumas madeiras determinadas. Bastará aos homens, doravante, produzir fogo pelo método da fricção. Notemos que, para os guarani, a fricção não produz verdadeiramente o fogo mas permite simplesmente extraí-lo da madeira, onde já se encontra enclausurado. Quanto aos corvos, despossuídos para sempre do fogo, transformam-se no que estavam condenados a tornar-se: corvos, isto é, os comedores de carniça a quem não molestará o fedor da "coisa grande", nome religioso do cadáver.

A segunda de nossas duas versões, coletada entre os chiripaguarani, distingue-se pela presença de vários elementos não-tradicionais: o cavalo, os homens brancos, os fósforos. Versão "aculturada", que revela com força ainda maior a desconfiança sentida pelos índios em relação aos brancos.

A Origem do Fogo

A terra de nosso pai, o primeiro, sofreu uma destruição, mas já apareceu a terra nova. Então, nosso pai, o primeiro, fala:

— Bom! Vá, meu filho, sobre a terra, você, meu filho primeiro-último, o pequeno. Você, que em virtude de seu saber, terá conhecimento dos belamente adornados futuros. Assim que conhecer os adornados, carregará essa minha palavra a fim de fazê-la frutificar sobre a terra. Somente em virtude delas saberá a tarefa a cumprir sobre a terra.

Já desdobrada sua terra, que havia estabelecido em seu verdadeiro lugar, ele refletiu sobre sua tarefa futura: Quanto aos belamente adornados, quanto aos habitantes desiguais da terra, que saber tornaria visível ao conhecimento deles?

Tendo descido sobre a terra, foi o fogo futuro que soube no começo. Ele disse:

— É o fogo futuro que inicialmente diz respeito a minha tarefa futura, eu o sei. Por conseguinte, mensageiro, você, sapo, meu filho, me farei de morto, a fim de que aqueles que sabem da magia voltem-se contra mim.

“Pois somente eles possuem o fogo sobre a terra: este deverá continuar em posse dos que existem imperfeitamente, a fim de que nossos filhos tenham consciência dele, os destinados a morar sobre a terra.

“Quanto a mim, fingirei de morto, a fim de que o fogo dos que se voltam contra mim continue em posse de nossos filhos. Bem, sapo, meu filho, fique na espreita! Eu vou chacoalhar-me, e assim espalharei as brasas: engula-as, meu filho, engula-as!”

Ele estica-se, deita-se. Nosso pai sabe então que seu filho está morto. Assim, diz ao futuro corvo:

— Bem, vá! Vejo que meu filho está bastante mal: vá vingar a Palavra de meu filho!

Veio o futuro corvo. Viu o que tinha sido um corpo e que era bem gordo. Junto de seus companheiros, acendeu uma fogueira para assá-lo. Trazendo lenha, acenderam-na sobre o cadáver. Foi então que Papa Miri sacudiu-se. E interrogou seu filho sapo, que disse:

— Não engoli!

Mais uma vez, ele deitou-se e fingiu-se de morto. Os que se voltavam contra ele reuniram-se novamente, trouxeram lenha e nela puseram fogo. Nosso pai sacudiu-se novamente. Interrogou seu filho sapo:

— Desta vez, engoli um pouco . . . Um pouquinho só!

— Bem, nesse caso, meu filho, vomite-o longe de você, para que meus filhos o peguem. Jogue-lhes!

Ele vomitou.

— Vá buscar um pedaço de madeira para que nela deixemos o fogo!

Ele trouxe um galho de árvore *aju'y joa*, o loureiro.

— Deposite o fogo aí! E, para depositá-lo, traga minha flecha com sua ponta.

Colocou as brasas no loureiro e deixou-as aí. À guisa de companheiro para o loureiro, trouxe o cipó rasteiro e nele também deixou as brasas. Neles dois deixou o fogo para os belamente adornados da terra, para que ele continue em mãos dos habitantes da terra.

Tendo feito isso, os futuros corvos voltaram para junto de nosso pai primeiro. Este sabia que haviam assado o que tinha sido um corpo:

— Vão embora! Sejam, doravante, aqueles a quem a coisa grande não inspirará nojo!

Os corvos choraram: não estavam destinados a viver na totalidade. Choraram.

A origem do fogo

Conta-se que antigamente, em nosso começo, os corvos possuíam o fogo. Não se sabe como o tinham obtido. Para que houvesse fogo nesse mundo, estavam destinados a tornar-se Tupã.

Tinham o hábito de vir dançar como nós dançamos. Dançavam, mas iam ser transformados em Tupã. E eram eles que, desde a origem, tinham o fogo. Um dia, os futuros corvos preparavam-se novamente para dançar. Falando a propósito do senhor da morada, disseram:

— Que bom se, quando chegássemos, nós o encontrássemos morto!

Ele não ouviu, mas soube. Ele sabia, o mestre da casa.

O enviado do mestre da casa, *pa'i*, nós o chamamos de *yvyraija*, o senhor do bastão-insígnia. Este era o sapo.

Os corvos, com suas asas, faziam chover uma coloração rosada. É que, antigamente, tinham posto água em suas asas. Quando saíam, remexiam as asas para que se fizesse essa bruma.

Quando chegaram à casa de danças, encontraram o mestre morto, já inchado. Os corvos acenderam o fogo imediatamente. O fogo estava destinado a não ser coisa deste mundo.

Fizeram uma grande fogueira fora de casa. O senhor disse ao sapo:

— Aposse-se do fogo!

Os corvos queriam assá-lo, comê-lo. Juntaram todos os esforços para erguê-lo. Quando quiseram colocá-lo no fogo, aquele que estava morto pulou e sacudiu-se.

Nesse momento, todos fugiram voando, já transformados em corvos. Levavam todos os fogos, e todos os fogos apagaram-se.

Mas o sapo havia engolido pedacinhos de brasa. Depositou-os dentro de um gomo seco de palmeira pindo. E de lá o fogo produziu-se.

Foi o sapo que fez com que o fogo existisse nesse mundo. Ele tinha engolido a brasa e depois vomitou-a. Havia duas pequenas brasas; ele colocou uma no gomo de pindo e outra em um galho de *chirca*.

É assim que até agora produzimos o fogo.

Fazemos um burquinho em um pedaço de madeira seca e, girando um outro pedaço de madeira, obtemos o fogo.

Origem do Fogo

Eram os corvos *champire* que possuíam o fogo, e eles não queriam dá-lo a ninguém. Quando encontravam carniça, eles a comiam, pois tinham o fogo para assá-la. Os cor-

vos preparavam sua comida e em seguida apagavam o fogo. Quando os tições apagavam, eles os jogavam e iam embora com seu fogo: só guardavam o que iam usar.

Assim, nosso irmão mais velho refletiu sobre a maneira de nos deixar o fogo. Disse ao caçula:

— Vá e corte duas folhas de palmeira pindo. Plante-as na terra, uma diante da outra. Com uma outra folha, faça um chicote, coloque um cabo de madeira e vá fazê-lo estalar perto da casa dos homens brancos, para ver se os cavalos se levantam. Eles não pedem comida, simplesmente vão pastar, comem até se satisfazerem e depois deitam-se para dormir.

Ele se foi e assim procedeu. Alguns dias mais tarde, encontrou um cavalo morto. Estava morto e todo inchado. Os corvos foram avisados:

— Venham comer! Nós não comemos isso!

O mais velho disse ao caçula:

— Vamos esperar o fogo dos *champire*. Talvez tenhamos sorte e cheguemos a obter esse fogo. Vamos chamar o sapo, a rã e o pássaro *jakupê*. Eles têm uma garganta profunda e talvez consigam engolir o fogo. Vamos esperar que os corvos o acendam para assar sua comida. Quando jogarem o cavalo na fogueira, ele voltará à vida e se sacudirá. Então veremos se o sapo e a rã conseguem engolir o fogo.

Sua presa, lançada ao fogo, sacudiu-se. Ressuscitado, o cavalo saiu da fogueira e espalhou as brasas. Os corvos tiveram medo de sua presa e voaram. Escondido, o sapo engoliu uma brasa; a rã e o *jakupê*, que vinha de longe, fizeram o mesmo. Engoliram-na e se foram.

Quando os corvos foram embora, o futuro Sol e Guyrapopo, seu caçula, chamaram os outros:

— Conseguiu engolir o fogo?

— Eu engoli!

— E você?

— Eu também o engoli!

— E você?

— Eu também!

— Vomitem-no!

A rã e o pássaro vomitaram o fogo, mas ele já se acabara, as brasas já estavam apagadas. Tinham se apagado porque eles tinham bastante saliva. Chamaram então o sapo:

— Você também engoliu?

— Sim!

— Vejamos se você o vomita!

Vomitou-o, e acharam que ainda havia fogo.

— Isso sim, é bom! Agora é nossa vez de fazer uma fogueira! Vamos colocar fósforos em todos os troncos de árvore, para que haja fogo. Tragam galhos de loureiro! Tragam gomos secos de pindo, que tenham secado sem ter tido frutos, para colocá-los no fogo. Dessa maneira, os que vierem depois de nós não ficarão de mãos vazias, no caso de não obterem fósforos dos homens brancos.

Acenderam o fogo. Em seguida, trouxeram galhos de loureiro e pedaços de cipó rasteiro: puseram o fogo dentro deles e fizeram com que desaparecesse, a fim de que existisse para nós.

OS ÚLTIMOS DAQUELES QUE FORAM OS PRIMEIROS ADORNADOS

VIII

OS BELAMENTE ADORNADOS

Os textos propostos agora dizem respeito à vida cotidiana dos guarani; representam o efeito das Belas Palavras no desenrolar da existência concreta dos homens, mostram como o sagrado atravessa o profano, como a vida pessoal e social dos índios desdobra-se sob o olhar de seus deuses. Eles manifestam uma religiosidade suficientemente essencial a esta vida para que seja difícil, na verdade, isolar um campo do profano oposto ao campo do sagrado.

Como para todos os povos primitivos, o nascimento de uma criança ultrapassa em larga medida, para os guarani, seu significado biológico e suas implicações sociológicas. Ele ressalta, de um lado a outro, a esfera do sobrenatural, do meta-social. Excetuando-se o ato de procriação, de produção do corpo da criança, todo o resto, como a atribuição a esse corpo do estatuto de gente, realça a livre atividade dos deuses; busca do lugar de origem da alma — a Palavra-habitante — que virá morar nesse corpo; busca, pelo sábio-sacerdote, do nome exato que essa criança usará. Esta consiste, de alguma forma, um espaço inerte — o corpo — habitado e vivificado por uma parcela de *ayvu* — a linguagem — parcela que constitui para ele seu *ñe'ë*, sua Palavra-habitante, sua alma. A atribuição do nome, escolhido pelos deuses, transforma o indivíduo em um ser vivo. O sacerdote, a quem cabe ler e dizer o nome, não pode cometer erros nessa busca da identidade, pois o nome, *tery mo'ä*, é quem-faz-se-elevar-o-fluxo da Palavra; marca, sinal do divino sobre o corpo, ele é a vida.

*Palavras de um deus quando uma mulher está grávida*²⁷

Eis guarnecido de nádegas o esqueleto do bastão-insígnia!
Você, encarregada de ser a mãe.
você, encarregado de ser o pai:
o que acontece é para que possam possuir
bela grandeza de coração.
Somente assim haverá totalidade acabada.

*

Essas palavras, saídas de um deus e pronunciadas pelo sábio que as ouviu, anunciam que a mulher está grávida de um menino, metaforicamente chamado de “esqueleto do bastão-insígnia”: este instrumento, brandido pelos homens no decorrer das danças rituais, é o sinal da masculinidade. Gerar uma criança é uma das condições de acesso ao estado de *aguyje*, de totalidade acabada, pois é dispor de um espaço — o corpo que vai nascer — apto a receber uma pequena parte da substância divina, uma Bela Palavra, uma alma. As crianças constituem, assim, uma mediação entre os adultos e os deuses.

*

“Estes que belamente são adornados²⁸,
estas que belamente são adornadas,
eis que à vista de sua alegria
alguém apresta-se a se proferir de nádegas:
sobre nossa terra envie então
uma Bela Palavra-habitante,
a fim de que ela aí se instale”,
diz nosso pai primeiro aos pais verdadeiros
da Palavra que habita seus filhos.
“É por isso,
àquela que sobre nossa terra você está pronto para enviar,
a Bela Palavra-habitante

27. Cadogan, p. 49.

28. Cadogan, p. 39.

destinada a instalar-se nela,
você lhe dirá
e tornará a dizer:
“Bem! você vai partir,
pequena criança de Ñamandu:
que seja grande a sua força na morada terrestre;
e mesmo se as coisas em sua totalidade,
todas desprovidas de semelhança,
erguerem-se, assombradas,
que seja grande o seu coração!”

I

Crianças nos são enviadas:
“Bem! é preciso ir sobre a terra!”
dizem aqueles que habitam acima de nós.
“Lembre-se de mim, você que se ergue!
Assim, farei correr o fluxo das Belas Palavras
para você, que se lembrará de mim.
Assim, não pouco numerosos filhos excelentes
que reúno,
farei com que corra o fluxo das Belas Palavras.

II

Ninguém, na morada terrestre das coisas imperfeitas,
terá
mais que os não-pouco numerosos filhos que reúno,
Grande Coração;
ninguém melhor que eles saberá
sacudir para longe de si as coisas más.
Eis porque você, que vai morar sobre a terra,
tenha lembrança da minha bela morada.

III

Farei, quanto a mim,
correr no topo de sua cabeça
o fluxo das Belas Palavras,
a fim de que, igual a você, não exista ninguém
na morada terrestre das coisas imperfeitas.”

*

No texto precedente, aparece claramente a preocupação que não abandona os deuses — a convicção dos guarani de que tal é o cuidado dos deuses — de não deixár completamente no abandono, no desconsolo, os habitantes da terra má. Promessa de conferir às crianças a força do coração, a coragem necessária para afrontar o mal, a totalidade das coisas perturbadoras, pois “desprovidas todas de semelhanças”; promessa que não será rompida, graças ao “fluxo das Belas Palavras”, o laço substancial que une os humanos e os divinos. E o apelo a esta lembrança da “bela morada” que conheceram, na idade de ouro, os habitantes da primeira terra ressoa como a promessa de que em um tempo futuro os homens saberão reencontrar o caminho de sua terra natal.

*

O texto a seguir é extremamente esclarecedor quanto à concepção do homem que o pensamento guarani desenvolve ou, se quisermos, quanto à antropologia dessa cultura. O primeiro parágrafo indica que o sentimento inicialmente experimentado e manifestado pela criança recém-nascida é a cólera; explica, em seguida, que a descoberta do nome levará essa criança a reencontrar a calma. O sábio que se dirige aqui aos índios, seja por sua própria conta, seja como porta-voz dos deuses, ensina-lhes que a primeira forma do saber é má, que é *mbochy*, a cólera; com efeito, o recém-nascido irrita-se “contra o seio de sua mãe”. A cólera é efeito do corpo, isto é, do corpo como elemento da totalidade que constitui o mundo mau: falta de medida, violência, desordem, excesso de desejo, desejo do excesso. Parece-nos, quanto a este ponto, ser necessário corrigir a interpretação que Cadogan nos

dá a respeito do *mbochy*: a cólera não é, como afirma, “a origem de todo mal”, não é a causa, mas a consequência, o efeito do corpo.

Como restabelecer a ordem, apaziguar a falta de medida, moderar o desejo? Essa tarefa é incumbência do sacerdote; a ele compete descobrir o nome que os deuses atribuíram ao recém-nascido; o nome, isto é, o sinal individual da presença do divino na pessoa da criança. Como tal, o nome aparece como o limite do corpo, como o obstáculo erguido contra a potência do mal. Quando uma mulher apresenta sua criança ao sacerdote, este fuma longamente seu cachimbo e sopra a fumaça do tabaco no topo da cabeça do recém-nascido. A fumaça abre-lhe o caminho para a outra fumaça, a bruma originária, de onde procedem as Belas Palavras. Ele descobre então o nome que os deuses decidiram atribuir ao novo habitante da terra e o revela aos pais.

Imagina-se facilmente o grau de segredo com o qual os índios cercam seus nomes, jamais revelados para um não-índio e usados entre si só em circunstâncias particulares. Todos os guarani do Paraguai têm nomes espanhóis, aos quais não atribuem nenhuma importância. Seu verdadeiro nome é o que é revelado pelo sacerdote após o nascimento. Comunicar esse nome seria literalmente, para eles, dividir-se em dois, separar o corpo da Palavra, perder mesmo sua substância de humanos eleitos dos deuses, seria sem dúvida expor-se à doença e talvez à morte.

*

A ira é o que sabemos inicialmente²⁹,
antes mesmo que nos exalte o belo saber.
Eis porque me falaram assim os que habitam acima de nós.
É preciso então que apreendam minhas palavras,
vocês, minhas numerosas irmãs, vocês, meus numerosos
irmãos,
essas palavras não destinadas a um fim próximo.
Os que habitam acima de nós dirão:
“Mesmo contra o seio de sua mãe a criança se irritará.
Mal ele se encontra em seu lugar,
e a cólera já o exalta.

29. Cadogan, p. 40.

Enviei sobre a terra os não-pouco numerosos destinados
a elevarem-se sobre o leito da terra:
a sua Palavra se deve que essas coisas aconteçam.
E vejam: quanto aos nomes que impomos,
quando com efeito eles nomearem as crianças,
somente então haverá para eles alegria na morada terrestre,
e não se abandonarão mais à cólera.”

A mãe: “Eis que minha criança encontra-se em seu lugar:
é para ouvir seu nome que eu o trago.”

O que impõe o nome: “Vamos colocar-nos à escuta de seu
nome.

A fim de que exista essa criança, Ñamandu, pai verdadeiro,
Jakaira, pai verdadeiro,

Karai, pai verdadeiro, façam com que o fluxo das Belas
Palavras atinjam os que, em sua morada terrestre, foram
providos de uma Palavra-habitante.

Com força, seu olhar busca, pela Palavra-habitante,
a futura mãe, o futuro pai”.

Então Ñamandu, Jakaira, Karai, pais verdadeiros:

“Quanto a mim, não enviarei mais crianças; não farei mais
com que sejam providos de nádegas.

Que seja então a vez de Tupã, pai verdadeiro;
ele, entre os que banha o fluxo de suas Belas Palavras,
entre os que ele provê de nádegas,
fará correr o fluxo das Belas Palavras sobre a morada
terrestre.

É porque, na morada celeste,
quantos aos que, inúmeros, banha o fluxo de suas belas
palavras,
os Tupã Aguyjei, os Tupã Rekoé,

Tupã, seu pai verdadeiro, fará que façam
inúmeras coisas desprovidas de toda excelência;
fará que haja, graças a todos, grandeza de coração.
Sobre as coisas em sua totalidade que não são pouco
numerosas,

lanço sua maldição:

entre elas, ereta, para sua mãe, para seu pai, ela crescerá,
essa criança na qual ele fez com que uma Palavra viesse
habitar”.

*

Da mesma forma que o nascimento, a morte faz sinais para os
deuses, pois coloca em causa a alma, a Palavra. Mas esta segue então
um caminho inverso. Ela torna a subir para a morada de onde saiu
um dia para habitar um corpo que agora acaba de deixar. É por isso que
toda morte é, para os guarani, a ocasião de renovar, através da boca
dos sacerdotes, o discurso que dirigem aos deuses. “A coisa grande
estendida”, o cadáver, produto de uma separação entre o corpo e a
alma-Palavra que retorna ao seu lugar de origem, fornece aos índios
o pretexto de reiterar aos deuses o apelo de fazerem ouvir suas vozes.
Há, no texto a seguir, amargura e comoção: o sábio que o pronun-
ciou constata com tristeza que o número dos guarani diminui sem
cessar e que a morte que acaba de acontecer amplia ainda a brecha.
Uma razão a mais, nesse caso, para repetir com força acrescida o
apelo aos divinos.

Quando uma morte acontece em uma família guarani, o cadáver
é enterrado. Uma vez decorrido o tempo necessário à putrefação, o
esqueleto é exumado e fechado em uma caixa de madeira de cedro,
que é depositada, a fim de rezar, cantar e dançar em sua homenagem,
na casa das rezas onde celebram-se os rituais. Essa antiga tradição é,
como indica Cadogan, cada vez menos respeitada pelos índios.

*

Bem! Eis-me aqui, meu pai primeiro ³⁰!
Faça que em um tempo não distante se faça ouvir
a bela grandeza do coração.
Eu, que quero me impregnar,
eu, que desejo grandeza do coração,
eis-me aqui, pobre de mim, suplicando-lhe, Ñamandu,
pai verdadeiro,
a propósito disso que é seu:
a coisa grande estendida.

Por isso você, seu pai primeiro,
faça com que sua Palavra atinja os pais verdadeiros
dos seus filhos em sua totalidade.
Você, que fez, você, o pai primeiro,
os hinos para um coração valoroso,
inspire-os em grande número!
Você, verdadeiro pai primeiro,
envolverá em sua Palavra
seus filhos de coração valoroso;
você os tomará em sua Palavra
com vistas às normas futuras
do valor do coração.

No limite desta terra,
eles o proferirão do bastão-insígnia;
farão que, uníssonos, todos os seus filhos,
os Jakaira Rekoé, os Jakaira Grande Coração
entãoem hinos.

Que graças a eles seja grande meu coração,
em favor dos pouco numerosos habitantes
que habitam nosso país.
Que graças a eles, junto aos pouco numerosos lares,
entre meus pouco numerosos companheiros,

30. Cadogan, p. 52.

que graças a eles sobre essa terra
Karai, o potente, o Karai originário,
faça reinar a potente chama, a potente bruma
de seu bastão-insígnia.

Em favor dos pouco numerosos lares que o leito da terra
porta;
em favor dos pouco numerosos habitantes
que habitam nosso país;
em favor de todos aqueles que estão longe de meu olhar;
em favor dos pouco numerosos adornados que ainda
moram;
em favor deles todos, faça com que graças ao saber das
coisas
seja potente a chama, seja potente a bruma.
Faça com que produzam belamente
aqueles que sabem, aqueles que estão à espera,
todos eles, todos.

*

O segundo hino de morte que o falecimento de um homem inspi-
rou ao sacerdote do grupo repete o velho mito da volta à idade de
ouro. Ele oferece um tom mais apocalíptico que o canto precedente,
pois profetiza o fim da terra nova, "o desmoronamento do espaço".
O tempo novo sucederá a destruição, e ele é o tempo da eternidade
divina: então a Palavra virá dar vida ao esqueleto, e os mortos ressus-
citarão. O sentimento guarani de se estimarem os exclusivos eleitos
dos deuses aparece claramente na certeza da reconquista do mundo
que o sábio profetiza: depois do desmoronamento do espaço, só haverá
os adornados para habitar a terra. "Os outros habitantes da terra
serão convertidos em Tupã", o que significa, aqui, que os brancos se
converterão em corvos.

*

Eis como nosso pai, o primeiro, dirigiu-se aos pais verdadeiros da Palavra que habita seus filhos ³¹:

“O coração da Palavra já se elevou. Retornou à morada daqueles que a haviam enviado.

“Os ossos do portador do bastão-insígnia parecem privados de graça. Parecem deixados estendidos no abandono.

“Todavia, você os banhará na doce luz de seus raios silenciosos, você, que não existe em vão. Você fará isso até o tempo do desmoronamento do espaço.

“Quando o espaço tiver se desmoronado, quando o novo tempo tiver surgido, farei que novamente a Palavra corra nos ossos do portador do bastão-insígnia.

“Farei que a Palavra reencontre sua morada.

“Então, seguramente, os outros habitantes da terra serão convertidos em Tupã.

“Em seu lugar, os adornados se erguerão sobre a morada terrestre em sua totalidade.”

*

Dos dois hinos a seguir, o primeiro foi feito por um pajé inspirado pela morte de um companheiro. O segundo é “propriedade pessoal” de um outro pajé. Ao fim de uma longa iniciação marcada por jejuns, danças, preces, que pode prolongar-se por vários anos, o pajé acede a um grau superior de sabedoria, que os deuses acabam por reconhecer. Eles manifestam esse reconhecimento comunicando ao aspirante ao “belo-saber” o texto de seu canto, que a partir de então lhe pertence exclusivamente: é a prova de que a longa perseverança para se fazer ouvir pelos deuses conseguiu comovê-los. É por isso, como faz notar Cadogan, que um tal hino pode ser entoado tanto na oca privada onde mora o sábio quanto na grande oca coletiva onde se canta e dança em comum.

31. Cadogan, p. 49.

As circunstâncias que cercaram a produção desses dois textos foram bem diferentes: a tristeza e a dor diante da morte impregnam o primeiro, enquanto que no segundo faz-se notar a confiança que os deuses inspiraram naquele que recita. Apesar disso, os dois cantos formulam exatamente o mesmo pedido: que os de cima queiram falar aos adornados! Os acontecimentos, as diferenças que pontuam a vida dos guarani, são as causas ocasionais de uma repetição do mesmo apelo aos deuses.

*

Bem! Karai, pai verdadeiro, o Pequeno ³²!

No coração de seu firmamento iluminado de raios silenciosos,

você, excelente, se ergue.

Apesar disso, eis-me novamente aqui, pronunciando os hinos.

Sim, eis-me aqui: não é em segredo

que novamente entôo os hinos.

Não é aos seres doentes de vida imperfeita que é destinada a nostalgia dessas coisas; apesar disso, eis-me aqui, tenso em um esforço sem medidas de meu hino, de minha dança.

Ensine-me, diga-me

de qual fonte, de qual fonte,

de qual saber das coisas,

houve algum dia, para você, algum dia

pronta proveniência de grandeza de coração.

Pois, seguramente, meu desejo de saber as coisas

me esgota: danço, danço

e danço ainda.

É assim. Os belos sinais que você deixou,

meu desejo é conhecê-los. E veja:

32. Cadogan, p. 53.

a propósito de grandeza do coração, eu questiono,
erguido em meu esforço,
meu pai Karai, pai verdadeiro, o Pequeno.

Não quero que à semelhança
do esqueleto deixado estendido,
que à semelhança do esqueleto do bastão-insígnia
privado de toda graça,
não quero que para meus ossos
exista um tal destino.

Quanto aos meus ossos favorecidos,
eles reduzem-se em terra,
isso não quero;
semelhante ao esqueleto privado de toda graça,
eu não quero.

Ñamandu, pai verdadeiro primeiro!
A propósito de tudo isso, você, o pai primeiro,
fará que novamente sua Palavra atinja
meu pai Karai, o Pequeno.

Oh! Nosso pai primeiro ³³!
Antes mesmo de ter conhecido sua futura morada,
no coração de sua divindade
já repousava sua Palavra,
que nada pode reter.

Eis porque nós,
aqueles que você proveu de um corpo
destinado a portar o arco,
eis porque temos lembrança
de sua bela morada inacessível.

Só você, por conseguinte,
fará correr o fluxo das palavras
sobre os que quis portadores de arco.

33. Cadogan, p. 96.

Você seguramente, não pode ser perturbado por nada.
E apesar disso nós,
aqueles que fez portadores de arco,
vimos e vimos perturbá-lo:
pois você fez que nos erguêssemos!

Você, supremo, você primeiro a erguer-se,
fez que se erguessem seus futuros filhos verdadeiros:
os numerosos Ñamandu Grande Coração
no divino espelho do saber;
Karai, pai verdadeiro,

e Jakaira, pai verdadeiro,
e Tupã, pai verdadeiro,
você os fez existir, você existindo primeiro.
São eles que nos fazem falta,
Ñamandu, pai verdadeiro primeiro!

Também seus numerosos filhos de grande coração
belamente farão mergulhar seu olhar
até o topo da cabeça daqueles que,
sobre a terra, você quis portadores de arco!
Oh! Ñamandu, pai verdadeiro primeiro!

Você, o primeiro existente,
fez de suas palavras as normas futuras
sobre a terra dos adornados.
E, sobre a terra dos adornados também,
você fez de suas palavras as normas futuras deles.
Eis-nos confiantes em você,
Oh! Ñamandu, pai verdadeiro primeiro!

Do fluxo de suas palavras
você envolve os não-pouco numerosos
pais futuros de seus filhos.

E os abriga na totalidade
de sua morada no alto,
para os que, belamente,
se lembram de você.

Para você se ergue nosso clamor.
Que aos excelentes ofereçam seus filhos
palavras em abundância!
Que entre a totalidade das coisas
que sobre a terra se levantam
pronunciem em abundância as palavras,
seus numerosos filhos de grande coração!

É para que isso aconteça
que venho perturbá-lo,
Oh! Ñamandu pai verdadeiro!

IX

TODAS AS COISAS SÃO UMA

Os textos que se seguem pertencem, em seu conjunto, ao que chamamos campo metafísico. Compreendemos, com isso, que não vêm exclusivamente do terreno da mitologia, que se situam além do mito, na meta-mitologia. Não podemos também situá-los como textos religiosos; estes são, em geral, suficientemente rígidos para tornar difícil o trabalho criador da imaginação. O discurso “metafísico”, ao contrário, não sendo nem hino, nem mito, fornece a inspiração pessoal do sábio a total liberdade de se exercer. Isso não significa que tal discurso diga qualquer coisa, que seja o discurso de um louco; é no território do mito em si que floresce tal discurso, é à luz da inquietação religiosa que se esclarece. Um homem — um sábio-pajé — conta os mitos da tribo; a inspiração, a exaltação poética tomam conta dele; ele fala a respeito dos mitos, fala dos mitos, fala além dos mitos. Existe como que uma espécie de abandono à magia do verbo, que toma totalmente conta do orador e o leva a esses picos onde habita o que sabemos ser a palavra profética.

O homem de quem obtivemos esses textos é um mbya-guarani. Nós o encontramos em 1965, na oca miserável que ocupava com sua família, no coração da floresta, perto do rio Paraná. Esse índio era um sábio, dirigente espiritual reconhecido pelos seus. Em frente a sua oca erguia-se uma construção relativamente baixa, construída sobre um eixo leste-oeste e aberta “do lado de nosso rosto”, para a direção de aparição do sol nascente. Lugar sagrado do culto, casa das danças e das preces onde se reúnem os adornados para se dirigirem aos deuses. Ao longo da parede de troncos de palmeira partidos ao meio, erguiam-se três estacas enfiadas na terra, três bastões-insígnias coroados por plumas. Nosso informante afirmava não ter nenhum nome além desse espanhol, Soria; nunca tinha ouvido falar de nome indí-

gena! Por uma irreflexão de sua parte, todavia, ele foi levado a nos confiar, sussurrando no ouvido, o nome religioso de seu filho, um menino com cerca de dez anos de idade: Ro'yju, Frio eterno.

A gravação se deu ao longo de aproximadamente dez dias ou, melhor dizendo, dez noites, pois sempre aconteceu noturnamente, à luz do fogo. No início, tínhamos a intenção de coletar novas versões dos mitos guarani e, mediante a promessa de honorários convenientes, nosso anfitrião concordou de bom grado com esse desejo. Mas, às vezes prisioneiro de si mesmo, exaltando-se ao dizer o que os guarani possuem de mais precioso, caindo na armadilha que o liberava de toda restrição, nosso informante esquecia, no auge da graça, que era um homem, e falava como se fosse um deus. Foi dessa forma que pudemos coletar esses textos freqüentemente estranhos que na maior parte surpreenderam León Cadogan quando este os ouviu. Com efeito, tanto se trata de um índio que conta um mito, tanto de um sábio que transmite seu saber e seus conselhos aos membros da tribo, enfim, tanto do próprio deus, que, aniquilando-o como homem, faz a morada exclusiva da palavra divina, que o habita inteiramente. Parece-nos não ser difícil observar, em cada caso, as seqüências atribuíveis seja ao narrador de mitos, seja ao guia espiritual, seja ao deus.

Esses textos de fato prolongam — e ultrapassam — como dissemos, as narrações de mitos, essencialmente o dos Gêmeos. Afastamos todos os elementos já presentes nas versões reproduzidas na segunda parte deste trabalho, para reter só os temas novos, que ainda não figuram em nenhuma das versões conhecidas. Trata-se, em particular, da subida dos irmãos ao céu através da coluna de flechas plantada umas sobre as outras e do aparecimento da irmã dos meninos, Urutau, o corvo noturno de canto lúgubre que chora na floresta, no crepúsculo, e faz sobressaltar o viajante, de tanto que se parece ouvir uma lamentação humana. Poderemos constatar, com uma simples leitura, que os elementos não-diretamente mitológicos escapam à análise estrutural e pedem um outro tipo de explicação. Queremos aqui oferecê-los somente à curiosidade e, talvez, à emoção do leitor.

.. É preciso atravessar as águas grandes. Sim, indiscutivelmente é preciso que as atravessemos, e às vezes mesmo contra nossa vontade. Atravessamos as águas porque as circunstâncias nos obrigam a fazer isso.

Eis o grande mar que fizemos, meu caçula. Que ele permaneça convertido em mar! Para comer, já temos tudo o que é preciso, caçula. De que ainda precisaríamos nesta terra feia?

— Dancemos para ir lá em cima!

Quando acabaram de dançar, Sol disse ao caçula:

— Vamos atirar nossas flechas para o céu que vemos lá em cima, vamos atirar para o alto! Vejamos se elas tornam a cair!

Atirou uma flecha para o alto. Apurou os ouvidos para o que se passava sobre a terra, mas não ouviu nada: a flecha não havia voltado.

— Atire mais uma vez, meu caçula!

Ele lançou uma flecha para o alto. Prestaram atenção: ela também não voltou. E iam atirando flecha atrás de flecha. Quando a coluna de flechas atingiu a terra, Caçula perguntou:

— Que vamos fazer?

— Aproxime-se, meu caçula! Aproxime-se, minha irmã Urutau! Vamos levar nossa irmã para cima! Se ela quiser vir, nós a levaremos. Se não quiser, que fique! Que fique chorando sobre esta terra feia. Lá em cima, dizem, estão nosso pai, o grande, e nosso pai que sabe as coisas. Não esqueçamos isso. Sobre a porta da morada deles você plantou sua flecha, meu caçula. Esta coluna de flechas é o caminho que nos vai conduzir para cima.

“Quanto a ela, que fique em nossa morada que abandonamos! Que permaneça também o *urucu* que se ergue junto a nossa morada abandonada. Então, lembrando-se dessas coisas, as mulheres cantarão em nossa ausência. Cantarão em nossa ausência, essas crianças que teremos abandonado.”

“Os que crescerão sobre esta terra feia, vendo tudo isso, se lembrarão de nós, seus pais, e cantarão.”

“Quando aquele que habita do lado de nosso rosto souber de tudo isso, então nossas crianças conhecerão todos os nossos costumes originários, os que vão ficar para nos substituir, meu caçula, conhecerão todos os costumes originários. Vamos.

Sol dirige-se a sua irmã Urutau:

— Sente-se sobre esse tronco de árvore! De lá, olhe-nos o máximo que puder ver no ar. Quando nos tiver perdido de vista, não chore!

Em sua morada, pronunciaram preces. Depois partiram, voando para o alto. Chegaram:

— Pai, por que nos abandonou? Nós estávamos em uma situação penosa, e você nos abandonou sobre esta terra feia!

“Você vai voltar para esta terra feia. Por nos ter abandonado sobre esta terra feia contra nossa vontade, para expiar esse abandono, você vai voltar sobre esta terra. Ele é meu caçula e se chama Guyrapepo, Asa de Pássaro. E eu sou o primogênito.”

— Não, meu filho, não fique irritado! É preciso que eu fique em minha morada originária! Pois sou Ñanderuvusu, e você é meu filho, e você também, você é meu filho.

Eles eram, efetivamente, as crianças que tinham nascido juntas, estavam situadas juntas.

O mais velho disse então:

— Não nos preocupemos, meu caçula! Eu vou ficar aqui. Vou ficar com meu pai Ñanderuvusu: nós nos colocaremos à escuta do que se passa sobre a terra corrompida.

Urutau chorava.

— Não fique com pena de que ela tenha ficado, meu caçula. Não se lamente porque nossa irmã Urutau está em prantos. Que fique aí! Não se preocupe. Que esta terra imperfeita continue assim, e que ela prospere para nós.

“Que essas grandes águas corram! Daí vão nascer os rios. Eis as grandes águas que criamos. E eis os riachos que irão se unir a seus futuros senhores. São coisas que não permitiremos que sequem. Fomos nós que abrimos tudo isso: as raízes das árvores de onde brotam as águas. Elas não são destinadas a secar, meu caçula!”

“Essas árvores são o fruto de nossa sementeira. Fomos nós que plantamos essas árvores. Que produzam frutos, para que possam comer aqueles que habitarão sobre a terra corrompida. Tudo isso é o que dispusemos.”

“Se tudo isso secar, se caírem os galhos, então a partir disso se criará novamente a terra. Também a propósito das árvores que caem e apodrecem, não choremos, meu caçula!”

“Vamos prestar atenção ao movimento dos que enviamos, dos que habitam sobre a terra corrompida. Eles são nossos animais domésticos. Mas nós não devemos sentir o desejo de ser seus senhores. Eles deverão criar seus filhos de modo que os tenhamos sempre sob os olhos. Nós os faremos brincar novamente conosco, e sua mãe chorará, e seu pai chorará.”

“Coloquemos as coisas em ordem, meu caçula. Essas coisas são quentes, pois estão situadas ao lado do sol, no limite do sol. O que está situado nos arredores do sol é Ñavandu. Ele é quem produz a bruma. É preciso que seja ornado de uma coroa de plumas, que seja coberto por bol-driés de plumas. Deverá também possuir a flecha. Que leve tudo isso consigo em suas viagens pelos caminhos abandonados da terra. Tudo isso são coisas que não podemos ne-

gligenciar. É preciso, meu caçula, que nos lembremos de tudo isso para nosso futuro.”

“Nosso mensageiro já está aqui. Que ele retire da terra imperfeita todas as coisas que podem ser nocivas às crianças. Em seguida iremos espionar aqueles a quem permitimos brincar sobre a terra corrompida. Para espionar aqueles que permitimos brincar sobre a terra corrompida, é preciso primeiramente que se eleve a bruma.”

“Que vão, os mensageiros, que fiquem na escuta, que vão limpar o que descobrirão em nosso futuro caminho. Então, nós partiremos.”

“Eis porque devemos nos dispor em ordem, dançar, escutar.”

“Ele é o enviado do mestre do bastão-insígnia, aqueles a quem chamamos Ñavandu. Nós dizemos que todos os cantos são bons. Mas o canto de Ñavandu é quente. É por isso, meu caçula, que não deve se apaixonar demais por ele.”

“Que Ñavandu continue a existir como nosso mensageiro futuro. Ele carregará o que encontrar, ele carregará com sua flecha. Dos que serão atravessados por sua flecha, aqueles que morrerem morrerão, e aqueles que não morrerem não morrerão. E ele continuará a limpar os caminhos para nós.”

“E, quanto a este, sim, vamos escutá-lo! Ele é o mestre da grande peneira. Em sua grande peneira ele leva água, lá em cima, para molhar esta terra corrompida, para que haja chuva.”

“Nesta laguna que transborda, que ele pegue água em sua peneira. Nós a deixaremos cair em seguida sobre a terra feia, a fim de que haja frescor para as crianças que nela brincam.”

“O lugar em que poderemos nos distrair já não está distante. Tupã já não está distante. Nós, simplesmente, ain-

da não atingimos a morada de Tupã; é por isso que continuamos a errar sobre esta terra feia.”

“Atingiremos a morada de Tupã através do que chamamos dança. E, perseverando na dança, nós a atingiremos, meu caçula!”

“E nós, que não dispusemos essas coisas, refrescaremos a terra chamando um grande vento de muito longe.”

“Vão, mensageiros, abram um caminho para nós: pois vamos nos pôr em marcha, a fim de ir em paz adiante das coisas.”

“Iremos com nossos trovões. Vamos trovejar, vamos ferir as coisas assustadoras. Nós livraremos delas a terra onde brincam as crianças.”

“Se a vista de nossos mensageiros alcança longe, se ela é aguda, tiraremos todas as coisas perigosas. Nos troncos das árvores secas encontram-se os senhores delas. Vamos feri-los! Os trovões se farão ouvir, e eles desaparecerão. Os trovões tocarão as árvores secas, romperão todos os galhos das árvores secas, e isso será bom.”

“Tudo isso, todas essas coisas, é impossível que sejam contadas.”

“E, quanto às coisas que são saídas dos homens brancos, nós não sabemos. Nós possuímos o arco eterno, possuímos a flecha eterna. Agora podemos ter o coração tranquilo para andar nos caminhos desta terra corrompida.”

“Todas essas coisas feias, nós não as aprovamos! É por isso que colocamos ordem nelas! Somente assim, vocês, meus filhos, se erguerão sobre esta terra feia, meus filhos!”

“Vocês me escutam, meus filhos? Eu os estou aconselhando. Já não me sinto mais feliz aqui. Esta terra corrompida, nós vamos abandoná-la. Sobre esta terra corrompida abandonaremos nossos corpos. Mas nossa Palavra, sim, nós

a levaremos para o firmamento. Quanto a nossa Palavra, devemos levá-la para o firmamento.”

“Lá onde temos necessidade de ir, Tupã nos guiará. Essa grande água, esta coisa que chamamos mar, esta coisa que criamos, é preciso que a atravessemos; somente depois de atravessar esta água grande é que chegaremos na morada de nosso pai e de nossa mãe.”

“Vejam! Os bastões que dispusemos estão aqui. São os suportes das tochas. Devemos possuir belos suportes para nossas luzes. E devemos também usar belos ornamentos.”

“Tenham e respeitem esses ornamentos que nosso pai possuía! Se não nos servirmos de todas essas coisas, não poderemos prosperar nesta terra feia. Mas, se usarmos todos esses belos ornamentos, então seguramente não ficaremos mais que o necessário nesta terra imperfeita.”

*

Sem dúvida, uma longa explicação deveria acompanhar o texto que acabamos de ler, tal a riqueza de pensamento que congrega e bela a linguagem que enuncia. Isto ultrapassaria em larga medida a finalidade que nos propusemos: apresentar uma antologia dos grandes textos guarani. Vamos nos limitar então a formular uma hipótese de ordem etimológica. Estamos bem colocados para saber como esse exercício é perigoso quando se trata da língua guarani. Ela é constituída de tal forma, que a qualquer grupo mínimo formado seja de uma ou duas vogais, seja de uma consoante e de uma vogal um sentido pode ser atribuído. De modo que se poderia, aparentemente, analisar cada termo composto e, a partir do sentido de cada elemento, descobrir o sentido original do termo em questão. Mas é justamente a facilidade do procedimento que torna incerta, para não dizer ilusória, qualquer pesquisa etimológica. Tomemos como exemplo um termo corrente: *ysypo*, nome genérico dos cipós. Podemos separá-lo em *ysy*, a resina, e *po*, a mão. O sentido etimológico da palavra *ysypo* seria então: a mão de resina. Mas podemos levar mais longe a análise, isolando três elementos: *y*, a água; *sy*, a mãe; e *po*, a mão. Nesse caso,

ysypo (o cipó) significaria, de fato: a mão da mãe d'água. E assim vemos que a etimologia corre o risco de ser, em guarani, uma pesquisa estéril.

Todavia vamos correr o risco e consideraremos o nome próprio que aparece várias vezes nesse texto: *Ñavandu*. Não se trata aqui, de forma alguma, de um erro tipográfico que teria substituído o *m* pelo *v*; *Ñavandu* é uma versão rara do nome do grande deus *Ñamandu*, mesmo que, em nosso texto, esse deus tenha um papel e preencha funções que não são as do *Ñamandu* habitual. Reflitamos sobre o nome *Ñavandu*. Uma regra da fonética guarani diz que, quando uma palavra começando pelo fonema *j* é seguida de um fonema nasalizado, o *j* transforma-se em *ñ*. Poderíamos ver então no *Ña* de *Ñavandu* a transformação exigida pela nasalização do *ndu*, de um *Ja* inicial. A palavra *Ñavandu* seria então composta pelo termo *java* e o sufixo *ndu*. Ora, em *java* (ou *jawa*, ou *jagua*), reconhecemos o jaguar. E podemos então delirar: a figura do jaguar, cuja importância na mitologia guarani conhecemos, figura que se converte aqui em deus supremo.

*

No texto a seguir, nosso informante queria contar a criação da nova terra, mas foi tomado por uma exaltação tão intensa, que logo tornava-se um deus profetizando aos homens seu destino.

A terra imperfeita

Para criar a terra imperfeita, o principal dos Tupã deu instruções a seu filho:

“Vá à terra imperfeita! Disponha os fundamentos futuros da terra imperfeita! Que a pindo eterna e a pindo azul nela sejam refrescantes! Se elas não nos forem favoráveis, então as coisas irão mal.”

“A pindo é a nervura de nosso corpo. Se ela não nos for favorável, então as coisas irão mal, meu filho.”

“Instale um gancho sólido de planta *chirca* como futuro apoio da terra. Dê um bom apoio à terra! Uma vez

colocado o apoio, ponha um pouco de terra por cima. E, sobre essa terra, plante uma *guavira* e uma *guaropoity*, para que nela frutifiquem.”

“É o pequeno porco selvagem que vai provocar a multiplicação da terra. Se ele assegurar para nós o crescimento da terra, ela irá bem! Coloque somente um pouco de terra: e que daí se desdobre a terra imperfeita. Quando ela atingir o tamanho que desejamos, eu o avisarei, meu filho.”

“Ponha um bom gancho para a terra. Não use dois, porque, se colocar dois, nós não poderemos tomar conta deles. Desse único que tiver colocado, desse nos ocuparemos. Precisamos de terra, pois a água já ameaça nos submergir. Se ela passar por cima de nós, isso não será bom. Permaneceremos transformados em senhores do tapir, e isso não será bom, pois nós, que vivemos no coração da floresta, temos necessidade de terra.”

“Que o pequeno porco selvagem perfure a terra, que ele a perfure entre as raízes de *chirca*. Que se forme a terra imperfeita. Que o pequeno porco selvagem faça crescer para nós a terra imperfeita. Nós não vamos matá-lo, meu filho. Veja a água: que aí seja seu bebedouro, que se refresque nela. Que ele repouse à sombra da *guavira*, a fim de que se desdobrem para nós as coisas imperfeitas.”

“E, se quiser que a terra queime novamente, tirarei o gancho. E nenhum Ñande Jara, nenhum Nosso Senhor, o recolocará. Então nada existirá, e partiremos todos. Não haverá mais habitantes sobre a terra. Os que chamamos de homens brancos não existirão mais, serão todos destruídos. Esses homens diferentes, quando não querem mais seus trapos, jogam-nos para nós.”

“O que chamamos de bruma está pesado. O que chamamos de bruma é o produto do que nosso pai verdadeiro fumou. A bruma exala-se sobre a terra imperfeita. Se os

efeitos da bruma tornarem-se nocivos, avisem-me, pois eu também tenho o costume de cantar. Saberei o que fazer, eu virei e a dissiparei. Farei que a bruma seja leve para a terra imperfeita. Somente assim esses pequenos seres que enviamos sobre a terra se refrescarão e serão felizes. Quanto a eles, devemos distraí-los. Vou ocupar-me disso. Somente o granizo e os ventos poderão eliminar a bruma. Se ela se tornar nociva, será porque Ñamandu terá fumado em um cachimbo imperfeito. E, se cobrirem de trevas os lugares por onde passamos, avisem-me e tirarei a bruma desta terra imperfeita. Somente assim poderemos reencontrar o caminho que devemos seguir. E, se isso não acontecer assim, a única coisa que podemos fazer é abandonar esta terra, pois jamais nos habituaremos a essas coisas.”

“Todas as coisas que são uma e que não desejávamos, elas são más.”

“Veja! Temos o jaguar azul! Nós o temos a fim de que o sangue da lua não caia gota a gota sobre a terra imperfeita, nós o temos para que ele beba o sangue da lua.”

“A pequena cutia eterna é também nosso animal doméstico. Quanto ao jaguar azul, nós o temos somente para que beba o sangue da lua. Quanto a nós, manipularemos a carne da lua. Nós nos apoderaremos dela e a ofereceremos a Tupã, para sua futura alimentação.”

“Dessa maneira, aqueles que enviamos sobre a terra, para que nela cantem, nós os faremos prosperar.”

“Eles encontrarão suas futuras esposas, terão filhos; poderão assim atingir as palavras que surgem de nós. Se não as atingirem, isso não será bom. Tudo isso, nós o sabemos.”

“Por conseguinte, deixemos o pequeno porco selvagem consagrar-se a procurar a terra imperfeita. Somente quando eu me irritar com o gancho da terra não haverá mais terra.”

“Eu, Tupã, lhes dou esses conselhos. Se um desses sa-beres permanecer em seus ouvidos, em sua audição, então vocês conhecerão meus rastros. Agora estou partindo para o alto.”

“Você terá, meu filho, a ocasião de se lembrar de tudo isso, e você cantará. Que subsistam as coisas que dispus! Eu, de longe, prestarei atenção.”

“Somente assim vocês atingirão o termo que lhes foi indicado.”

“Eu vou para longe, vou para longe, vocês não me verão mais! Por conseguinte, meus nomes, não os percam!”

*

Deixando de lado qualquer tentativa de análise, nós nos limita-remos a atrair a atenção do leitor para a obscura referência, ausente de qualquer outro mito, que no fim o narrador faz ao sangue da lua, lambido pelo jaguar azul, e à carne da lua, manipulada e depois oferecida a Tupã. Não podemos nos impedir de articular essa descrição de um canibalismo divino à antropofagia ritual dos antigos tupi-guarani, que, como sabemos, comiam seus prisioneiros de guerra. Talvez nos encontremos aqui diante do mito, semiperdido ou deformado, que fala sobre a origem do canibalismo...

Quanto à alusão, desprovida de qualquer equívoco, a Nande Jara, ela traduz o combate da religião indígena contra a dos brancos: Nande Jara é, com efeito, o nome guarani de Cristo, Nosso Senhor.

*

Depois de ter nomeado todos os pássaros e todos os animais da floresta, Sol disse ao caçula:

“Vamos construir nossa casa e plantar, para podermos viver! Porque sem dúvida nossos filhos terão fome. Vão querer comer todos os dias. Nós não viveremos muito tempo mais sobre esta terra feia. Esta terra feia já não é mais

suficientemente fresca para nós. Esta terra feia já não é mais um lugar que possamos continuar a frequentar.”

“Eis porque é preciso ensinar aos nossos filhos o que é necessário saber para viver, para que saibam viver em nossa ausência, assim como vivemos sobre esta terra feia.”

“Os cantos que entoamos, eles também os entoarão. E ficaremos na escuta, para saber se eles cantam ou não. Quando Tupã se erguer, eles deverão entoar os cantos que nós lhes ensinamos. E quando voltarmos para visitar a terra, seremos acompanhados de um grande vento. Por isso será preciso arrimar bem as casas. Prestaremos atenção aos seus clamores.”

“Esta terra feia é uma coisa que Tupã fez. Quanto a nós, não a suportamos mais, vamos embora. Eis aqui a casa grande onde todos poderão se divertir. Eis aqui o *urucu*, que deixamos para que suas irmãs se penteiem para nos agradar.”

“Não se esqueçam de dançar!”

Há muitas nações sobre a terra. Não se impacientem com elas! Continuem a dançar! Agitem seu chocalho de dança com força. Que suas irmãs os acompanhem com seus bastões de dança. Que elas saibam manejá-los! Entoem bem, sem se enganar, os cantos que Tupã lhes inspirou. Coletemos para suas irmãs: somente assim elas os saberão. Se não coletarem esses cantos, se não tiverem paciência, se a perseverança lhes faltar, se não tiverem paciência com seu próprio corpo, então vocês não adquirirão a força.

Que continue a crescer o *urucuru* imperfeito! Que com este *urucu* as mulheres se enfeitem, e não com os ornamentos dos homens brancos! Pois devemos permanecer à parte.

As coisas dos homens brancos, nós não as suportamos sobre esta terra feia!

*

Os dois curtos resumos que precederam pontuavam o conto do mito dos Gêmeos. No primeiro discurso, o informante fala como se fosse nosso próprio irmão mais velho, Sol. No segundo, assume com vigor seu papel de líder e sábio: apelo destinado aos índios, para que permaneçam com tenacidade fiéis aos antigos valores, a dançar, cantar, pintar-se com *urucu* etc. Ao tema constantemente evocado da presença do mal sobre a terra feia encontra-se associado o da existência de outra forma do mal: o mundo dos homens brancos. A fidelidade tribal à religião tradicional impõe-se então com maior urgência à medida que a dos brancos se torna mais ameaçadora.

É isso que o deus Ñamandu constata amargamente no texto a seguir. Ele renova, claro, o apelo para que continuem à escuta de sua palavra: "Essas palavras que coloco para você, não as deixe dispersar, meu filho!" Mas a verdade pungente, entretanto, é que "todos os seres que estimamos (subentende-se os índios guarani) já não são mais nada". E isso provém da impotência de Ñamandu frente a Tupã.

Uma breve explicação se impõe. O Tupã nomeado aqui não é, como se poderia crer, essa figura maior do panteão guarani. Trata-se simplesmente do Deus cristão. Efetivamente, é preciso lembrar que, tanto entre os tupi brasileiros a partir do fim do século XVI, quanto entre os guarani do século XVII, os missionários jesuítas, para nomear em guarani o Deus que queriam ensinar aos índios, adotaram o nome do deus autóctone Tupã. De modo que, para os guarani contemporâneos, existem dois Tupã: o seu, mestre das tormentas e do frescor, e o dos brancos. É, fica evidente, deste último que Ñamandu, humilhado, descobre a força invasora: "Tupã canta mais que eu!"

Todavia uma ameaça fecha o discurso do deus: se ele recobrar sua força, "as coisas serão então difíceis!" A bruma com a qual poderia recobrir a terra é a mesma onde nascem, redentoras e guerreiras, as Belas Palavras.

*

"Eu, Ñamandu, pai verdadeiro, vou falar agora com meu próprio saber, pois sou aquele que examina todas as coisas."

"Quanto a você, conhecerá espontaneamente todas as coisas suscetíveis de lhe fazerem mal. Por isso pronuncio essas palavras para você. Tudo isso, saiba-o! Essas minhas

palavras, faça com que habitem sua cabeça. Essas palavras que coloco para você, não permita que se dispersem, meu filho! Que habitem sua cabeça, a fim de que ela possa ter conhecimento de todas as coisas que coloco para você."

"Todos os seres que estimamos já não são mais nada. Quanto àqueles que cantam, Tupã pai verdadeiro já não os conhece mais."

"Eu, às vezes, não tenho mais poder contra Tupã, porque ele canta mais que eu. Canta mais que eu, Tupã! Não sei."

"Porque Tupã engloba tudo em seu olhar, não faço mais nada. Agora, humilho-me diante de Tupã, porque já não sei mais nada."

"Mas, se algum dia eu proceder com força, então as coisas serão difíceis. Porque eu coloco a bruma!"

X

EXISTO DE MANEIRA IMPERFEITA

Escutemos, enfim, o hino que, na aurora de um dia de junho de 1965, um sábio mbya entoou. Tudo é dito aí: o medo e o tremor dos adornados diante do silêncio dos deuses; a esperança e a certeza de que, assim como seus ancestrais, os Jeguakava de agora aprenderão com os de cima, que continuam a ser os eleitos dos deuses.

Hino matinal

Meu pai! Ñamandu! Você fez com que eu de novo me erguesse!

Da mesma forma, você faz com que novamente se ergam os Jeguakava, os adornados em sua totalidade.

E os Jeguakava, os adornados, você faz com que novamente eles também se ergam em sua totalidade.

E, quanto a todos aqueles a quem você não proviu do jeguaka,

você faz com que também eles se ergam em sua totalidade.

E veja: a propósito dos adornados,

a propósito daqueles que não são seus adornados,

a propósito de todos, eu questiono.

Entretanto, quanto a tudo isso,

as palavras, você não as pronuncia mais, Karai Ru Ete:

nem por mim, nem por seus filhos destinados à terra

indestrutível,
à terra eterna que nenhuma pequenez altera.
Você não pronuncia as palavras onde habitam
as normas futuras de nossa força,
as normas futuras de nosso fervor.

Pois, na verdade,
existo de maneira imperfeita.
Meu sangue é de natureza imperfeita;
minha carne é de natureza imperfeita,
ele é assustadora, é desprovida de qualquer excelência.

Estando assim dispostas as coisas,
a fim de que meu sangue de natureza imperfeita,
a fim de que minha carne de natureza imperfeita
sacudam-se e joguem para longe sua imperfeição:
de joelhos dobrados me inclino³⁴ para um coração valoroso.
E todavia você não pronuncia as palavras.

Também, por tudo isso,
não é de forma nenhuma em vão que tenho, quanto a mim,
necessidade de suas palavras:
as das normas futuras da força,
as das normas futuras de um coração valoroso,
as das normas futuras do fervor.

Nada mais, entre a totalidade das coisas, inspira valor ao
meu coração.

Nada mais me faz sinal para as futuras normas de minha
existência.

E o mar maléfico, o mar maléfico,
você não fez com que eu o atravessasse.

34. Descrição do movimento da dança ritual.

É por isso, na verdade, é por isso que só existem em pequeno número, meus irmãos, que só existem em pequeno número, minhas irmãs.

Veja: a propósito dos poucos numerosos que existem, faço ouvir minha lamentação.

A propósito deles, novamente pergunto: pois Ñamandu faz com que se ergam.

As coisas estando assim dispostas, quanto aos que se erguem, em sua totalidade, é a sua alimentação que dirigem a atenção de seu olhar, todos eles; e disso que a atenção de seu olhar se dirige para sua alimentação futura eles são então os que existem, todos eles.

Você faz que tenham saída suas palavras, você inspira seu questionamento, você faz que deles todos se eleve uma grande lamentação.

Mas veja: eu me ergo em meu esforço, e todavia você não pronuncia as palavras, não, em verdade, você não pronuncia as palavras.

Em conseqüência, eis o que fui levado a dizer, Karai Ru Ete, Karai Chy Ete: aqueles que não eram pouco numerosos, os destinados à terra indestrutível, à terra eterna que nenhuma pequenez altera, todos aqueles, você fez que em verdade eles questionassem, antigamente, a propósito das normas futuras de sua própria existência. E seguramente eles as conheceram em sua perfeição, antigamente.

E se, quanto a mim, minha natureza se livra de sua costumeira imperfeição. se o sangue se livra de sua costumeira imperfeição de antigamente:

então, seguramente, isso não provém de todas as coisas más, mas de que meu sangue de natureza imperfeita, minha carne de natureza imperfeita se sacodem e jogam para longe de si sua imperfeição.

É por isso que você pronunciará em abundância as palavras, as palavras de alma excelente, para aquele cuja face não é dividida por nenhum sinal³⁵. Você pronunciará em abundância as palavras, Oh! Você, Karai Ru Ete, e você, Karai Chy Ete, para todos os destinados à terra indestrutível, à terra eterna que nenhuma pequenez altera, Você, Vós!

35. Isto é, para aquele que recusa o batismo cristão.

BIBLIOGRAFIA

Cadogan, León. *Ayyu Rapyta. Textos míticos de los mbya-guarani del Guaira*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim n.º 227, Antropologia n.º 5, 1959.

Nimuendaju, Curt. "Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der apapokuva-guarani", *Zeit. Ethnol.*, vol. 46, 1914, pp. 284-403. Trad. espanhola de Juan Francisco Recalde, *Leyenda de la Creacion y Juicio Final del Mundo*, como fundamento de la religion de los apapokuva-guarani. São Paulo (Brasil), mimeografado, 1944.

Thevet, André. *Les français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVIIe. siècle. Le Brésil et les brésiliens*. Paris, Presses Universitaires de France, 1953 [31 gravuras em madeira]; escolha de textos e notas feita por Suzanne Lussagnet, introdução de C.-André Julien. [coleção Internationale de Documentation].